

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
RICARDO FRUGOLI**

**TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E  
ACOLHIMENTO NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE  
NAZARÉ: O CAMINHO DA CASA DA MÃE**

São Paulo  
2019

**RICARDO FRUGOLI**

**TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E  
ACOLHIMENTO NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE  
NAZARÉ: O CAMINHO DA CASA DA MÃE**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões e Contextos da Hospitalidade, sob a orientação da Profa. Dra. Mirian Rejowski.

São Paulo  
2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

944t

Frugoli, Ricardo

TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO NA  
ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ: O CAMINHO DA  
CASA DA MÃE / Ricardo Frugoli. - 2019.  
193f. : il.; 30cm.

Orientador: Mirian Rejowski.

Tese (Doutorado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi, São  
Paulo, 2019.

Bibliografia: f.160

1. Hospitalidade. 2. Acolhimento. 3. Turismo religioso. 4. Romaria de  
Nossa Senhora de Nazaré. 5. Relações entre hóspedes e anfitriões.

CDD 647.94

**RICARDO FRUGOLI**

**TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E  
ACOLHIMENTO NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE  
NAZARÉ: O CAMINHO DA CASA DA MÃE**

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_.

---

Nome do orientador/titulação/IES

---

Nome do membro convidado/ titulação/IES

---

Nome do membro convidado/ titulação/IES

---

Nome do membro convidado/ titulação/IES

São Paulo  
2019

Dedico este trabalho a Maria Luiza Frugoli, minha sobrinha e afilhada.  
Que o conhecimento seja sempre a bússola nos caminhos-romarias da sua vida!

## AGRADECIMENTOS

*O pó da estrada gruda no meu rosto,  
Como a distância, matando as palavras,  
Na minha boca sempre o mesmo assunto,  
O pó da estrada.*

*O pó da estrada brilha nos meus olhos,  
Como as distâncias mudam as palavras,  
Na minha boca sempre a mesma sede,  
O pó da estrada.*

*Conheci um velho vagabundo,  
Que andava por aí sem querer parar,  
Quando parava,  
Ele dizia a todos,  
Que o seu coração ainda rolava pelo mundo.*

*O pó da estrada fica em minha roupa,  
O cheiro forte da poeira levantada,  
Levando a gente sempre mais à frente,  
Nada mais urgente,  
Que o pó da estrada,  
Que o pó da estrada.*

*Sá, Rodrix & Guarabyra*

Este trabalho é a cereja do meu bolo. Digo do meu bolo porque estou muito feliz com o resultado. Apesar de sofrido para mim, por ter de aprender “na marra” a lidar com a disciplina e com a solidão, ele me enche de alegria.

Foi maravilhoso ter a oportunidade de, por meio da etnografia, aventurar-me pela antropologia. Como curioso que sou, graças à convivência com uma mãe geminiana, tornei-me pesquisador e, nesta última experiência, na condição de romeiro. Como indicava o método usado, afastei-me do grupo original por 30 dias, esqueci-me e, por 27 horas, fui um deles intensivamente: um romeiro paraense, honrando o título de cidadão honorífico do estado do Pará a mim concedido em 2013.

Claro que não é fácil assim, mas pode ser menos difícil se estivermos dispostos a nos jogar em tal aventura, despindo-nos de nós mesmos. No contexto da experiência vivida, na romaria, dentro do ambiente sagrado, caminhando com um grupo de acima de 1000 romeiros, talvez tenha sido mais fácil esquecer de mim. Nessa caminhada de fé de 80 km, fui envolvido em uma catarse coletiva, entre cânticos e orações em louvor a Nossa Senhora de Nazaré e, assim como me ensinaram, caminhamos com destino à Casa da Mãe para ver aquela que protege todos

os seus filhos. Fomos enfrentando o sol e as chuvas da Amazônia, com os pés feridos e sem forças, em êxtase, entre histórias e milagres que aqueles romeiros carregam consigo, repletos de uma gratidão sem fim.

Como entender o acolhimento sem ser acolhido? Como entender a entrega sem ser a entrega? O romeiro é o seu próprio ex-voto: entrega-se por meio do sacrifício. Não existem palavras para descrever essa profunda experiência. Os anfitriões, na visão dos romeiros, tornam-se anjos. E falando em anjos, a eles começo agradecendo pelo acolhimento e pela aula prática de hospitalidade.

Agradeço o acolhimento e a hospitalidade do Professor Nazareno, de Socorro e de toda a família Abraçado, que me acolheu na Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, e não apenas a mim, mas também acolheu minha história e, junto com ela, um símbolo que portava sem saber como lidar: uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Sem querer, ela foi se tornando sagrada durante o processo de pesquisa, entre meus treinamentos e andanças, a ponto de me sentir na obrigação de levá-la comigo a campo. No entanto, foi na pesquisa que ela se consagrou completamente, tomando significados maiores e, com o perdão da ciência, tornando-se sagrada. Inicialmente, ao ser presenteada com o manto oficial da Santinha da Romaria de Castanhal (do ano anterior); posteriormente, por ter sido carregada de mão em mão pelos romeiros entre Castanhal e a Casa da Mãe devido à minha impossibilidade de trabalhar na pesquisa e, ao mesmo tempo, transportá-la.

Agradeço profundamente a esses romeiros, que foram meus anfitriões. Como não há possibilidade da etnografia sem a hospitalidade, obrigado por me permitiram acessar o grupo com quem caminhei, rezei, cantei, sofri e chorei. Um agradecimento especial à Dona Nilza, sábia e a mais antiga romeira em atividade no grupo, e ao casal Janaina e Jorge, meus parceiros de longas e profundas conversas durante a caminhada.

Tornando-me romeiro, agradeço aos meus anjos e suas aulas de hospitalidade: Dona Rita, que criou um galpão em sua casa para acolher os romeiros, Senhor Valter, Sheila e Vitória que, com sua tenda armada artesanalmente, ofereceram alimento, descanso e principalmente um abraço dado carinhosa e entusiasticamente pelo anfitrião, Senhor Valter. A Lucimar e Gilda que, com sua tenda de acolhimento e seus 60 voluntários, atenderam a mim e a mais de 16 mil romeiros no ano de 2017. E também às dezenas de anfitriões espalhados pelo caminho da casa da Mãe, como a Guta e seu pai: “Mingau com canela ou sem canela?”.

Para praticar o acolhimento, é necessário colocar-se no lugar do outro.

Agradeço muito à minha orientadora, Profa. Dra. Miriam Rejowski, pela amizade, pela parceria e paciência durante todo o período do doutorado. Sobretudo agradeço por se aventurar comigo pela etnografia e por até vivenciarmos, juntos, situações de campo, de “dentro e de perto”. Sou muito grato pelas transformações profundas que provocou, por meio dos ensinamentos deferidos, muitas vezes incompreendidos, mas posteriormente entendidos e aprendidos. Graças a eles, eu me sinto pronto para dar meus primeiros passos. A senhora me transformou nesta possibilidade de me tornar doutor com a força e a responsabilidade que o título merece. Se eu for merecedor, espero vir a ser um motivo de alegria.

Agradeço à Profa. Dra. Marielys Siqueira Bueno, Dádiva. Assim a apelidam e se referem a ela alguns daqueles que, como eu, tiveram e têm o privilégio de sua convivência, a própria dádiva. Eu, em especial, agradeço por todos os semestres em que, por anos seguidos, assisti às suas aulas, mesmo não matriculado, mesmo sendo a mesma disciplina, mesmo sendo o mesmo tema. Aprendi profundamente em todas as oportunidades. Agradeço por nossas viagens pelas festas do Brasil e do mundo, onde, a cada viagem, meu olhar como aprendiz de antropólogo, era mais treinado com as infundáveis aulas teóricas ao lado do fenômeno. Gratidão, pela dádiva de conviver com a Dádiva.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Octavio de Lima Camargo, pois o seu conhecimento e suas reflexões iluminaram e deram base ao meu caminho na hospitalidade e certamente o de tantos outros colegas. Agradeço por todos esses anos de convivência. Também virei rato de suas aulas, assisti a todas que pude, repetidas vezes e continuo com vontade de continuar a ouvi-lo. Obrigado pelas aulas práticas de observação que eu e minha colega Vanusa, os únicos dois alunos do programa de doutorado, tivemos a oportunidade e o privilégio de ter. Agradeço as infundáveis broncas - acadêmicas ou não. O senhor se tornou um grande amigo e um porto seguro: sem a hospitalidade e o acolhimento seus e de Thelma, tudo teria sido mais difícil. Obrigado por todas as vezes que dividiram comigo a sua mesa.

Prof. Camargo, obrigado por me fazer entender tantas coisas, mas sobre a prática do Potlatch, a discussão vai continuar. Eu já a praticava, só não sabia o nome. Ela deve ser uma doença da qual eu tenho de me livrar. Foi necessário estudar hospitalidade para entender isto: a vida tem me apresentado antídotos naturais e tenho me modificado. Mas acho que nunca darei jeito total nesta questão: adoro pôr fogo em minha casa para agradar aos meus hóspedes. Obrigado, meu grande mestre!

Aos meus queridos e parceiros professores, agradeço à Profa. Dra. Sênia Bastos pela constante parceria e por me alertar sobre o quanto ainda havia e há para estudar no campo da hospitalidade durante as festividades do Círio de Nazaré. À Profa. Dra. Maria do Rosário

Salles, por tantos conhecimentos compartilhados, pela parceria e amizade e ao Prof. Dr. Airton Cavegnagh, pela parceria incondicional por todos estes anos.

À Profa. Dra. Elizabeth Wada, agradeço todo o apoio recebido nesses anos tão difíceis no contexto pessoal, e manifesto a honraria de ser o primeiro mestre da área a entrar no programa e, por este trabalho, tornar-me o primeiro doutor da área da hospitalidade no Brasil. Espero ter produzido um trabalho que traga contribuições aos estudos da área. Aprendi com as professoras Marielys e Miriam sobre honestidade intelectual e, assim, reconheço todas as minhas deficiências e tenho trabalhado, com a ajuda de vocês, a superá-las e transpô-las.

Agradeço a todos os professores não citados nominalmente e aos meus colegas do programa de hospitalidade. Também agradeço e saúdo minha colega de turma Vanusa Bastos e, em especial, agradeço à Ladjane Rameh e ao Fabio Bitelli, colegas no programa que se tornaram irmãos na vida.

Agradeço à CAPES pela bolsa de pesquisa.

Agradeço a Thiago Zilio Passerini pela revisão e a Aquiles Brayner e de Veronica Goyzueta pelas traduções.

Enfim, novamente agradeço ao programa por todas as possibilidades que ele me trouxe e pela profunda parceria na fase mais triste e difícil de minha existência. Não é segredo para ninguém, dentro dos quase sete anos que estou no programa de hospitalidade – entre o mestrado e o doutorado, que vi minha mãe adoecer e desaparecer lenta e dolorosamente. Passei de uma situação muito confortável para uma quase miserável e sobrevivi por ter um objetivo: a conclusão deste trabalho. Não era mais só a importância do título que contava, mas sim o fato de ter um objetivo para continuar diante de tamanha devastação. Agradeço muito aos professores do programa de hospitalidade que se tornaram minha família, meu apoio e me mantiveram vivo e com a cabeça em pé.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo, grande incentivador neste processo.

Agradeço aos que me iniciaram neste processo, antes jamais pensado: toda a gratidão ao nosso eterno mestre Prof. Dr. Ricardo Maranhão, “in memoriam”, à Profa. Dra. Lucia Soares, à Profa. Dra. Silvana Furtado e ao Prof. Me. Luiz Paravati.

Agradeço aos amigos sempre presentes: Alcides Nogueira, Adenauer Góes, Adriano Garneiro, Carlos Barral, Cida Barral, Daniel Furtado, Dyjane Amaral, Eleonora Vaquie, Edmilson Rodrigues, José Luis Olimpio, Joana Mascarenhas, Laerte Késsimos, Profa. Dra. Lucília Matos, Marco Sampaio Ferreira, Paula Cabral, Magda Paz, Marcio Rinaldi

Em especial, agradeço às irmãs que a vida me deu: Adriana Aranha e Siwla Silva. O que seria sem vocês? Gratidão.

Ao meu irmão Anselmo Frugoli e pelo apoio constante de minha família: tia Itala, tia Ivone, tio Walter, e minha prima, Roseli S. Franceschini, que me ensinou a contar histórias com detalhes.

Agradeço aos amigos que o Caminho de Nazinha de me trouxe: Regina Ventura e Ventura, Marcia Rezende, Simone Franco, Telma Carvalho e Thiago Oliveira.

Agradeço muito especialmente a Wesley Vidal, meu parceiro nos últimos anos, hoje meu marido, pelo apoio dado durante o processo de doutoramento: com sua presença em minha vida tudo ficou mais leve e foi mais fácil recomeçar. Gratidão

## RESUMO

No turismo religioso, manifestações como as peregrinações e celebrações são responsáveis pelo deslocamento de grande quantidade de pessoas motivadas pela fé. Nessas manifestações, acontecem ações de acolhimento a peregrinos que caminham longas distâncias, devotos que buscam pagar promessas, não devotos que os acompanham e turistas interessados em aspectos da cultura. No Brasil, uma festa religiosa de grande expressão é o Círio de Nazaré, realizado no mês de outubro em Belém, – região norte do país, reconhecida como patrimônio mundial nacional e da humanidade. Há vários grupos de romeiros de cidades do Pará que se dirigem em caminhada a Belém no período, como a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. A partir de um estudo etnográfico sobre tal romaria, cujos participantes caminham cerca de 80 km entre as cidades de Castanhal e Belém, esta tese configura-se como uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, cujo método empregado foi a etnografia a partir da observação participante, com entrevistas antes, durante e depois da romaria. O trabalho teve por objetivo investigar a hospitalidade na sua dimensão do acolhimento, cujas ações estabelecem relações interpessoais entre hóspedes (romeiros) e anfitriões (voluntários) em diversos lugares durante todo o percurso. A romaria acontece há cerca de quarenta anos e originou-se da promessa à Nossa Senhora de Nazaré pela graça alcançada por um devoto conhecido como Zé Bode. Os anfitriões comovem-se com o sacrifício de seus hóspedes e criam estratégias e lugares para acolhê-los. Os hóspedes, por sua vez, simplesmente seguem o caminho, necessitam de acolhimento e sentem que serão acolhidos, apesar de não saberem por quem. Lugares a princípio não destinados a acolher se transformam provisoriamente em locais onde acontecem práticas de hospitalidade em todos os seus tempos, pautadas pelo ciclo da dádiva – dar, receber e retribuir –, na dimensão do sagrado. Dessa forma, tal rota de turismo de fé religiosa se nutre e se mantém viva mediante a hospitalidade, que se amplia e se renova nas ações de acolhimento aos romeiros e na alteridade entre hóspedes e anfitriões.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Acolhimento. Turismo religioso. Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Relações entre hóspedes e anfitriões.

## ABSTRACT

In religious tourism, manifestations such as pilgrimages and celebrations are responsible for the displacement of large numbers of people motivated by faith. In these manifestations, many hospitality actions take place to support pilgrims seeking to fulfill their vows and other fellow tourists interested in this aspect of religious culture, all of whom have to walk for long distances to get to sacred places. A religious festival of great expression in Brazil is the Círio de Nazaré, recognized as a world heritage celebration, held in October in a city in the northern region of the country called Belém. There are several groups of pilgrims from different cities in the state of Pará who go on a trip to Belém in this period, such as the Pilgrimage of Our Lady of Nazareth. Through an ethnographic study on this pilgrimage, in which participants walk around 80 km between the cities of Castanhal and Belém, this thesis is characterized as a qualitative, exploratory-descriptive research, whose method employed was ethnography from participant observation, with interviews before, during and after the pilgrimage. The work aimed to investigate aspects related to hospitality during the pilgrimage, basically those actions established upon interpersonal relations between guests (pilgrims) and hosts (volunteers) in several places throughout the journey. The pilgrimage started from a vow to Our Lady of Nazareth about forty years ago by one of the saint's devotee called 'Zé Bode'. During the pilgrimage, the hosts are touched by the sacrifice of the pilgrims and create strategies and places to welcome them. Guests, on the other hand, simply follow their path, they know they will need help and are sure that they will be helped, even though they don't know by whom. Places not designed originally to receive people are provisionally transformed into places where hospitality practices take place, guided by the cycle of giving - giving, receiving and reciprocating - following the dimension of the sacred. Thus, this long walk of religious faith nourishes itself and is kept alive through hospitality, which is expanded and renewed in actions to receive pilgrims, and in the exercise of otherness between guests and hosts.

**Keywords:** Hospitality. Welcome. Religious tourism. Pilgrimage of Our Lady of Nazareth. Relationships between guests and hosts.

## RESUMEN

En el turismo religioso, manifestaciones como las peregrinaciones y celebraciones producen grandes desplazamientos de personas motivadas por la fe. En estas manifestaciones, ocurren acciones de acogida a los peregrinos que caminan largas distancias, no solo seguidores sino devotos que buscan pagar promesas y turistas interesados en esos aspectos de la cultura. En Brasil, una fiesta religiosa de gran expresión es el Cirio de Nazaret, realizada en el mes de octubre en Belén, capital de Pará, en la región norte del país, celebración reconocida como Patrimonio Mundial, Nacional y de la humanidad. Hay varios grupos de romeros de diferentes ciudades de Pará que se dirigen en caminata hacia Belén en ese período, como lo es la Romería de Nuestra Señora de Nazaret. A partir de un estudio etnográfico sobre esta romería, cuyos participantes caminan cerca de 80 km entre las ciudades de Castanhal y Belén; tesis que se define como una investigación exploratoria-descriptiva, de carácter cualitativo, que empleó la etnografía como metodología, a través de la observación, con entrevistas antes, durante y después de la romería. Este trabajo tuvo como objetivo investigar la hospitalidad en su dimensión de la acogida, cuyas acciones establecen relaciones interpersonales entre huéspedes (romeros) y anfitriones (voluntarios) en diversos lugares durante todo el recorrido. La romería comenzó a celebrarse hace unos cuarenta años y tiene origen en una promesa a la Virgen Nuestra Señora de Nazaret por los favores concedidos a un devoto conocido como Zé Bode. Los anfitriones se conmueven con el sacrificio de sus huéspedes y crean estrategias y lugares para recibirlos. Los huéspedes, a su vez, simplemente siguen el camino, necesitan de apoyo y sienten que serán acogidos, aunque no sepan por quién. Los lugares inicialmente destinados a recibir, se transforman provisionalmente en lugares donde se realizan prácticas de hospitalidad en todos sus tiempos, que se guían por el ciclo de la dádiva —dar, recibir y retribuir—, en la dimensión de lo sagrado. De esta forma, esa ruta de turismo de fe religiosa se nutre y se mantiene viva mediante la hospitalidad, que se amplía y se renueva en las acciones de acogida a los romeros y en la alteridad entre huéspedes y anfitriones.

**Palabras clave:** Hospitalidad. Acogida. Turismo religioso. Romería de la Virgen Nuestra Señora de Nazaret. Relaciones entre huéspedes y anfitriones.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena da novela A Força do Querer, no ar em 30 de maio de 2017.....	34
Figura 2 - Equipamentos utilizados na coleta de dados.....	46
Figura 3 – Delimitação entre peregrino e turista religioso.....	59
Figura 4 - Romeiros na Corda.....	62
Figura 5 – Trajeto de Castanhal a Belém da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.....	76
Figura 6 - Zé Bode e sua Cruz- na porta da Igreja Matriz de São José em Castanhal.....	78
Figura 7 - Zé Bode e Professor Nazareno.....	83
Figura 8 - Concentração da Romaria 2018 - Foto em Castanhal.....	84
Figura 9- Decoração da berlinda.....	85
Figura 10 - Carros de apoio da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.....	86
Figura 11 - Carretinha com sua berlinda.....	86
Figura 12 - Carro das Frutas da Romaria.....	88
Figura 13 - Café da manhã dos romeiros na concentração.....	90
Figura 14 - Apresentação do novo Manto de Nossa Senhora de Nazaré.....	91
Figura 15 - Instituição de ensino faz homenagem aos romeiros.....	92
Figura 16 - Caminhão da água atendendo aos romeiros do Zé Bode.....	93
Figura 17 - Romeiros de chinelos.....	96
Figura 18 - Acolhimento aos romeiros.....	97
Figura 19 - Policiais em serviço acolhendo os romeiros.....	99
Figura 20 - Eucirene, romeira com seu cajado.....	101
Figura 21 - Senhor Valter Ferreira acolhendo.....	102
Figura 22 - Tenda das amigas promesseiras.....	103
Figura 23 - Fogos de vista.....	104

Figura 24 - Romeiros exauridos são acolhidos.....	105
Figura 25 - Romeiros em meio ao trânsito.....	108
Figura 26 - Chegada dos Romeiros no bairro de Nazaré.....	110
Figura 27 - Casa da Mãe.....	111
Figura 28 - Romeiros de Peixe-Boi.....	114
Figura 29 - Romeiros de Viseu na Avenida Almirante Barroso.....	115
Figura 30 - Senhor Benedito e sua bicicleta romeira.....	117
Figura 31 - Cegonha de bicicletas.....	117
Figura 32 - Vizinhas unidas pelo acolhimento.....	119
Figura 33 - Médicos de Salvador/BA acolhendo.....	120
Figura 34 - Romeiros acolhidos em igrejas.....	121
Figura 35 – Lava-pés do Romeiro na Casa de Plácido.....	125
Figura 36 – Ambulatório na Casa de Plácido.....	127
Figura 37 - Área de descanso da Casa de Plácido.....	128
Figura 38 - Refeições na Casa de Plácido.....	129
Figura 39 - Equipe da Liturgia da Casa de Plácido.....	130
Figura 40 - Equipe do atendimento da Casa de Plácido.....	131
Figura 41 - Equipe da cozinha da Casa de Plácido.....	135
Figura 42 – Anfitriã individual distribui água aos romeiros.....	137
Figura 43 – Tenda de Senhor Valter e sua família na BR 316.....	138
Figura 44 – O ambulatório da tenda Unidas pela fé na BR 316.....	139
Figura 45 - Romeira Nilza Maria Pigatti Salvador do grupo Zé Bode.....	141
Figura 46 – Café da manhã oferecido a romeiros.....	146
Figura 47 – Carro da berlinda de grupos de romeiros.....	151
Figura 48 – Sujeira deixada pelos romeiros na BR 316.....	153

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes do Círio de Nazaré.....	48
Quadro 2 – Anfitriões do Círio de Nazaré.....	49
Quadro 3 – Tipos de hóspedes do Círio de Nazaré.....	49
Quadro 4 – Programação e paradas da Romaria.....	93
Quadro 5 – Dicas para boa Romaria.....	94
Quadro 6 – Equipes e funções dos voluntários da Casa de Plácido.....	132
Quadro 7 – Principais características da peregrinação versus comportamento dos romeiros de Nossa Senhora de Nazaré.....	152

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>CAPÍTULO 1 – MÉTODO ETNOGRÁFICO</b> .....	23
1.1 Posicionamento epistemológico e metodológico.....	23
1.2 Origens e evolução da etnografia.....	25
1.3 Aplicação da etnografia na pesquisa.....	28
1.4 Preparação da pesquisa.....	31
1.5 Etapas da pesquisa no Pará.....	36
1.6 Procedimentos de coleta e tratamento .....	46
<b>CAPÍTULO 2 – TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO</b> .....	52
2.1 Aproximações conceituais .....	52
2.2 Peregrinação a Santiago de Compostela.....	55
2.3 Turistas religiosos entre o sagrado e o profano.....	59
2.4 Dádiva no âmbito da hospitalidade e do acolhimento.....	63
2.5 Acolhimento em romarias .....	71
<b>CAPÍTULO 3 - ROMARIA E SEUS PROTAGONISTAS</b> .....	74
3.1 Romaria de Nossa Senhora de Nazaré .....	75
3.2 Zé Bode .....	77
3.3 Nazareno Abraçado .....	80
<b>CAPÍTULO 4 - NO CAMINHO DA CASA DA MÃE</b> .....	89
4.1 Trajeto de Castanhal a Ananindeua .....	89
4.2 Bem-vindos à Casa da Mãe .....	111
<b>CAPÍTULO 5 - CASA DE PLÁCIDO</b> .....	123
5.1 Casa das “Histórias” .....	123
5.2 Troca de histórias entre hóspedes e anfitriões .....	131

<b>CAPÍTULO 6 – TURISMO DE FÉ RELIGIOSA, HOSPITALIDADE E</b>	
<b>ACOLHIMENTO NA ROMARIA.....</b>	<b>136</b>
6.1 Figuras de hospitalidade .....	136
6.2 Lugares provisórios de hospitalidade .....	143
6.3 Práticas de hospitalidade .....	146
6.4 Romaria no turismo de fé religiosa .....	149
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>169</b>
Apêndice A – Roteiro de coleta de dados .....	169
Apêndice B – Termos de autorização.....	174

## INTRODUÇÃO

A festa religiosa do Círio de Nazaré, realizada anualmente na cidade de Belém do Pará, estado brasileiro localizado na Região Norte do país, sempre acontece no segundo domingo do mês de outubro, com duração de quinze dias. Esse período é chamado de quadra nazarena.

A celebração pode ser considerada a maior festa religiosa brasileira, quer pelo seu tamanho - numa cidade com população estimada em 2018 de 1.485.732 habitantes (IBGE 2019) -, quer pela dimensão religiosa e também turística de que se reveste. As doze procissões oficiais que acontecem no período da festividade percorrem 140,3 km (DIEESE, 2017) e atraem, segundo a organização, mais de 10 milhões de participantes. Em 2017, segundo o portal G1 administrado pelo jornal O Liberal (PROCISSÃO, 2017), dois milhões de pessoas foram às ruas de Belém somente na procissão principal, conhecida como Círio de Nazaré, que dá nome ao período de festa.

Com relevada importância tanto para a sociedade paraense quanto para o resto do Brasil, tornou-se, em 2004, a primeira manifestação religiosa reconhecida como bem cultural de natureza imaterial pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e, em 2013, foi incluída na lista da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Círio é uma palavra de origem latina incorporada pela religião católica que significa “cera” ou “vela grande”, simbolizando a luz de Cristo, acesa em determinadas datas e circunstâncias. O nome foi adotado a partir da procissão que se realiza na cidade de Nazaré em Portugal e se tornou uma importante manifestação no Pará, tanto que se repete em diversas cidades deste e de outros estados. Além disso, o termo Círio, de tão popular, foi incorporado a outras festas do estado, tornando-se popularmente sinônimo de procissão, de forma que ocorrem diversos Círios com nome de outros santos.

A festa faz parte das tradições religiosas mais antigas do país, datando do século XVIII, sendo celebrada desde 1793 em Belém. Foi introduzida pelos portugueses à época da colonização, mas, com devoção, desde 1700, quando a imagem foi encontrada pelo caboclo Plácido às margens do igarapé Murucutu (AMARAL, 1998; 2010). No local, foi construída inicialmente uma ermida<sup>1</sup>, hoje a Basílica Nossa Senhora de Nazaré. Em 1969, por uma questão de segurança, a imagem original deixou de sair nas procissões e foi substituída pela “*imagem peregrina*” – como é popularmente conhecida -, feita pelo artista italiano Giacomo Mussner.

---

<sup>1</sup> Pequena capela localizada em lugares remotos.

Segundo Matos (2010), ela foi “caboclizada” como forma de dar maior força simbólica, acrescentando traços indígenas nas faces de Nossa Senhora de Nazaré e do menino Jesus. A Virgem de Nazaré tem *status* de Chefe de Estado pela Lei nº 4.371 de dezembro de 1971 (PARÁ, 1971) e, seguindo tais protocolos e honras, realiza as doze procissões, além de dezenas de visitas oficiais<sup>2</sup>.

Considerando-se que a religiosidade no Brasil é um campo de estudo vasto e diversificado, a Festa do Círio de Nazaré apresenta alta relevância na matriz fundadora de origem cristã, particularmente ligada à fé católica. Embora a maioria da população brasileira professe o cristianismo católico ou protestante, é notória a importância da proliferação de diversas correntes evangélicas, além do sincretismo compreendido pelas religiões africanas de diferentes matizes, as quais se integram nessa festa religiosa. Como uma festa popular de grande expressão, movimenta o segmento do turismo religioso com o afluxo de turistas, devotos, romeiros e curiosos de todo o estado paraense, assim como de outros estados brasileiros, e até do exterior.

O interesse do autor desta tese pelo Círio de Nazaré, já presente no seu mestrado - que tratou da comensalidade no Almoço do Círio -, foi crescendo no decorrer do doutorado, tendo em vista as várias manifestações religiosas e profanas que ocorrem no período. Mas como investigar a hospitalidade ou o acolhimento nessa festa?

Uma das possibilidades que ganharam relevo logo se configurou como objeto central de estudo, passível de dupla abordagem, ou seja, da hospitalidade e do acolhimento: são as romarias que levam grande número de devotos caminhantes para renderem homenagem ou pagarem promessas à santa em Belém. Um exemplo é o grupo que sai de Castanhal e caminha cerca de 80 quilômetros até Belém, sendo popularmente conhecido como Romaria do Zé Bode<sup>3</sup>.

Embora haja bibliografia sobre os festejos do Círio de Nazaré e as suas manifestações que ocorrem em Belém, deparou-se com a escassez de pesquisas sobre tais romarias e, particularmente, sobre a Romaria do Zé Bode, um grupo muito citado na mídia, mas ainda não estudado. A essa originalidade, o ineditismo da investigação é somado à possibilidade de avançar na interface dos estudos da hospitalidade com o turismo religioso. Para o autor, vivenciar uma nova experiência científica que se descortinou em um desafio a ser vencido foi uma oportunidade ímpar, principalmente pelo rigor e condução de uma pesquisa aprofundada de cunho etnográfico.

---

<sup>2</sup> Saídas da imagem peregrina para visitas nacionais ou internacionais, sempre agendadas com antecedência com a coordenação da festa e seguindo os protocolos de *status* de chefe de estado que foi conferido à imagem.

<sup>3</sup> O nome oficial é Romaria de Nossa Senhora de Nazaré

A etnografia foi o método escolhido para investigar e observar o fenômeno “de dentro e de perto” (MAGNANI, 2002) e, assim, compreender, a atuação de um participante-pesquisador, a ocorrência, a função e o papel da romaria para o grupo e para as pessoas que auxiliam os seus integrantes durante a trajetória. Traduzindo tais preocupações, formulou-se e reformulou-se o problema da pesquisa durante a sua realização, como permite o método etnográfico, até a sua definição na seguinte questão norteadora: Como ocorrem as manifestações de acolhimento aos participantes de uma romaria ao Círio de Nazaré em diferentes lugares de hospitalidade que emergem espontaneamente no trajeto de Castanhal a Belém?

Desse modo, objetiva-se, primariamente, investigar a ocorrência de um evento religioso de expressão no Círio de Nazaré a partir da hospitalidade ofertada na forma de ações de acolhimento aos romeiros em lugares planejados ou não para esse fim. Para alcançar tal objetivo, ele foi decomposto em: a) descrever a romaria como um fenômeno organizado que estimulou o deslocamento de outros grupos de romeiros caminhantes a Belém na época do Círio; b) identificar os integrantes e seus papéis na romaria, caracterizando diversos tipos de devotos à santa, quer como anfitriões, quer como hóspedes; c) analisar a emergência dos lugares de hospitalidade durante o trajeto dos romeiros, onde anfitriões ofertam acolhimento aos romeiros, seus hóspedes; d) discutir as ações de acolhimento nesses lugares, configurando-as de modo a explicitar as particularidades da hospitalidade nesse tipo de turismo religioso. Com isso, tem-se a tese da pesquisa: as práticas da hospitalidade e do acolhimento na Romaria de Nossa Senhora de Nazaré ocorrem em lugares provisórios de hospitalidade durante todo o seu trajeto, nos quais as relações interpessoais entre hóspedes e anfitriões se pautam pela circulação da dádiva na dimensão do sagrado.

O primeiro capítulo apresenta o método etnográfico a partir da suas origens, evolução e aplicações, o que possibilitou ao autor compreender o seu processo contínuo e a forma de participação do pesquisador no fenômeno estudado. Mas antes foi preciso posicionar a base epistemológica e metodológica que sustentou o método na pesquisa, caracterizada como qualitativa quanto à abordagem e exploratório-descritiva quanto aos objetivos. Com esse domínio, aplicou-se o método na pesquisa, elaboraram-se os instrumentos de coleta de dados em cada uma das suas etapas e definiram-se as seguintes categorias que nortearam o tratamento e análise dos resultados obtidos: a) figuras da hospitalidade; b) lugares provisórios de hospitalidade; c) práticas de hospitalidade; d) romaria no turismo religioso.

No segundo capítulo, aborda-se o turismo religioso em suas aproximações conceituais, nas peregrinações e romarias, nas características de viajantes que se dirigem às manifestações

religiosas e nas práticas de hospitalidade que nelas ocorrem. Propõe-se a adoção do termo *turismo de fé religiosa* para nomear tais movimentos religiosos, destaca-se o Caminho de Santiago de Compostela na Espanha como referência de acolhimento a peregrinos, diferenciam-se os peregrinos dos turistas religiosos em sua maior ou menor aproximação entre o sagrado e o profano, aponta-se a autodenominação dos peregrinos que se dirigem a Belém na época do Círio como *romeiros*, e situa-se a circulação da dádiva nas práticas de acolhimento na cena hospitaleira dessas manifestações.

Os três capítulos que se seguem apresentam os resultados da pesquisa de campo, vivenciados em Castanhal e Belém. O terceiro capítulo aborda a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré - desde sua origem com a promessa de um devoto à santa até 2017 - e descreve os seus principais protagonistas – Zé Bode, quem a originou, e Nazareno Abraçado, quem a organiza. No quarto capítulo, discorre-se sobre as experiências dos romeiros em suas relações com os anfitriões, permeadas por práticas de hospitalidade durante a romaria, no trajeto de Castanhal a Ananindeua e no trecho urbano da cidade de Belém. No quinto capítulo, apresenta-se a Casa de Plácido em Belém, o último lugar de acolhimento que recebe milhares de romeiros durante o Círio, com base em seu funcionamento e práticas de hospitalidade e nas histórias contadas e trocadas entre os romeiros, enquanto hóspedes, e os voluntários, enquanto anfitriões.

No sexto e último capítulo, trata-se do turismo religioso, da hospitalidade e do acolhimento na Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Analisa-se uma trama complexa, mas harmoniosa, que une e entrelaça as figuras da hospitalidade em variados pontos que configuram lugares provisórios de hospitalidade, onde ocorrem as práticas de hospitalidade pelas quais circula a dádiva no turismo de fé religiosa, ou seja, na dimensão do sagrado.

Embora esta pesquisa enfoque uma romaria – Romaria de Nossa Senhora de Nazaré – em um evento religioso – Círio de Nossa Senhora de Nazaré -, ela, por sua duração, volume de pessoas envolvidas, estrutura e organização, e repercussão como modelo para outras romarias, apresenta uma ambiência propícia ao estudo profundo da dinâmica, atores e relações interpessoais reveladoras de construtos teóricos a serem considerados na interface entre o turismo religioso, a hospitalidade e o acolhimento em manifestações de fé.

## CAPÍTULO 1 – MÉTODO ETNOGRÁFICO

*La Sociología y la Etnología descriptiva exigen que se sea al mismo tiempo, archivero, historiador, técnico estadístico y hasta novelista, capaz de evocar la vida de una sociedad entera (MAUSS, 1974, p. 12).*

Este capítulo se inicia com o posicionamento epistemológico e metodológico da pesquisa, a partir da perspectiva teórica e paradigmática do interpretativismo e da fenomenologia que norteia a classificação de vários tipos de pesquisa até a pesquisa etnográfica assumida enquanto método. Em seguida, apresenta-se uma síntese das origens da etnografia e da sua evolução na contemporaneidade, como fundamento para a aplicação do método à pesquisa, o qual é descrito detalhadamente. Por fim, seguem-se os procedimentos de coleta de dados, norteados por um conjunto de categorias de análise.

### 1.1 Posicionamento epistemológico e metodológico

Não é fácil discorrer sobre a base epistemológica de uma pesquisa científica, pois cada autor apresenta uma classificação com a indicação, por exemplo, de perspectiva, base, paradigma, filosofia e/ou abordagem, além de tipos e métodos de pesquisa. Sem se ater a uma discussão da propriedade e pertinência de cada um desses termos, elegeu-se um conjunto de termos logicamente encadeados que possibilitaram explicitar o posicionamento epistemometodológico deste trabalho.

Adotou-se, como perspectiva ou paradigma teórico, o interpretativismo em contraponto ao positivismo (VERGARA; CALDAS, 2005). O primeiro busca significados e não relações de causa e efeito como o segundo. No paradigma, o autor se coloca livre de teorias e despedido de pressuposto para investigar o que ocorre com cada indivíduo. Além de buscar entender e explicar os fenômenos sociais em seus significados, o pesquisador deve compreendê-los de forma interpretativa; e não há neutralidade deste uma vez que se insere e interage com o grupo, de acordo com Estevan (2010). Assim, o seu foco está na compreensão dos sentimentos dos indivíduos e nas formas de expressão deles em suas realizações e ações.

Tal postura paradigmática ou teórica orientou como opção metodológica desta tese a realização de uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem, na qual há o aprofundamento de uma determinada realidade, descrita, analisada, interpretada e compreendida com base na

ocorrência de fatos ou fenômenos e de seus envolvidos (MARTINS; SOUZA, 2018). Nesse tipo de trabalho, o pesquisador está “envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (CRESWELL, 2010, p. 211); e precisa estar aberto e flexível a novas concepções em sua busca aprofundada do fenômeno e respectivos processos e relações e em suas características e significados circunstanciais (RICHARDSON, 2012), pois trabalha com um amplo leque de crenças, atitudes, motivos, valores, entre outros aspectos.

Há diferentes abordagens da pesquisa qualitativa que se diferenciam quanto aos seus aspectos teóricos, objetos e bases metodológicas. A fenomenologia originou a abordagem qualitativa da pesquisa, na qual “também estão presentes as ideias do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia, sendo todas [...] derivadas da fenomenologia” (ANDRÉ, 1992, p. 11).<sup>4</sup>

Merleau-Ponty (2002), em uma leitura crítica da fenomenologia de Edmund Husserl, seu fundador, considera-a como uma ciência das essências e também uma filosofia que reposiciona na existência a essência. Estevan (2010, p. 65) complementa ao dizer que a fenomenologia se preocupa com a intenção do autor, com as suas “percepções que, junto a interpretação, orientam objetivos, valores e significados”. Já Triviños (2007, p. 45) destaca que a construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais ocorre de maneira subjetiva nessa corrente.

Oriunda da fenomenologia, a etnografia visa “a compreensão dos eventos ou processos sociais de produção [...] a partir de uma perspectiva interna ao processo por meio da participação [do pesquisador] durante seu desenvolvimento” (FLICK, 2009, p. 31). A pesquisa etnográfica contemporânea caracteriza-se por uma participação extensa do pesquisador no trabalho de campo, prevê uma pesquisa flexível com o emprego de métodos em toda a sua variedade e debruça-se principalmente em redigir e descrever as experiências vivenciadas em campo (FLICK, 2009).

A pesquisa em pauta adota, portanto, o método etnográfico, quanto aos procedimentos, escolhido por ser adequado ao estudo das manifestações de fé de um grupo ainda não estudado, o que permite ao pesquisador se inserir nele, observando e praticando, junto com os seus participantes, as atividades que compõem o fenômeno ou o evento. Dessa forma, pode-se coletar, de maneira privilegiada, informações sobre as diversas manifestações da hospitalidade ocorridas em vários lugares de acolhimento surgidos para atender às demandas de um grupo de romeiros durante o período do Círio de Nazaré, festa religiosa que ocorre anualmente na cidade

---

<sup>4</sup> Flick (2009) discorre sobre vertentes da pesquisa qualitativa, explicitando e diferenciando aspectos teóricos do objeto e dos métodos.

de Belém do Pará atraindo um número crescente de participantes, entre romeiros, turistas, e outros envolvidos.

Uma última classificação a ser indicada é quanto aos seus objetivos (DENCKER, 2010; GIL, 2014). Esta pesquisa classifica-se de forma mista, iniciando-se como exploratória, para a aproximação do pesquisador ao objeto investigado, como uma base para a compreensão das possibilidades de sua condução, estratégias e aprofundamento. Em seguida, assume a forma descritiva, descrevendo as características, processos e significados aparentes ou subjacentes do seu objeto e sujeitos envolvidos. Contudo, ultrapassa a simples descrição ao construir a interpretação a partir do que foi manifestado durante a observação pelos participantes, sendo, ainda, interpretativa.

Terminada a apresentação da base epistemo-metodológica que sustenta este trabalho, passa-se a tratar da etnografia, para a compreensão da sua evolução, e do método etnográfico, em todas as suas variantes e aplicações que nortearam a escolha e a definição das formas de coleta de dados em campo e análise e interpretação dos resultados obtidos.

## 1.2 Origens e evolução da etnografia

Na pesquisa etnográfica o cientista se desloca do local de estudo e busca, com sua presença “*in loco*”, o real contato com o objeto e a isenção na descrição, pois antes existia maior possibilidade de “ruídos” na informação, a qual podia ser tendenciosa a partir de interesses dos informantes, mesmo quando não aparentes ou intencionais. Malinowski, com a publicação de seu trabalho *Argonautas do Pacífico Ocidental*, propôs estudos aprofundados mediante esse novo formato, no qual passou a ser fundamental a presença do pesquisador em campo, coletando os seus próprios dados em permanências de longa duração no espaço do pesquisado.

Malinowski viveu em uma aldeia nas Ilhas Trobriand, localizadas no Pacífico Ocidental, onde instalou uma barraca no espaço investigado, e ali permaneceu, convivendo por longos períodos com os integrantes daquele grupo. Aprendeu o idioma, pois sentia ser esta a maior barreira entre o pesquisador e o pesquisado, relacionou-se com as pessoas, compartilhou comidas e praticou com os nativos atividades do seu cotidiano (agricultura, pesca, comércio). Por meio de tais práticas, realizou parte da coleta, em uma imersão profunda. Essas práticas de observação e coleta foram sendo estruturadas na chamada etnografia, compreendida como estudo da cultura *in loco* em uma proposta de imersão, um novo método de trabalho que levou

o seu uso na antropologia, tradição tão forte, que muitas vezes se confunde o método com a ciência.

Malinowski inicia a corrente funcionalista na antropologia a partir de suas imersões e reflexões em campo, considerando a cultura em sua totalidade. De forma holística, busca o entendimento da cultura como um todo integrado, articulado e formado por instituições criadas para satisfazer necessidades. As sociedades criam instituições para satisfazer necessidades, mas, por sua vez, a existência das instituições cria novas necessidades. Portanto, as instituições estão em função das necessidades, e as necessidades estão em função das instituições, originando o que se pode chamar de corrente. Assim se compreende a denominação funcionalismo, pois se criam instituições em função das necessidades humanas, e surgem necessidades humanas em função das instituições.

O contato real e prolongado com o pesquisado pode trazer vantagens ao pesquisador, despindo-o de suas referências culturais e ficando mais aberto e receptivo à cultura do outro sem prévios julgamentos, estado facilitador para a observação dos pequenos atos da vida cotidiana. O tempo maior dedicado à observação de um grupo proporciona ao pesquisador mais elementos para conhecer e entender o cotidiano e os seus ciclos e refletir sobre eles. Conta Nikodimov (2011) que, se o Capitão Cook<sup>5</sup> tivesse mais informações sobre o grupo visitado no Havaí, onde, em visita anterior, havia sido recebido com festa, jamais teria aportado no mesmo local em um momento de ritual religioso, quando seria morto pelo mesmo grupo que anteriormente o havia recebido com hospitalidade. O incidente vivido por Cook não seria má sorte, e sim falta de conhecimento sobre a cultura do grupo.

Para Malinowski, o trabalho de campo etnográfico é alcançado a partir “da organização da tribo [grupo] e a anatomia da sua cultura” que devem ser registradas (método de documentação concreta e estatística); da inserção da “imponderabilidade da vida real e o tipo de comportamento” (observações minuciosas e detalhadas – diário etnográfico); e da coleta “de depoimentos etnográficos, narrativas características, ocorrências típicas” (“*corpus inscriptionum* como documento da mentalidade nativa”). (MALINOWSKI, 1976, p. 31)

Dessa forma, ele ensina ao pesquisador o que e como olhar e indica o caminho, nessas três vias, para entender com mais profundidade o grupo observado. Nesses trabalhos, o indivíduo estudado no grupo é tratado como nativo porque, na ocasião das imersões, as culturas estudadas tinham pouco ou nenhum contato com a chamada civilização. No caso desta tese,

---

<sup>5</sup> James Cook nasceu em 1728 em Yorkshire (Inglaterra). Foi um grande cartógrafo e é considerado o maior explorador do Pacífico Sul. Faleceu em 1779 quando estava em expedição no Havaí (OBEYESEKERE, 1994).

adota-se o termo “locais” em referência aos indivíduos estudados dentro do grupo escolhido, ou seja, aos participantes da romaria do Círio de Nazaré inseridos no contexto urbano.

Justifica-se então a utilização da etnografia como método adequado a esta pesquisa, uma vez que, mediante as imersões do pesquisador nas edições 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016 da Festa do Círio de Nazaré, observou-se a sua importância para os residentes da cidade de Belém, o cotidiano da festa na vida e na cultura deles, e os momentos de encontro entre devotos anfitriões e devotos hóspedes, nos quais ocorrem ações de hospitalidade e surgem os lugares acolhimento. Como afirma Malinowski (1976), importa estudar o homem e principalmente aquilo que o liga à vida. Alves (1980) e Maués (2005) afirmam que o Círio de Nazaré é, para uma parte significativa dos paraenses, um fenômeno que os liga à vida e reforça os laços entre os membros do grupo.

A etnografia contemporânea já não tem olhares só para grupos selvagens ou isolados, mesmo porque eles quase não existem e, quando existem, já sofreram ou sofrem as influências da globalização. Assim, são esses impactos que podem ser observados, medidos e quantificados, ao contrário daquelas experiências vivenciadas e relatadas entre o fim do século XIX e meados do século XX. Os tempos são outros, e a etnografia vem se adaptando às possibilidades dos novos pesquisadores.

Depois de Malinowski, por muito tempo, um trabalho de campo que se utilizasse da etnografia exigia do pesquisador estar inserido no grupo observado por tempo superior a um ano, sendo normalmente dois anos. Não que isso não possa ocorrer nos dias de hoje, mas é mais comum as pesquisas etnográficas serem realizadas com menor permanência “*in loco*” e, muitas vezes, realizadas de forma fracionada, com várias imersões, dada a impossibilidade de permanecer por um longo tempo corrido, como praticavam os antigos antropólogos.

Além de o tempo agora ser mais escasso por conta das demandas do mundo moderno, o pesquisador pode ter de enfrentar limitações de recursos para pesquisa. Havendo tal limitação, ele se aparelha, além do caderno de campo, de uma série de equipamentos para coletar todos os dados que julga necessários.

Atualmente, o método etnográfico é aplicado em pesquisas de diversas áreas do conhecimento, mediante adaptação à realidade do espaço, do contexto e das possibilidades do próprio pesquisador. Essas adaptações trouxeram a aplicação do método ao espaço urbano, onde o pesquisador pode se afastar de seu cotidiano e inserir-se no cotidiano de outro grupo, amparado por uma estrutura mais ou menos confortável de acordo com a escolha do objeto e dos recursos disponíveis para a pesquisa.

Outra necessidade do pesquisador é a de se afastar em alguns momentos do objeto. Nota-se a exaustão nos relatos de Malinowski, que muitas vezes se percebeu sendo observado por grupos de nativos parados na porta se sua tenda enquanto ele escrevia ou lia, mas, por estar em uma tenda armada em comunidade isolada, nada podia fazer. Já o pesquisador contemporâneo tem momentos de escape para o seu café expresso, para uma refeição de algo mais próximo de sua cultura ou simplesmente para estar sozinho com seus pensamentos em seu quarto de hotel.

### 1.3 Aplicação da etnografia na pesquisa

Existe uma relação natural entre as práticas etnográficas e a hospitalidade, pois o pesquisador que se utiliza do método etnográfico depende da hospitalidade do pesquisado para realizar a sua pesquisa. Assim, a acolhida é condição “*sine qua non*” para a realização das práticas etnográficas.

Por outro lado, a aplicação do método etnográfico ocasionou ajustes e redirecionamentos do projeto original da pesquisa, o que já era esperado, conforme o processo paulatino de imersão do pesquisador no objeto de estudo e junto aos sujeitos investigados. Inicialmente, quando se pensou em acompanhar um grupo de devotos-romeiros, buscava-se ter a experiência desses sujeitos. Entretanto, ao juntar-se ao grupo e tornar-se um deles, vivendo as mesmas situações e necessidades de todos, pode-se notar o que não se pensara ou se planejava e, a partir da experiência vivida durante a pesquisa, estabeleceram-se novos caminhos da pesquisa etnográfica, como se descreve a seguir.

Pretendia-se registrar, pela observação, as diferentes manifestações de distribuição de dádivas e as práticas de acolhimento e hospitalidade durante a romaria do Círio de Nazaré, presentes nos movimentos oficiais e espontâneos, pré-organizados ou não, que, mediante o voluntarismo, dão assistência aos devotos de diversas formas. Também se pretendia registrar os múltiplos relacionamentos que reforçam os laços entre os seus participantes.

Escolheu-se, como objeto de estudo, inicialmente a Casa de Plácido<sup>6</sup>, lugar de acolhimento ligado à organização da festa. A partir de informações coletadas em 2015 e 2016, acreditava-se que, nos dias que antecedessem o Círio, haveria uma espécie de monitoramento nas estradas, realizado por equipes de triagem ligadas à Casa de Plácido, acompanhando os devotos pagadores de promessa quilômetros antes da sua chegada à cidade de Belém. Pensava-

---

<sup>6</sup> A Casa de Plácido, conhecida como casa do acolhimento, é o espaço que acolhe o romeiro quando chega em Belém durante os 15 dias de Círio de Nazaré. Nesse espaço, ele é recebido com água, tem seus pés lavados, recebe alimentação quente, tem acesso a curativos e massagens, além de entretenimento e área para descanso.

se também que, promovidos pela mesma casa, existiriam diversos postos na estrada, onde o devoto encontrava assistência básica com a possibilidade de ter algum apoio de enfermagem para curativos, água e alimentação.

Tais informações foram coletadas durante imersão em 2015 e 2016, por meio de conversas informais com os voluntários da Casa de Plácido e devotos romeiros, mas estavam repletas de ruídos e mitos urbanos. Assim como os antropólogos antes do funcionalismo, que se utilizavam de informações coletadas por terceiros correndo muitos riscos de deturpação por diversos fatores, obtiveram-se, na prática, informações preliminares desencontradas, ajustadas durante a pesquisa de campo no ano seguinte.

Durante as imersões anteriores à pesquisa de campo em 2017, esteve-se presente em Belém para observar os movimentos da festa. Em ambos os anos, houve aproximação com a Casa de Plácido mediante visitas frequentes, observando seu funcionamento e sempre coletando informações. Vale ressaltar que os movimentos e manifestações de acolhimento são tantos e tão diversos que, mesmo o pesquisador tendo vários contatos com a festa em anos anteriores a sua pesquisa de doutorado e tendo elaborado sua dissertação de mestrado sobre o almoço do Círio de Nazaré (FRUGOLI, 2014), não tinha conhecimento desse lugar de acolhimento antes de retomar a observação em 2015.

Ressalta-se que foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o Círio de Nazaré, nos períodos entre 1998 e 2015, a fim de analisar suas aproximações com a hospitalidade. Das 36 pesquisas, sendo 28 de mestrado e 8 de doutorado (FRUGOLI; REJOWSKI, 2017), evidenciam-se os seguintes componentes: ritual, relações sociais e comensalidade associados ao paradigma da dádiva.

Em observações preliminares na Casa de Plácido, percebeu-se que os devotos romeiros, chegando à porta da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, já eram identificados pela equipe de triagem da Pastoral do Acolhimento e recebidos com água. Quando o romeiro estava fisicamente fragilizado, era acompanhado ao interior da Basílica por um voluntário da Pastoral, para cumprir o seu objetivo principal de encontrar a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Depois da visita à santa, os devotos-romeiros eram direcionados à Casa de Plácido, onde tinham seus pés lavados e então eram convidados a comer no refeitório, que dispunha de cinco refeições diárias. Dentro do salão, no meio do espaço de lava-pés e do refeitório, outro grupo de devotos voluntários, de posse de instrumentos musicais e boa vontade, buscava entreter os devotos com rezas, músicas religiosas e de boas-vindas.

Após a refeição, o devoto podia descansar nos colchões em salas programadas para tal fim ou, se desejasse, receber massagem para relaxamento muscular após o longo trajeto,

aplicada por alunos voluntários do curso de fisioterapia das universidades locais. Caso tivesse sofrido alguma lesão e precisasse de assistência médica ou de enfermagem, ali também havia recursos disponíveis para o atendimento.

A Casa de Plácido funciona por aproximadamente vinte dias corridos, e seu funcionamento é interrompido no auge das festividades e do fluxo de chegada dos devotos-romeiros na tarde do sábado, véspera do Círio de Nazaré, para que os devotos-voluntários, atuando como anfitriões, possam participar da trasladação, procissão e almoço do Círio com suas famílias.

Quando a Casa retoma suas atividades, o fluxo de devotos-romeiros que precisa de assistência maior por desgaste físico de suas promessas é quase inexistente. No período, é comum encontrar famílias e grupos de romeiros (excursões) sendo acolhidos apenas no refeitório com uma merenda. Todo o movimento de acolhimento promovido pela Casa é realizado com doações de insumos e graças às centenas de devotos-voluntários e voluntários que trabalham para acolher os devotos-romeiros. Em 2017, segundo a coordenação da Casa, foram atendidos mais de 35 mil romeiros e servidas acima de 50 mil refeições.

Durante o processo de planejamento de como se daria a imersão do pesquisador na Casa de Plácido, evidenciou-se a necessidade de entender melhor o devoto-romeiro e de compreender como é realmente a sua jornada até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Ao rever os depoimentos de devotos-romeiros gravados em 2015 e 2016, o pesquisador notou que os grupos caminhavam entre 20 e 300 km, mas a maioria percorria cerca de 80 km. Normalmente, o trajeto era realizado em alguns dias, caminhando à noite e descansando de dia, por causa das altas temperaturas.

De posse dessas informações, o autor se sentiu estimulado a acompanhar e caminhar com um desses grupos até Belém, e, com tal intenção, buscou encontrar a forma de se juntar a um grupo, entender sua organização e motivações. Como a sua referência de peregrinação era a de Santiago de Compostela, na qual os peregrinos em suas jornadas caminhavam em média 20 km por dia, apoiou-se inicialmente em tal parâmetro a fim de caminhar pelo menos 80 km em quatro dias.

Dentro do planejamento da pesquisa havia a necessidade de preparação física, uma vez que o pesquisador se encontrava completamente sedentário. Colocou então em prática um plano de caminhadas diárias para ter condições de cumprir os pensados 20 km/dia, iniciando com 6 a 8 km/dia para adquirir alguma resistência. Ao iniciar o treinamento, lembrou que, na viagem, seria necessário carregar equipamentos de pesquisa. Para simular o peso, passou a caminhar

diariamente com o livro da Hospitalidade (MONTANDON, 2011) na mochila que, sozinho, pesa 3,2 kg, além dos objetos pessoais.

Na época do início do treinamento, aproveitando um encontro em São Paulo com os professores Álvaro do Espírito Santo e Conceição da Silva Silva, parceiros da Secretaria de Turismo do Estado do Pará (SETUR), por ocasião da Feira Internacional de Turismo da Amazônia em São Paulo (FITA), conversou com eles sobre o planejamento relacionado à pesquisa. Logo, o professor Álvaro falou sobre um grande grupo que partia de Castanhal, informação imediatamente confirmada por Conceição.

O pesquisador buscou informações e notícias desse grupo na internet e averiguou que ele existia há mais de trinta anos, cuja origem se devia ao devoto-romeiro chamado de Zé Bode, já falecido à época, e que José Nazareno Abraçado Henrique, conhecido como professor Nazareno, era o atual coordenador. O grupo tinha aproximadamente 800 pessoas, e o percurso de 80 km era feito em 24 horas, diferente da informação que se tinha e do planejamento estabelecido, 80 km em quatro dias.

#### **1.4 Preparação da pesquisa**

A distância percorrida e o espaço de tempo, ao contrário da informação inicial e do plano traçado, surpreenderam o pesquisador, que ficou, de certa forma, assustado com o ritmo estabelecido, exigindo bastante de seus participantes. Assim, com a decisão de acompanhar o grupo, refez-se o planejamento do treinamento, pois seria necessária maior preparação física, e aumentou-se o treinamento para andar 12 km/dia, divididos em duas caminhadas de 6 km, uma pela manhã e outra à noite.

Ao encontrar outras informações sobre a Romaria do Zé Bode, descobriu-se que estavam previstas 4 paradas para descanso. A nova informação sobre o trajeto sugeriu ajustes no treinamento diário de 12 km/dia, pois seria necessário estar preparado para trechos mais longos. Resolveu-se, então, aos fins de semana, aumentar a caminhada para 20 km sem paradas, o que, para um pesquisador sedentário, tornou-se um verdadeiro martírio.

Paralelamente, pensou-se em uma estratégia lúdica para ajudar na motivação das caminhadas de 20 km realizadas nos finais de semana. O autor, que por motivos pessoais nos últimos anos, estava afastado do convívio dos amigos, resolveu começar a lhes propor uma visita na manhã do sábado ou do domingo. Assim, nos fins de semana, as caminhadas

começaram às 5h da manhã no centro de São Paulo e acabavam entre 9 e 10h na casa do amigo anfitrião, normalmente com café da manhã.

Já na primeira visita, agendada às vésperas na casa da Chef Adriana Aranha, sentiu-se a necessidade de retribuir a hospitalidade. Como tinha recebido no Círio de Nazaré 2016 uma réplica oficial da imagem de Nossa Senhora de Nazaré<sup>7</sup>, ela foi estendida como o símbolo maior da festa objeto deste estudo, por sua influência no imaginário das pessoas sobre a representação da santa. Assim, substituiu-se o Livro da Hospitalidade pela imagem – um pouco mais leve -, com cerca de 2,6 kg.

Nessa primeira ocasião, o destino foi o bairro do Ipiranga. Apesar de se tratar de um treinamento e não de uma peregrinação, o pesquisador é de formação católica e se emocionou ao perceber que nos últimos 1,5 km faltantes para chegar à primeira casa visitada, estava percorrendo 1 km da Avenida Nazaré, que homenageia a santa, cuja imagem estava sendo carregada em sua mochila. Como não sabia de que modo iria se portar com o símbolo que seria ofertado como contradádiva, decidiu, antes de chegar ao lugar visitado, retirar a imagem da mochila e montá-la com suas coroas e manto para, então, ofertá-la ao dono da casa. Na casa da chef Adriana, atea, a anfitriã, sem saber sobre a visita da imagem, recebeu-a emocionada e colocou-a em local de destaque entre plantas e orquídeas. Após o café da manhã, foram feitas diversas fotos pelos anfitriões, muitas da imagem e outras dos familiares e, novamente emocionados, conduziram-na até a porta, onde foi finalizada a visita.

No dia seguinte, repetiu-se o treinamento na casa de Eleonora Vaquie, que também recebeu a imagem emocionada, ciente da visita por haver se inteirado da experiência no dia anterior. Ela já tinha o local preparado para receber a imagem com vela acesa e farta mesa de café da manhã. Nessa casa, a anfitriã solicitou que a imagem permanecesse até seguir para outro local no fim de semana seguinte. Seu pedido foi aceito, e a imagem foi retirada no sábado seguinte para começar um novo trajeto, quando se tomou conhecimento de que, durante a semana, outros moradores próximos foram convidados a visitá-la.

De agosto a setembro de 2017, percorreram-se aproximadamente 800 km pelas ruas de São Paulo, Santo André, São Bernardo e São Caetano. Foram 13 visitas, sendo 12 realizadas em casas de residentes dessas cidades e uma em casa de paraenses residentes na cidade de São Paulo.

Na casa da família paraense, a jornalista Adelaide Teixeira e sua mãe, católicas, e sua prima, evangélica, esperaram a visita com uma mesa com produtos veganos. Na chegada ao

---

<sup>7</sup> Presente enviado por Simão Jatene, na ocasião governador do Estado do Pará.

apartamento, houve momentos de comoção ao avistarem a imagem, e, depois de uma oração, a anfitriã tocou no violão a música Flores, do grupo Titãs, para Nossa Senhora de Nazaré, enquanto a prima evangélica filmava a homenagem. No fim da visita, a imagem encontrava-se nas mãos da prima não católica que, olhando profundamente para a imagem, disse que até a receberia em sua casa. O pesquisador percebeu que a observação profunda proposta pela etnografia mostrou o quão forte é o símbolo de Nossa Senhora, independentemente da religião, cuja imagem representa, no imaginário do povo deste país, a Mãe, algo de sagrado e de proteção.

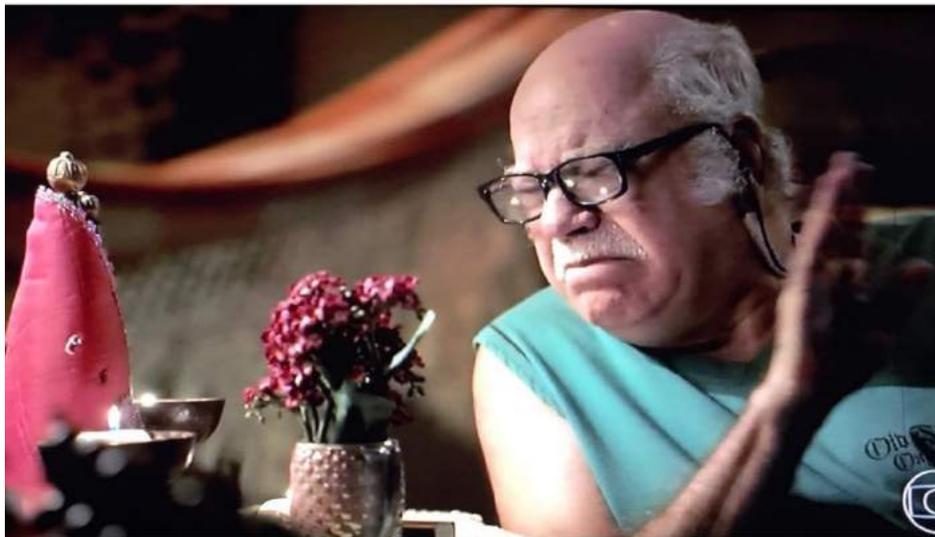
A cada fim de semana do treinamento, maior foi a divulgação feita pelos amigos e cada vez ficou mais difícil explicar que não se tratava de uma peregrinação. Em todas as casas, houve - por parte dos anfitriões - manifestações de fé e momentos de emoção. Em uma delas, em São Caetano do Sul, na casa de Magda Paz, a imagem foi recebida por toda a família, com orações e mesa farta. Ao perceber tamanha fé da família e ao ser relatada a doença de uma das irmãs presentes, colocou-se embaixo da imagem um adesivo com o nome dessa anfitriã, Maria Aparecida dos Santos Ruas, que passou a seguir a imagem nos treinamentos.

Posteriormente, em situação parecida, na casa da Chef Paula Cabral, também foram acrescentados os nomes das suas filhas, o que traria proteção e saúde a elas. O pesquisador também recebeu o chamado de um amigo, o autor Alcides Nogueira, que, após se inteirar da presença da imagem nos treinamentos, solicitou a colocação do seu nome aos seus pés, pedindo proteção e o bom andamento da novela de sua autoria “Tempos de Amar”, que logo seria lançada. Na era da *selfie* e das mídias sociais, desde a primeira visita, a imagem passou a receber lugar de destaque no ambiente aonde chegava. Os anfitriões faziam diversas fotos individuais ou em grupo, elas foram circulando nas mídias e espontaneamente aconteceu a divulgação do treinamento. Mesmo sendo confundido com uma peregrinação, ele passou a ser disputado a ponto de não sobrarem datas e, no último fim de semana, foram agendadas quatro visitas, quando se pôde chegar ao mais próximo da experiência da caminhada, ou seja, aos 80 km em um fim de semana.

No período do treinamento e das visitas, os anfitriões, mesmo os não paraenses, sofriam a influência da novela das 21h da TV Globo, “A Força do Querer”, em cujo núcleo principal, Parazinho, cidade fictícia do Pará, destacava-se a presença da imagem de Nossa Senhora de Nazaré tanto nos cenários de casas e estabelecimentos comerciais, quanto em acessórios usados por seus personagens como pingentes, adesivos, camisetas e bonés com a imagem da santa. Além disso, na atuação de seus personagens, havia presença de muitos momentos de fé perante

a imagem de “Nazinha”, uma das formas como é chamada Nossa Senhora de Nazaré, que expressavam sentimentos de completa devoção e intimidade com a santa.

Fica evidente no comportamento do povo paraense e da personagem da novela que a reciprocidade domina as relações entre a santa e seus fiéis. Conforme observado por Queiroz (1988), tal proximidade é expressada nas formas de tratamento ao se relacionar com a santa como: Naza, Nazinha, Nazica e outras que demonstram intimidade e afetividade. Como exemplo, a foto mostrada na figura 1 retrata uma cena do ator Tônico Pereira representando seu personagem, Sr. Abel, na qual ele reclama com Nossa Senhora de Nazaré e exige que providências sejam tomadas para impedir o envolvimento do seu filho com uma pretendente que não lhe agrada.



**Figura 1 - Cena da novela A Força do Querer, no ar em 30 de maio de 2017**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Com a ampla divulgação do tema tratado durante a novela exibida entre abril e outubro de 2017 e a divulgação espontânea feita por amigos do autor nas redes sociais dos percursos e visitas realizados durante os primeiros treinamentos, não foi necessário buscar os lugares; eles foram aparecendo, e os amigos foram se candidatando para receber a imagem. As visitas passaram de pequenos a grandes eventos: já não mais um café informal para receber o amigo pesquisador, mas sim para receber Nossa Senhora de Nazaré.

No último fim de semana, após realizar 4 visitas percorrendo 80 km, a última visita foi ao amigo, na ocasião também doutorando em Comunicação, Pe. Luís Erlin, da Igreja Imaculada Conceição, em Higienópolis. Nessa igreja, a imagem teve a missa da noite em sua homenagem,

recebendo todos os destaques e tomando parte da procissão inicial, sendo apresentada à comunidade de aproximadamente 500 pessoas como padroeira do Pará. Logo a imagem foi reconhecida como “Nazinha”, pela relação estabelecida com a novela citada. Ao fim da celebração, o padre abençoou a comunidade com a imagem e devolveu-a às mãos do pesquisador, convidando todos a visitá-la.

Durante os nove minutos que durou a fila, o pesquisador usou várias vezes técnicas de respiração para desviar a atenção e enganar a emoção. Mariana, umas das primeiras paroquianas a colocar as mãos no manto da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, permaneceu ao lado dela até o pesquisador deixar a igreja, como encantada, de olhos fechados ao lado da imagem e sorria como em estado de graça. No meio daquelas centenas de pessoas, chegou Antônio, que imediatamente se apoiou nos braços do pesquisador e ajoelhando-se diante da imagem disse: “Maninho, eu sou paraense! Que Nazinha nos abençoe! ”

Conforme Geertz (1989), na descrição densa é que se tem a oportunidade de vivenciar os fenômenos religiosos e observá-los no instante da devoção em que acontecem. Em um certo momento, administrando a fila, o pesquisador delegou a Mariana que segurasse a imagem para atender os paroquianos. Já com a fila terminada, enquanto o pesquisador se preparava para deixar a igreja, deparou-se frente à colaboradora com a imagem da santa em suas mãos a cantar o Lírio Mimoso, hino de Nossa Senhora de Nazaré, para sua Nazinha. E assim pensou-se que havia terminado o treinamento, já com uma gama de experiências etnográficas vivenciadas.

Havia um último fim de semana sem treinamento, quando o pesquisador estaria na cidade de Cuiabá (MT) ministrando aulas. Porém, na semana da viagem, chegou, pelas redes sociais, o pedido para que a imagem acompanhasse o pesquisador na viagem a Cuiabá e assim realizasse uma visita à casa de uma ex-aluna, Chef Célia Maiza Pereira Alves. Assim aconteceu uma visita interestadual, com um percurso de apenas 10 km do hotel até a casa onde se realizou a maior de todas as recepções: um grupo superior a 30 pessoas que, rezando o terço, esperava a imagem para reproduzir o ritual de coroação da santa. Ao fim, para confraternizar, ofertou-se um jantar regional.

No término da visita, aconteceu algo não ocorrido nas anteriores: os convidados começaram a escrever mensagens que viajassem com Nossa Senhora de Nazaré para Belém, embora não houvesse nenhuma informação de que ela seguiria para tal cidade. A imagem não estava em peregrinação; era, como já mencionado, uma contradádiva, embora não fosse mais possível explicar: parecia que só o pesquisador entendia aquele processo como treinamento físico. Diante disso, foi melhor aceitar o entender do outro e estar sensível a ele, o que levou a

algumas responsabilidades morais: não frustrar esses anfitriões que, em algum momento, entenderam que a imagem iria para Belém e levar os bilhetes com os pedidos e agradecimentos.

Com base nos estudos realizados acerca da etnografia e sobre as experiências de etnógrafos clássicos e modernos, entendeu-se que, de alguma forma, a construção do treinamento físico fazia parte do processo de pesquisa, e justificaria ser relatado. Porém, ao ter criado uma estratégia para ele, e nela ter-se utilizado, como contradádiva, o símbolo que dá origem ao Círio de Nazaré, gradativamente o treinamento se transformou em momentos de fé para o anfitrião e campo fértil de observação para um aprendiz de etnógrafo em treinamento.

A imagem da santa, que inicialmente era apenas uma imagem do pesquisador, conservada por ele como importante símbolo ligado a seu trabalho de mestrado e agora de doutorado, foi sentida pelos anfitriões como sagrada, portadora de seus votos, impregnada de fé durante as visitas, e tornou-se peregrina perante aos olhos dos anfitriões. Assim, uma nova demanda da pesquisa, como se fosse uma tarefa pontual, se apresentou: levar a imagem para a jornada da pesquisa de campo.

Pelos motivos expostos, torna-se difícil trabalhar com isenção total. Em outras palavras, parece não existir uma isenção completa quando se utiliza a etnografia como método, pois, de alguma forma, sempre se faz presente a troca. O próprio Malinowski, como uma das formas de interagir, dava cigarros a seus informantes, e assim se aproximava deles. Para estar dentro de um grupo, é necessário interagir com ele, e até o abraço apertado após uma feliz entrevista não deixa de ser uma contradádiva como o cigarro de Malinowski. Isso reforça o pensamento de Nikodimov (2011), ao afirmar que não existe etnografia sem hospitalidade, pois, para ser minimamente aceito no processo, deve existir a troca.

### **1.5 Etapas da pesquisa no Pará**

A viagem para Belém, a fim de realizar a pesquisa de campo, teve início em 30 de setembro de 2017. Além dos equipamentos necessários à coleta de dados e bagagem pessoal para 30 dias, também foram levados os bilhetinhos dos anfitriões de Cuiabá e a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, agora como um símbolo valioso, pois havia tomado uma dimensão inesperada e jamais pensada no início do treinamento. Para se sentir justo com todos os que receberam ou colaboraram até aquele momento, redigiu-se uma relação com o nome de todos, colocada junto com os bilhetes em um saquinho preso dentro no manto da santa. O pesquisador viajou disposto a trabalhar em sua pesquisa de campo portando consigo, em sua mochila, a imagem da santa durante os 80 km de caminhada previstos.

Chegou-se na tarde do sábado, dia 30 de setembro de 2017, à cidade de Belém, e imediatamente o pesquisador dirigiu-se à rodoviária, onde embarcou para Castanhal pela Viação Modelo, cujo percurso de 80 km foi feito em aproximadamente 2 horas. Como o foco era acompanhar um grupo de romeiros que partiria dessa cidade, era necessário localizar-se nela, entender como funcionava a romaria, de onde sairia, como participar, encontrar o organizador, e, se possível, acompanhar os preparativos e a organização do grupo, e por fim, ir com ele até Belém, com chegada prevista no dia 4 de outubro.

Mesmo só conhecendo o organizador por reportagens, pensou-se ser fácil encontrá-lo, pois o pesquisador tinha como referência outras cidades do Pará de seu conhecimento. Acreditava que rapidamente, e mediante contato com os mototaxistas locais, saberia como encontrar o organizador. Entretanto, não foi isso o que ocorreu, pois a cidade tinha 150.000 habitantes e, só depois de aproximadamente 24 horas, a busca chegou ao fim.

Ao chegar a Castanhal, encontrou-se uma opção de hospedagem próxima à rodoviária, o Hotel Amazônia. Resolvidas as formalidades da hospedagem, iniciou-se a procura pelo organizador, o professor Nazareno. Nos dois pontos de mototáxis próximos ao hotel, as pessoas sabiam da romaria e do organizador, mas não onde encontrá-lo.

Decidiu-se, então, procurar em lugares onde seria possível obter informações mais precisas, como na igreja, pois se imaginava que a romaria era apoiada - e até em parte organizada - por essa instituição. Sabia-se que a romaria partiria da frente de uma importante igreja da cidade. A partir de informações truncadas, recebidas por um grupo de motoboys, dirigiu-se à catedral, na qual se chegou no início da missa da noite. Havia uma espécie de mesa de recepção onde se encontravam duas senhoras vendendo camisetas para o Círio de Castanhal, procissão que acontece no domingo após a do Círio de Belém e reúne, segundo os organizadores, 300 mil pessoas. As senhoras informaram que a romaria era uma ação independente, confirmaram que o organizador era o professor Nazareno, docente da Universidade Federal do Pará, e que tinha uma academia e clínica de reabilitação na cidade, fechada naquele momento.

Também foi informado que a romaria não tinha sua saída da catedral, e sim da Igreja Matriz. Houve alguma dificuldade em se chegar ao local, pois as pessoas não conheciam a igreja como matriz, mas sim como Igreja de São José. Chegando lá, também estava sendo realizada a missa da noite, como na catedral, e havia uma mesa de recepção. Todos sabiam que a romaria sairia dali, sempre às 6 h da manhã da quarta-feira, e que o professor Nazareno era o organizador. Informaram também que ele sempre vinha na missa do sábado ou nas manhãs do domingo. O pesquisador, então, aguardou o fim da missa e conversou com os participantes na

sacristia e, por fim, com o padre que havia realizado a missa. Todos conheciam o organizador, mas ninguém sabia onde morava e nem se tinha telefone. O pároco da noite orientou o pesquisador a regressar nas missas da manhã, quando teria chances de encontrar o professor Nazareno.

No domingo, dia 31 de setembro, às 6h30min da manhã, o pesquisador já estava na Igreja Matriz em busca do organizador, assistiu às três missas e não teve sucesso em encontrá-lo. Novamente na casa paroquial, com outro pároco e outros paroquianos, repetiram-se as mesmas informações e continuou-se sem o contato. Já deixando a igreja, um casal que participava da missa tocando violões, informou sobre uma pessoa de nome Renato, proprietário de um hotel, que pertencia a um grupo chamado Terço dos Homens e também ajudava o professor Nazareno a organizar a romaria. Ao tentar obter informações de como localizá-lo, o casal ofereceu ao pesquisador o transporte até o local em seu próprio veículo.

Já no hotel, o funcionário da recepção informou que ele não se encontrava, mas prontamente deu o número do celular com o qual se poderia comunicar com Renato por WhatsApp, o que se fez imediatamente. Pela tarde, continuou-se a busca por informações em estabelecimentos comerciais, onde todos sabiam da existência do professor e de sua clínica de reabilitação com uma área destinada à academia, mas ninguém sabia da sua residência. No meio da tarde, o pesquisador recebeu uma gentil resposta de Renato, já com o contato de WhatsApp do professor Nazareno. Uma mensagem foi rapidamente enviada, mas, por se tratar de um fim de tarde dominical, foi solicitado um encontro na segunda-feira, a fim de não causar incômodo.

Logo houve resposta do professor, desejando boas-vindas ao pesquisador e convidando-o para uma conversa ainda no domingo, pelo fato de o docente ter de cumprir, no dia seguinte, as últimas obrigações junto à universidade antes da romaria. Ao se dirigir à casa do professor Nazareno, o pesquisador descobriu que estava hospedado a duas quadras do local, e já havia conversado com um balconista da farmácia na mesma calçada de seu prédio, o qual sabia quem era o professor, pois sua mãe e irmão participavam da romaria, mas não sabia que ele vivia ao lado.

A recepção foi feita pelo professor e por Socorro, sua esposa. Ao entrar em sua residência, eles apresentaram a imagem de Nossa Senhora de Nazaré com seu novo manto, bordado anualmente pela irmã de Socorro, ativa colaboradora da romaria. Antes de perguntar sobre a romaria, o pesquisador explicou detalhadamente suas intenções, como havia sido o processo de preparação, a justificativa da escolha do grupo - pela tradição e por ser o mais numeroso em participantes - como e porquê da presença da imagem no treinamento que

antecedeu a viagem a Belém, como ela era recebida durante as últimas visitas e por que ela estava com o pesquisador.

Do professor Nazareno, um acadêmico, doutor em Educação, o pesquisador obteve uma verdadeira aula sobre a romaria. Abordaram-se as dificuldades, a estrutura oferecida, o árduo trabalho de angariar apoio, as paradas e as refeições fornecidas, as orientações de como se preparar fisicamente e o que levar para a caminhada. Pelas informações, muitas vezes complementadas por Socorro, mencionou-se o caminhão que levaria as malas e mochilas. Ela destacou a importância desse apoio, pois, em certo ponto do trajeto, “até a aliança passava a pesar”. Em meio a tantas informações, o pesquisador começou a pensar em como cumprir a obrigação moral com os anfitriões.

Percebeu novamente que a presença da imagem Nossa Senhora de Nazaré, nunca antes prevista no projeto de pesquisa, abria as portas à pesquisa. O professor Nazareno se encantou com a história do treinamento e principalmente com a presença da imagem do pesquisador em Castanhal, por ele vista como sagrada e, em sua concepção, importante como retribuição aos anfitriões que a receberam em São Paulo. Notou-se, então, que essa presença parecia estreitar a relação com o pesquisador, o qual foi convidado a jantar com a família, fato repetido todos os dias até a saída na quarta-feira pela manhã. Isso proporcionou momentos de convivência, que também passaram a contribuir com a pesquisa.

Na manhã do dia 1 de outubro, segunda-feira, por estar com tempo livre, o pesquisador encaminhou-se à comunidade de São Francisco do Ita, pertencente ao município vizinho, Santa Bárbara. Lá foi visitada a produção de tucupi na fazenda Vovó da Floresta, em alta produção para atender às demandas do almoço do Círio. Durante a visita, o anfitrião Anderson Calderaro informou haver uma doação de tucupi e outros itens para levar aos romeiros.

Na tarde do mesmo dia, houve um encontro com o professor Nazareno em sua clínica, onde ele apresentou a camiseta da romaria 2017, mostrou já haver doações acima de 8.000 copos de água e contou um pouco do dia a dia de fazer a coleta de doações. Durante o jantar em sua casa com Socorro, o pesquisador entendeu as múltiplas funções dela, que começava planejando antecipadamente a provisão de flores vindas de São Paulo para, na véspera, decorar a berlinda<sup>8</sup>. Além disso, no dia da romaria, a ela também cabia o preparo da refeição para o jantar dos romeiros, entre outras atividades. Nessa noite, combinou-se com o professor de acompanhá-lo em seu trabalho de coleta junto a apoiadores no dia seguinte.

---

<sup>8</sup> A berlinda transporta a imagem de Nossa Senhora de Nazaré na transladação e na procissão do Círio.

A véspera da romaria Castanhal-Belém foi uma verdadeira peregrinação em Castanhal. Visitando os apoiadores, constataram-se a realidade, o desprendimento e altruísmo do professor Nazareno. Muitas vezes, o já combinado tinha sido esquecido, o que o levou a voltar mais de uma vez ao mesmo local para fazer a coleta. Algumas vezes, o organizador desabafou sobre o desgaste de pedir, de recolher e confessou que, se possuísse os recursos, faria a romaria sem pedir nada. No fim da tarde, o pesquisador trabalhou com Socorro, enquanto um grupo de homens fazia os últimos ajustes de som e iluminação da carrinha que carregaria a berlinda. Socorro e outras mulheres já estavam desde a manhã na decoração da berlinda, que somente ficou pronta por volta da meia-noite, quando o grupo-confraternizou com uma rodada de pizzas ali mesmo ao lado da berlinda.

Na quarta-feira, 4 de outubro, às 5h30min, de posse de uma grande quantidade de equipamentos para apoiar a pesquisa e também da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, o pesquisador deixou o Hotel Amazonas e dirigiu-se para a praça em frente à igreja matriz. Com algumas centenas de pessoas esperando, a mala foi acomodada no caminhão de apoio a malas e mochilas, permanecendo a mochila com equipamentos e com a imagem nas mãos do pesquisador, pois tinha anteriormente negociado espaço para ela no carro que puxaria a berlinda até Belém.

Ali já havia uma tenda produzida por professores de um colégio estadual, onde distribuía um completo café da manhã para quem se aproximasse. Logo chegou a berlinda com Nossa Senhora de Nazaré, conduzida e colocada em um altar externo onde aconteceriam os protocolos políticos, as bênçãos e orações. Nesse momento, o pesquisador recebeu uma proposta do professor Nazareno, inconformado com a possibilidade de a imagem viajar na mochila dentro do carro. Entendendo a sua importância simbólica para os anfitriões do pesquisador durante o treinamento em São Paulo, o professor Nazareno acreditava que a imagem não podia ir sem ser vista. Sugeriu-se então que, mesmo arriscando a sua integridade e na impossibilidade de o pesquisador carregá-la até Belém, por ser pesada e por estar trabalhando na pesquisa, que ela seguisse de mão em mão, sendo revezada entre os romeiros até chegar a Belém, como deveria ser.

Após todas as bênçãos à romaria, o pesquisador foi apresentado formalmente para toda a comunidade como tal, sendo convidado a explicar um pouco do projeto. Relatou sobre o treinamento e explicou o teor de sua pesquisa. No momento do ritual da troca de mantos da imagem oficial, a imagem do pesquisador foi presenteada oficialmente com o manto 2016. No fim da cerimônia de partida, por orientação do professor Nazareno, novamente todos foram

convidados a conduzir a imagem do pesquisador até Belém, e, de mão em mão, mesmo perdendo suas coroas, ela chegou à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré no dia seguinte.

Segundo a organização, o grupo tinha aproximadamente 1.200 pessoas. Durante o trajeto dos 80 km, que durou 27 horas - muito longo para ser realizado em pouco tempo e sem muito descanso -, houve 6 rápidas paradas, uma tempestade e, por mais equipado que o pesquisador estivesse para minimizar efeitos de caminhadas, ele sofreu com pés e mãos inchados, assaduras e bolhas no pé em maior ou menor proporção.

Após ter passado por várias experiências de acolhimento durante a romaria, na madrugada do dia 5 de outubro, quinta-feira, última parada antes de chegar à Basílica, ficou impressionado com a hospitalidade de uma família que acolhia os romeiros com uma canjica. Ao conversar mais profundamente com os familiares, o pesquisador imediatamente foi identificado pelo nome por um dos anfitriões que anualmente fazia aquele acolhimento, pois a sua mãe, presente no grupo, havia lhes contado da presença de um pesquisador. Aproveitando a conversa, Guta, a anfitriã da canjica, falou sobre o seu planejamento de acolhimento para os dias subsequentes, revelando uma nova possibilidade de observação não prevista até então.

A Casa de Plácido, inicialmente principal espaço de observação, teria de dividir espaço com outras manifestações de hospitalidade observadas no caminho, pois não se esperava encontrar tantas ações no trajeto e tampouco se tinha conhecimento da hospitalidade que acontecia na Avenida Almirante Barroso, nas noites de quinta e sexta que antecedem ao Círio. Todas essas manifestações de acolhimento, juntas, compõem um mecanismo de apoio não organizado, mas funcionando em meio ao caos.

Após parar o trânsito, avançando na contramão com esta pequena multidão em uma das principais avenidas da cidade, Avenida Nazaré, às 10 horas do dia 5 de outubro, chegaram aproximadamente 800 pessoas à Basílica. Após o grupo ser recebido em meio a uma missa, interrompida por volta de 15 minutos, todos foram abençoados e direcionados à Casa de Plácido para serem acolhidos, recebendo primeiros socorros, água, alimentação e outras ações. Como o pesquisador passaria os próximos 20 dias na Casa de Plácido e a casa estava superlotada por receber o grupo de Castanhal, optou individualmente por dispensar o acolhimento e dirigiu-se ao hotel para descanso imediato.

Não receber o acolhimento na Casa de Plácido revelou ser uma opção equivocada, pois no fim da tarde, o pesquisador acordou desidratado, com dores pelo corpo, quase sem conseguir se locomover. Seguiu, então, de taxi para o local a fim de ser atendido, por entender que ali havia pessoas preparadas para atender indivíduos nessas condições. Lá passou pelo processo de

completo de acolhimento: lava-pés, massagem, curativo e alimentação: uma sopa restauradora, dando-lhe a sensação de estar renovado, 1h30min depois de deixar o local.

Na mesma noite, dia 5 de outubro e na noite subsequente, aproveitando as informações fornecidas por Guta na última parada na romaria, o pesquisador se aproximou do grupo de acolhimento a que ela pertencia e também a outros grupos atuantes na Avenida Almirante Barroso, principal via de acesso à cidade de Belém e à Basílica. Ali observou-se, nas noites que antecedem o Círio, um grande fluxo de romeiros passantes, chegando a Belém de forma individual ou em grupos, provenientes de bairros distantes e de diversas cidades do estado. Notou-se, entre os grupos observados de diversos tamanhos, que o maior deles vinha de Icoaraci, bairro de Belém distante cerca de 20 km da Basílica, e reunia, de acordo com um dos seus componentes, aproximadamente 400 pessoas.

Inicialmente, o pesquisador pretendia se oferecer como voluntário na Casa de Plácido. Entretanto, com o número elevado de voluntários cadastrados e atuando, ele pôde apenas observar e coletar dados, permanecendo ali cerca de 10 horas nos dias 6 (sexta-feira) e 7 (sábado) de outubro e por cerca de 6 horas quando a casa foi reaberta entre 10 e 21 de outubro. Entre a tarde de 7 e 9 de outubro, a Casa fechou para que seus voluntários pudessem participar das festividades.

Após a procissão principal do Círio de Nazaré de Belém, em 8 de outubro de 2017, o pesquisador notou que a importância dos fatos em observação se estendia muito além da Casa de Plácido. Por conta disso, houve mais duas visitas a Castanhal para complementar a coleta de dados. Na visita de 13 de outubro, das 8 às 22h, o pesquisador, pela manhã, ajudou a decorar e preparar a berlinda junto com Socorro e outros devotos e, no início da tarde, dirigiu-se ao Santuário de Nossa Senhora de Nazaré em Apeú, distrito de Castanhal, distante 10 km do centro, de onde saíria a romaria dos idosos com um percurso de 7 km. Ao autor, já inserido no grupo, foi oferecida a honraria de transportar a imagem em suas mãos entre a casa do professor Nazareno, em Castanhal, até Apeú e de conduzi-la do carro para o altar do Santuário.

O pesquisador teve ciência da dificuldade em lidar com a emoção e fé de tantas pessoas, mesmo não sentindo o que esses devotos sentem ou, pelo menos, tendo nesse sentimento alguma moderação, sendo impossível não ter se emocionado. O santuário está em um lugar afastado, no último quilômetro de uma estrada de terra, como no “fim da linha” e, atrás dele, tem-se a mata. Ao sair do carro, praticou-se toda a ritualística que envolve a imagem para enfrentar multidões de devotos: elevá-la com as mãos em punho, atravessar uma multidão para sair do carro, subir uma escadaria, adentrar ao santuário, chegar ao altar e, por fim, entregá-la à freira responsável pela oração de saída. Lidar com os paroquianos na igreja do bairro de

Higienópolis em São Paulo havia sido apenas uma preparação perante a exposição “*in loco*” dentro do contexto e fenômeno estudado.

Durante o trajeto, que durou 2h30min, terminando às 18h30min, encontraram-se muitos informantes presentes na romaria Castanhal-Belém, entre eles Dona Nilza, a mais antiga devota-romeira em atividade no grupo do Zé Bode, com quem foi agendada uma entrevista em outra data. Após essa romaria, utilizando-se da mesma estrutura da carrinha que carrega a berlinda, já ornamentada, o pesquisador se juntou a uma concentração próxima à casa do professor Nazareno e seguiu com outra procissão entre bairros, com duração de aproximadamente uma hora, terminando na Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

O retorno a Castanhal deu-se em 22 de outubro, onde houve um almoço com a família do professor Nazareno e levantaram-se dados ainda confusos acerca da história do grupo. Após o almoço, a convite dos anfitriões, o pesquisador foi até a residência de Dona Nilza, onde, em longa conversa, compreendeu um pouco mais sobre a formação do grupo que se tornou um dos maiores. O professor Nazareno manifestou a vontade de assistir, naquela noite, ao encerramento do Círio com a queima dos fogos de artifício - ou fogos de vista, como citado pelos devotos - na Basílica Nossa Senhora de Nazaré em Belém e também pretendia assistir ao Recírio,<sup>9</sup> que começava às quatro horas da manhã do dia seguinte na cidade de Belém.

Atendendo às demandas domésticas, conseguiu seguir com Socorro e sua cunhada para o Recírio, encontrando o pesquisador às 3h50min na porta da Basílica. Em meio a milhares de pessoas, o grupo entrou e conseguiu estar bem posicionado para assistir a todo o ritual da subida da imagem original para o Glória<sup>10</sup>. Posteriormente, enquanto acontecia a missa campal do Recírio na Praça Santuário, o grupo foi ao Colégio Gentil Bittencourt, onde tradicionalmente a imagem se dirige após a missa e ali se despede do povo paraense para reaparecer oficialmente somente no início de outubro de 2018. A maior parte dos devotos, erroneamente, acredita que a imagem fica ali guardada durante esse período.

Para o pesquisador, assistir ao encerramento desse processo ao lado do professor Nazareno e sua família fez todo sentido, pois teria sido praticamente impossível o pesquisador se aproximar, usufruir, coletar dados entre outras vivências, sem o processo de aproximação real, como comer e sofrer junto durante a romaria de 80 km. Não é possível, depois de estar

---

<sup>9</sup> O Recírio é a última procissão, realizada na segunda-feira, após o encerramento oficial no quarto domingo de outubro, momento em que os devotos se despedem da imagem peregrina que ficará longe dos paraenses por 350 dias.

<sup>10</sup> Glória é o local de destaque, o mais alto do altar principal da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, onde, durante o ano inteiro, fica exposta, porém protegida, a imagem original. Somente no início do Círio, ela é trazida para a base do altar, ficando mais próxima da população durante os 15 dias da festa.

inserido no mundo e no cotidiano do outro, “acionar um dispositivo” e “tornar-se acadêmico sem sentimento para não “contaminar a pesquisa”. Novamente, como disse Nikodimov (2011), a etnografia não acontece sem os mecanismos da hospitalidade. Por fim, o pesquisador se despediu entre lágrimas talvez proibidas, mas ao mesmo tempo incontidas, e com a promessa de voltar e utilizar os seus conhecimentos para a melhoria e elaboração de estratégias práticas de acolhimento na romaria Castanhal-Belém em 2018.

Na semana posterior ao Recírio, entre os dias 24 e 30 de outubro, um período que parece uma semana de “ressaca” após o carnaval em Salvador, o pesquisador realizou diversas entrevistas com anfitriões que praticam acolhimento, com os quais não tivera oportunidade de conversar profundamente durante as ações no período de observação que acontecem normalmente em meio ao caos. Também estive com o Doutor Adenauer Goes, secretário de turismo do estado, com quem pôde levantar números oficiais e as estratégias estaduais para a festa, tida como a mais importante do calendário, chegando a movimentar, em 2016, somente em itens relacionados à celebração, 1 bilhão de reais em 15 dias.

O pesquisador deixou a cidade de Belém no dia 30 de outubro, com a certeza de ter vivido uma grande experiência na área da hospitalidade e, diferentemente do que imaginava, todos conheciam, na prática, o conceito de acolhimento. Durante a preparação dos roteiros norteadores junto à orientação, existia a preocupação em não usar, no questionário, a palavra “acolhimento” para, como se diz popularmente no Pará, “não colocar a palavra na boca do caboclo”.

E assim, para os praticantes do acolhimento, durante o fenômeno praticado pelo grupo, parece acontecer o processo observado por Mauss (1974) - dar, receber e retribuir -, que forma um ciclo criando laços, percebidos e observados durante a pesquisa, nos comemorados reencontros entre devotos-romeiros (hóspedes) e seus anfitriões, que dão apoio voluntário durante a romaria, na entrada da cidade e na Casa de Plácido, ou presentes em depoimentos emitidos por devotos-romeiros que são acolhidos por amigos e parentes durante o período do Círio em Belém. Essa convivência ativa memórias afetivas, reforça laços entre os participantes. No caso dos paraenses, as práticas de acolhimento parecem sempre estar no “retribuir”, pois, ao ajudarem o devoto-romeiro, estão retribuindo ao divino. Como não há a contradádiva por parte do devoto-romeiro, eles associam todas as boas coisas que acontecem na vida às dádivas vindas do divino e, ao recebê-las, a forma encontrada para retribuir é doar ao devoto-romeiro o que estabelece e mantém o ciclo de dádivas envolvendo o divino.

Feita a exposição do percurso da pesquisa etnográfica, pode-se agora sistematizá-lo em três períodos e respectivos momentos. No período denominado como pré-romaria, ocorreram os seguintes momentos da pesquisa:

- a) **Visitas anteriores:** em 2015 e 2016, foram realizadas duas visitas à cidade de Belém, com permanência de aproximadamente dez dias em cada uma, com observações preliminares da festa, sua estrutura e participantes.
- b) **Preparação física do pesquisador:** dois meses antes do Círio de 2017, realizou-se um “treinamento físico” para ter condições de acompanhar a pé um grupo de romeiros, que se transformou em uma peregrinação levando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré a casas de residentes da cidade de São Paulo e cidades próximas.

No período da romaria propriamente dita, em outubro de 2017, ocorreram também dois momentos da pesquisa:

- a) **Caminho para a Casa da Mãe:** acompanhamento da romaria, de 4 a 5 de outubro, percorrendo o trajeto de Castanhal a Belém, onde havia manifestações de acolhimento voluntário. A expressão “Casa da Mãe” era repetida quando os devotos se referiam a Belém ou ao destino.
- b) **Bem-vindos à Casa da Mãe:** chegada a Belém, nos dias 5 a 7 de outubro, percorrendo a Avenida Almirante Barroso, via principal de acesso dos romeiros à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, onde havia também manifestações de acolhimento voluntário para atender aos devotos-romeiros. Essas manifestações acontecem de quinta-feira à noite até sábado à tarde, antes do Círio.

Por fim, no período da pós-romaria, a pesquisa transcorreu durante o Círio em Belém, em um momento da pesquisa:

- a) **Casa de Plácido:** observação da atuação dos voluntários e do comportamento dos romeiros nos dias 6 e 7 e entre os dias nos dias 10 e 21 de outubro, com o registro das manifestações de acolhimento entre hóspedes e anfitriões.

Esses três últimos períodos tiveram a duração de trinta dias, com chegada a Belém no dia 30 de setembro de 2017, ou seja, antes do início da romaria, e com retorno a São Paulo em 30 de outubro de 2017, sete dias após o término das festividades do Círio de Nazaré. No primeiro período, acompanharam-se as práticas de acolhimento durante a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré; no segundo, as práticas de acolhimento na entrada da cidade de Belém; e

no terceiro, as práticas de acolhimento na Casa de Plácido. A seguir, descrevem-se os procedimentos de coleta e tratamento dos dados na trajetória do pesquisador nesses percursos.

### 1.6 Procedimentos de coleta e tratamento

Em uma pesquisa etnográfica, utilizam-se várias técnicas para a coleta de dados, que são selecionados e organizados para a descrição, análise e discussão dos resultados. Assim, na pesquisa de campo, foram coletados depoimentos dos sujeitos na forma de registros orais gravados, anotações do caderno de campo (escritas e gravadas), gravação de áudio, registro em vídeo e fotográfico. Segundo Lopes (1999) o método etnográfico é usado como paradigma científico por se utilizar de uma combinação de técnicas e recursos metodológicos. Também afirma que o estudo etnográfico leva a compreender culturas e subculturas que, aprendidas, se tornam mais relevantes historicamente.

Buscou-se produzir material de qualidade a partir de consulta com profissional da área de som e imagem, professor mestre Marcio Rinaldi, tendo sido utilizados os seguintes equipamentos profissionais: câmera fotográfica Canon 7D (fotos e vídeos), microfone direcional, tripé, gravador digital, 2 baterias externas, notebook, carregadores e cabos. A figura 2 mostra parte dos equipamentos utilizados pelo pesquisador durante a coleta de dados junto à romaria Castanhal-Belém.



**Figura 2 - Equipamentos utilizados na coleta de dados**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Teve-se também orientação de profissionais que trabalham com *treking* de longas caminhadas, e do próprio professor Nazareno, com o que se adquiriram produtos para uso do pesquisador, tais como bota especial para caminhadas, creme hidratante para os pés, protetor solar, pares de meia com tecnologia *Coolmax*<sup>11</sup>, roupa clara de algodão, talco, boné, joelheira, bermuda térmica branca, camiseta da romaria, e, principalmente, fé.

No entanto, riscos poderiam comprometer o material coletado e os equipamentos utilizados, tais como: a) perda ou roubo do equipamento de pesquisa, pelo fato de o pesquisador acompanhar o fenômeno envolto a milhares de devotos; b) intempéries com exposição dos equipamentos e materiais coletados a tempestades e mudanças de temperatura. Por conta disso, proteger o material coletado foi uma das principais preocupações durante a pesquisa de campo, afinal, com tempo de observação limitado, os riscos de perder material deveriam ser mínimos. Assim, procurou-se registrar tudo em duplicidade mediante uma cópia de segurança no smartphone (iPhone) armazenada no sistema de nuvem (iCloud).

O material coletado durante a pesquisa de campo reuniu centenas de anotações no caderno de campo, 2023 fotografias, 464 vídeos, 43 áudios em MP3, um cajado de madeira recebido no caminho, uma rosa amarela de plástico presenteada por uma devota-romeira na última procissão e o lenço branco do Recírio. Todo esse material começou a ser analisado e classificado ainda em Belém, sendo selecionado nos dias após o fim da festa, como sugere o método etnográfico.

Os áudios e vídeos com entrevistas e depoimentos foram transcritos, preservando a oralidade original, as fotos e vídeos foram selecionados em termos de relevância e qualidade, assim como as anotações do caderno de campo, compondo um rico material de dados.

As categorias de análise pré-definidas no início da pesquisa de campo, que nortearam os roteiros de observação e de entrevistas, foram se ampliando durante a própria realização da pesquisa e resultaram em: a) Romaria a Belém; b) Participantes da romaria e do Círio; c) Lugares de acolhimento; d) Práticas de hospitalidade. Na categoria **romaria**, as subcategorias foram facilmente identificadas: surgimento e evolução do grupo; fundador e seus motivos; coordenador atual, seu perfil e motivação; dimensão do grupo e perfil dos componentes; percurso, ritmo e paradas; recursos físicos e humanos; e equipamentos.

Na categoria participantes, houve necessidade não apenas de se recorrer à literatura sobre os movimentos e viagens de caráter religioso, mas também de adequar a tipologia dos

---

<sup>11</sup> As meias produzidas com fio Coolmax proporcionam aos seus usuários uma sensação de frescor por permitir alta respirabilidade, ideal para longas caminhadas.

participantes às especificidades tanto da romaria quanto do Círio. Os devotos do Círio de Nazaré são moradores de Belém, do estado do Pará e de outros estados brasileiros, e até paraenses residentes no exterior que se dirigem a Belém durante o período da festividade. Além deles, há os turistas que chegam a Belém motivados ou não pela fé, e os moradores que se comportam como turistas urbanos. Dividiram-se então os participantes entre anfitrião e hóspede, sendo que o anfitrião se subdivide entre o residente e não residente; e o hóspede se subdivide em turista de fé, turista religioso, turista cultural e turista cidadão. O quadro 1 lista todos os participantes na ordem em que estão descritos.

**Quadro 1 – Participantes do Círio de Nazaré**

<b>Participante</b>	<b>Tipo</b>	<b>Subtipo</b>	<b>Subtipo</b>
<b>Anfitrião</b>	Residente	Devoto	Promesseiro
			Não promesseiro
		Não devoto	-
	Não residente	Devoto	Promesseiro
			Não promesseiro
		Não devoto	-
<b>Hóspede</b>	Turista de fé	Romeiro	Promesseiro
			Não promesseiro
			Solidário
	Turista religioso	Romeiro	Promesseiro
			Não promesseiro
			Solidário
	Turista cultural	-	-
Turista cidadão	-	-	

Fonte: elaboração própria (2018).

Os anfitriões são todos os que atuam ou criam lugares de hospitalidade, ajudando os romeiros que se destinam e os que chegam a Belém durante o período do Círio de Nazaré, minimizando os seus sofrimentos físicos ou criando lugares para prática de acolhimento (quadro 2). Dessa forma, ajudam o romeiro a cumprir sua promessa e a participar dessa festa religiosa.

**Quadro 2 – Anfitriões do Círio de Nazaré**

<b>Residentes</b>	<b>Não residentes</b>
<b>Devoto promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que praticam a ação de hospitalidade em sua própria cidade, fruto de uma promessa.	<b>Devoto promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que se deslocam de suas cidades ou estados de origem para atuarem junto a romeiros e devotos, praticando ações de hospitalidade em outra cidade, fruto de promessas.
<b>Devoto não promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que praticam a ação de hospitalidade em sua própria cidade, motivados por solidariedade.	<b>Devoto não promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que se deslocam de suas cidades ou estados de origem para atuarem junto a romeiros e devotos praticando ações de hospitalidade em outra cidade, motivados pela solidariedade.
<b>Não devoto:</b> não devotos de Nossa Senhora de Nazaré, ateus ou de outras religiões, que praticam ações de hospitalidade em sua própria cidade, motivados pela solidariedade.	<b>Não devoto:</b> não devotos de Nossa Senhora de Nazaré que se deslocam de suas cidades ou estados de origem para atuarem junto a romeiros e devotos, praticando ações de hospitalidade em outra cidade, motivados pela solidariedade.

Fonte: elaboração própria (2018).

Os hóspedes são os beneficiados pelas ações planejadas e realizadas pelos anfitriões em lugares de hospitalidade durante o evento. Os turistas conceituados como turistas de fé são devotos de Nossa Senhora de Nazaré e podem ser romeiros promesseiros, não promesseiros ou solidários que se dirigem a Belém em sacrifício. Os turistas religiosos também são devotos de Nossa Senhora de Nazaré e se deslocam por diversos meios até Belém para cumprirem promessas ou manifestarem sua devoção à santa ou para ações de solidariedade a esses devotos. Já os outros turistas não são motivados diretamente pela fé à santa, mas sim por manifestações culturais ou por, na condição de residentes, se comportarem como turistas em sua própria cidade (GASTAL, 2006). (Quadro 3)

**Quadro 3 – Tipos de hóspedes do Círio de Nazaré**

<b>Turista de fé</b>	<b>Turistas religiosos</b>	<b>Outros turistas</b>
<b>Romeiro promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que viajam a Belém a pé como forma de sacrifício e como pagamento de promessa realizada.	<b>Romeiro promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré de outras cidades, estados e até outros países que viajam por devoção à santa, mas se utilizam de diversas formas de transporte para chegarem e cumprirem sua promessa.	<b>Turista cultural:</b> turistas que viajam por motivos culturais, pela beleza da festa e pelas manifestações culturais que são desdobramentos, e não especificamente pela fé.

<p><b>Romeiro não promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que viajam a pé para Belém por devoção, sem nenhuma relação com o pagamento de promessa.</p>	<p><b>Romeiro não promesseiro:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré de outras cidades, estados e até outros países que se utilizam de diversas formas de transporte para chegarem e, assim, manifestarem sua devoção, mas sem pagarem promessa.</p>	<p><b>Turista cidadão:</b> residentes que vivem na cidade, mas não a percebem, e, no período, são convidados, pelo movimento da festa, a se inserirem em situações, reconhecendo seu espaço e seu sentido de pertencimento.</p>
<p><b>Romeiro solidário:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que viajam a pé para Belém para fazerem companhia a outro romeiro e ajudá-lo em caso de necessidade.</p>	<p><b>Romeiro solidário:</b> devotos de Nossa Senhora de Nazaré que se utilizam de diversas formas de transporte para chegar a Belém e fazer companhia a outro romeiro e ajudá-lo em caso de necessidade.</p>	<p>-</p>

Fonte: elaboração própria (2018).

Na categoria lugares de acolhimento, as três subcategorias foram se apresentando ao pesquisador na forma de: a) pontos de apoio durante a romaria; b) pontos de apoio na entrada de Belém; c) Casa de Plácido. Nesses lugares, identificou-se outra categoria de análise, sob a forma de diferentes práticas de hospitalidade na circulação da dádiva – alimentos, palavras e gestos, música e serviços.

Como fontes de evidência, realizaram-se: observação participante, entrevistas semiestruturadas com o coordenador e entrevistas abertas com os participantes da romaria e do Círio. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, conforme os roteiros do apêndice A, e coletados alguns depoimentos, com os seguintes sujeitos: José Nazareno Abraçado Henrique, coordenador do grupo de romeiros Castanhal-Belém, denominado professor Nazareno nesta tese; 14 responsáveis pelos lugares de acolhimento no percurso de Castanhal a Belém e na entrada de Belém – Avenida Almirante Barroso, sendo 5 entrevistas e 9 depoimentos; Úrsula B. F. Rodrigues e João X. Rodrigues, casal de coordenadores da Casa de Plácido, e 3 voluntários que atuam na mesma casa; Roberto Mauro Santos de Souza, coordenador do Círio 2017; Adenauer Góes, secretário estadual de Turismo; 4 grupos de acolhimento que atuavam durante as procissões; 10 devotos da romaria Castanhal-Belém; e 8 devotos acolhidos na Casa de Plácido.

Trabalhar com o Círio de Nazaré, um fenômeno religioso repleto de manifestações efêmeras de fé e hospitalidade, requer agilidade do pesquisador para efetuar os registros, muitas vezes simultâneos: com a câmera em uma mão, observar com o olhar o que está acontecendo

em outro ângulo e ainda anotar o que foi observado e não registrado em imagem. Foi um desafio realizar a coleta nessa festa de grande dimensão movimentando centenas de milhares de pessoas em um determinado espaço de tempo com início, meio e fim. Segundo Vieira (2009), na pesquisa etnográfica, é importante também a análise de significados e experiências vividas por seus participantes, ressaltando-se a importância do envolvimento entre pesquisador e pesquisado. Nos apêndices A, B e C constam os roteiros de coleta de dados, os termos de consentimento e a transcrição das entrevistas e depoimentos, respectivamente.

Apesar de o Círio de Nazaré ser uma festa pública, existem muitos momentos privados e rituais culturais, dos quais, para participar, é necessário transpor as fronteiras imateriais observadas por Raffestin (1997), pois estar presente fisicamente no espaço não significa fazer parte dele, o que só é possível transpondo as fronteiras imateriais. Assim, justifica-se o uso da etnografia como método desta pesquisa, cujos princípios buscam quebrar as fronteiras materiais, deixando o pesquisador exposto em contato direto com o seu objeto. O desafio do emprego do método é quebrar essa fronteira e conseguir fazer parte do grupo, tornando-se imperceptível, ou seja, sem interferir no fenômeno observado.

Feitas as considerações necessárias ao entendimento da metodologia empregada na presente pesquisa, passa-se então à esfera do turismo religioso, também relacionado à festividade analisada no presente trabalho.

## **CAPÍTULO 2 - TURISMO RELIGIOSO, HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO**

Neste capítulo aborda-se o turismo religioso, que tem como principal requisito o deslocamento motivado pela fé, cujo contingente de devotos, apesar de cumprirem tal requisito, não são contabilizados nas estatísticas oficiais de muitos desses movimentos turísticos. O movimento incorpora a hospitalidade e o acolhimento nas relações sociais entre os romeiros, como hóspedes, e aqueles que os acolhem, como anfitriões. O capítulo está dividido em quatro partes, sendo a primeira sobre os aspectos conceituais do turismo religioso, a segunda sobre o acolhimento no Caminho de Santiago de Compostela, a terceira sobre os tipos de turistas religiosos e a quarta sobre a circulação da dádiva nas práticas de hospitalidade e no acolhimento presentes em manifestações religiosas.

### **2.1 Aproximações conceituais**

Com a intenção de desenvolver produtos para o mercado brasileiro, o Ministério do Turismo classifica segmentos turísticos de acordo com a relevância de atrativos. O turismo religioso não consta em tal classificação com importância nuclear, mas sim como um subsegmento do turismo cultural, ao lado do turismo cívico, místico esotérico, étnico, cinematográfico, arqueológico, gastronômico, ferroviário e do enoturismo. Todos esses tipos de turismo “compreendem atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2006, p. 13).

Para esse órgão, o turismo religioso é aquele que provém da “busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas, independentemente da origem étnica ou do credo”, e se relaciona “às religiões institucionalizadas, tais como as de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e sacerdócio” (BRASIL, 2010, p. 15). Assim, desconsidera como turistas religiosos outros viajantes que participam de um evento religioso com motivações culturais não estritamente religiosas, como estéticas e gastronômicas, ou até pelo simples lazer, divertimento ou distração, os quais seriam então classificados nos segmentos de turismo cultural.

Compreende-se a complexidade de classificar e conceituar segmentos, em especial o turismo cultural, uma vez que envolve aspectos da cultura em seu sentido amplo e diversificado. No entanto, causa algum incômodo perceber que, apesar da forte tradição e das dimensões que

podem atingir as manifestações culturais de origem religiosa - com seus mecanismos e desdobramentos –, o turismo religioso é classificado de forma subordinada ao turismo cultural, tendo em vista a sua magnitude e características particulares.

Domínguez e Alon (2019) citam ainda que vários autores consideram ser complexo conceituar o turismo religioso em razão de sua formação envolver duas realidades: o turismo e a religião, cada uma delas com valores próprios, combinando, de um lado, o caráter ancestral da religião e, de outro, o caráter moderno do turismo (PARELLADA, 2009).

Como um segmento turístico, o turismo religioso apresenta diferenças e semelhanças com outros segmentos e produtos turísticos. Para Silva e Borges (2019, p. 376), a sua principal diferença reside na motivação da viagem do turista, que, em uma visão generalista, seria a fé, e tradicionalmente inclui visitas a santuários e locais sagrados, e participação em celebrações religiosas e peregrinações. A busca espiritual e a prática religiosa ocorrem em espaços e eventos destinados a: a) peregrinações e romarias; b) roteiros de cunho religioso; c) retiros espirituais; d) festas, comemorações e apresentações artísticas de caráter religioso; e) encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis; f) visitação a espaços e edificações religiosas; g) realização de itinerários e percursos de cunho religioso; h) outros (BRASIL, 2006 e 2010).

Ampliando essa noção conceitual, inserem-se espaços com alto valor histórico e cultural que devem ser considerados. De acordo com Aulet e Hakobyan (2011), Oliveira (2008) e Pereira (2010), o turismo religioso se compõe de vários padrões de cunho tradicional, cultural, espiritual, religioso e cênico que influenciam tanto a intenção quanto a decisão de viajar. Como exemplo, as autoras Aulet e Hakobyan (2011), Gil (2006) e Millán (2010) citam o Caminho de Santiago que, apesar de sua origem religiosa, contém um patrimônio histórico-cultural-artístico nos locais percorridos pelos caminhantes que não pode ser desconsiderado como atrativo.

O turismo religioso é um fenômeno mundial e uma das mais antigas formas de turismo de que se tem conhecimento, com motivações exclusivas ou fortemente relacionadas a razões religiosas, podendo ser de curta ou longa duração, em destinos nacionais ou internacionais, dentre outros aspectos (GREENIA, 2018; OHEN, 1992; RINSCHEDI, 1992; VALLE, 2019). Embora tenha características particulares, nele deve-se considerar o consumo, de acordo com Rinschede (1992), pois os peregrinos fazem uso de equipamentos e serviços e apresentam uma estrutura de gastos similar à de qualquer turista (BENI, 2000, p. 422).

Conforme estimativas da Organização Mundial de Turismo divulgadas em 2014, um fluxo de 300 a 330 milhões de turistas se desloca anualmente para visitar os mais importantes centros religiosos do mundo, em um total aproximado de 600 milhões de viagens religiosas

(nacionais e internacionais), sendo a maior parte delas (40%) na Europa (UNWTO, 2014). Tais sítios de patrimônio religioso são importantes destinações turísticas que “no solo impulsan el turismo internacional y el crecimiento económico, sino que ofrecen un lugar de encuentro para visitantes y comunidades receptoras y contribuyen de manera vital a la tolerancia, al respeto y al entendimiento entre diferentes culturas” (UNWTO, 2014, on-line).

Durante o Congresso Internacional de Turismo Religioso e Peregrinação, realizado pelo governo português e pela Organização Mundial de Turismo em 2017 na cidade de Fátima (Portugal), a então secretária nacional de Qualificação e Promoção do Turismo, Teté Bezerra, apontou dados do segmento no Brasil com base em estudo realizado pelo Ministério do Turismo. De acordo com o estudo, as viagens motivadas pela fé no Brasil movimentam “4,4 bilhões de dólares decorrentes de 20 milhões de viagens por ano”, em mais de 300 destinos nacionais de turismo religioso. Ela ainda destacou a tolerância religiosa como a característica mais marcante do segmento no Brasil, cuja “diversidade de destinos e práticas religiosas [...] atraem visitantes brasileiros e do mundo inteiro”, e citou o Caminho das Missões Jesuíticas com a Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia”, o Círio de Nazaré, em Belém (PA), as romarias a Juazeiro do Norte e Canindé (CE), a Paixão de Cristo em Nova Jerusalém (PE), e santuários, como o de Aparecida (SP), e templos budistas como o Zu Lai (SP) (GURGEL, 2017, on-line).

Diante dessa dupla perspectiva do estudo do turismo religioso, destacam-se as manifestações antigas vinculadas a diversas religiões ou crenças que, embora alteradas no decorrer do tempo, permanecem em seu sentido original de culto à fé. Entre elas encontram-se peregrinações evidenciadas ao longo dos séculos, como as peregrinações cristãs para Roma ou Jerusalém e as peregrinações mulçumanas para Meca.

Ao se avançar um pouco mais sobre o turismo religioso, percebe-se uma abrangência maior do que se imagina *a priori*. Tem-se, no Brasil, manifestações religiosas de diversas crenças e, sobretudo, herdadas da tradição religiosa católica dos colonizadores, repletas de rituais e possibilidades de manifestações, como nas procissões, seus arraiais e outros desdobramentos “imateriais”.

Em alguns casos, tais manifestações e seus desdobramentos se misturam entre si, não só por se perderem na linha tênue que separa o sagrado do profano, mas também com o diálogo entre algumas religiões, que chegam até a se apropriar de símbolos e rituais da outra. Para sua própria manutenção e permanência, transitam entre o “sagrado e profano”, às vezes valorizando o “viver o profano” em detrimento do “sagrado”, que se torna coadjuvante em uma festa de cunho, justamente, sagrado; outras vezes, utilizam o “profano” como alavanca para realçar ou ressaltar o “sagrado”, como no caso das festas profanas medievais, dentre elas o Carnaval,

resgatado pelo cristianismo (COX, 1974). Sobre essa festa popular, Da Mata (1981) reafirma a relação complementar entre o sagrado e o profano:

[...] podemos ver o carnaval como algo desviante de uma festa religiosa, sem nos darmos conta de que as festas religiosas e o carnaval guardam uma profunda relação de complementaridade. Realmente, se no terreno da festa religiosa somos marcados pelo mais profundo comedimento e respeito pelo foco no "outro mundo" é porque no carnaval podemos nos apresentar realizando o justo oposto. (DA MATA, 1981)

Assim, existe alguma justificativa ao se questionar a classificação do turismo religioso, talvez pela ocorrência de muitas manifestações profano-religiosas que, devido a sua complexidade de significados, “inviabilizam” o sagrado e, dessa forma, as práticas profanas sobressaem-se na expressão geral e no imaginário coletivo. Deve-se atentar que muitas das manifestações “profanas” classificadas no turismo cultural têm sua origem nos desdobramentos das tradições religiosas ou são apenas mecanismos do religioso.

Uma determinada festa pode ser espetacularizada em algumas localidades com a construção de grandes arraiais, lugares de encontro e repletos de propostas profanas, com acesso a recursos diversos e programações pensadas com antecedência para atrair grande número de participantes (CASTRO, 2002). Na ocasião, oferecem-se shows com atrações regionais e nacionais, concursos de quadrilha, barracas de alimentação e entretenimento, entre outros atrativos, ofuscando o caráter religioso até mesmo para o participante que foi em busca do aspecto religioso da manifestação.

Pela diversidade de abrangência e manifestações, há de se repensar os diversos tipos de turismo e de turista, o que talvez não caiba em uma simples classificação dentro do turismo cultural, assim como a sua noção conceitual alinhada aos vários movimentos religiosos, em especial no caso das peregrinações e romarias. Diante disso, propõe-se o termo *turismo de fé religiosa* para indicar uma peregrinação ou romaria de devotos movidos pela fé a algum santo ou entidade, neste caso Nossa Senhora de Nazaré, com o fim de chegarem a um centro ou local emblemático de devoção.

## **2.2 Peregrinação a Santiago de Compostela**

As peregrinações integram o repertório de expressões de determinado povo ou comunidade, referenciadas em alguns ditos populares, tais como “quem tem boca vai a Roma”

e “todos os caminhos levam a Roma”, referentes a um movimento religioso em que muitos cristãos seguiam para Roma. Mesmo sem conhecerem o caminho, em geral partiam com uma noção inicial de direção e contavam com o apoio dos informantes que lhes indicavam a direção durante o percurso. Ainda hoje, muitos cristãos se dirigem a essa cidade emblemática associada à origem do Cristianismo.

As romarias a Roma já se modernizaram, e não são tantos os que chegam nos moldes antigos, caminhando desde seu ponto de origem até o centro antigo e a Basílica de São Pedro. O mesmo acontece com Jerusalém e Meca, que recebem grupos organizados de peregrinos com logística planejada e dotados de infraestrutura que substituiu o sacrifício do andar por dispor de recursos para esse fim (RAJ, 2015; SANCHIS, 2006; SANTOS, 2000).

Outra rota famosa é o Caminho de Santiago de Compostela<sup>12</sup> que, desde o ano de 813 d.C., mantém a forte tradição de peregrinação a pé, agora atualizado com rotas organizadas e sinalizadas. O pretendente a caminhante pode encontrar informações importantes no site da *Oficina de Acogida al Peregrino*<sup>13</sup>, como preparar-se, quais as principais rotas, como obter a credencial de peregrino e acessar as associações de amigos do Caminho no mundo. Todas as noites há atualização dos dados a respeito dos peregrinos que chegaram durante o dia e que comprovaram sua peregrinação e, assim, receberam o certificado *La Compostelana*. Pela emissão desse certificado, a *Oficina del Peregrino* coleta dados do fluxo turístico (número de peregrinos, sexo, meio de peregrinação, motivação, local de origem, idade, etc.). Em 2018, registrou-se um total de 327.378 peregrinos que receberam *La Compostelana*<sup>14</sup>, dos quais 306.064 (93,49%) fizeram o percurso caminhando (CATEDRAL DE SANTIAGO, 2019).

Boa parte dos caminhantes não viajam por questões especificamente religiosas, por sacrifício ou devoção a Santiago apóstolo, mas sim motivados por uma busca mística relacionada ao autoconhecimento: acreditam acessar, a partir do período de isolamento imposto pela caminhada peregrina, momentos de profundas reflexões (STEIL; CARNEIRO, 2008; TONIOL, 2010, TORRE, FERNÁNDEZ e NARANJO 2010). Assim como afirma Trigo (2010), o turismo religioso é uma experiência importante na vida do praticante, por se tratar de

---

<sup>12</sup> O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação surgida na Idade Média, motivada pela possibilidade se aproximar das relíquias de São Tiago.

<sup>13</sup> Escritório oficial que registra os peregrinos e emite *La Compostelana*.

<sup>14</sup> *La Compostelana* é um certificado que o peregrino requisita em Santiago, a partir da comprovação de que percorreu, no mínimo, os últimos 100km caminhando de forma contínua ou 200km de bicicleta ou a cavalo.

um deslocamento que, antes de ser geográfico, cultural ou social, é uma experiência do indivíduo consigo mesmo.

O Conselho Europeu, em 1987, nominou o Caminho de Santiago de Compostela como o primeiro itinerário cultural europeu, sendo os seus trajetos espanhol e francês considerados património cultural em 1993 e em 1998, respectivamente (TRESSERRAS, 2007). Em 2004, foi concedida a categoria de Grande Itinerário Cultural Europeu ao Caminho e, no ano seguinte, a UNESCO criou uma nova categoria de itinerários culturais, incluindo Santiago de Compostela com a seguinte justificativa: “Sin duda el Camino de Santiago se ha convertido en un referente de un itinerario vivo y contemporáneo que ofrece espiritualidad, paisaje y cultura” (TRESSERRAS, 2007, p. 1).

Essa rota religiosa, desde o século IX, mantém a tradição do peregrinar caminhando. No ano de 1140, Aymeric Picaud escreveu um tipo de guia do caminho, que foi incluído no “Liber Sancti Iacobi” (livro V do Códex Calixtinus). Nessa primeira descrição, que se limitava apenas ao Caminho Francês, o guia dividia a rota em treze etapas e descrevia com detalhes os aspectos de interesse do peregrino, tais como: costumes, climas, paisagens e lugares de interesses religiosos. (FREY, 1998)

No século XII, Santiago de Compostela já recebia 300 mil peregrinos por ano, evidenciando-se como uma das cidades mais importantes da Europa na época (FERNÁNDEZ ESTÉVEZ, 2001). Otero (1990) conta que, segundo relatos de historiadores e viajantes, os peregrinos do Caminho de Santiago de Compostela sofriam constantemente assaltos, roubos e golpes, e foi a partir da Idade Média que começou a surgir uma infraestrutura de acolhimento, com o aproveitamento de bases de construções romanas.

*En el Camino se produce, también de modo dialéctico y contradictorio, un conjunto de realidades artísticas realizadas “para” los peregrinos (posadas, hospitales, lugares de culto y devoción [...] y otras realizadas “por” los peregrinos. Estos consolidaron, de hecho, nuevas rutas, trajeron consigo nuevas formas de expresión artística, cargarian incluso como penitencia en el tramo final, com piedras de considerable tamaño para contribuir a la construcción de la basílica compostelana [...]. (OTERO, 1990, p. 30)*

Fernández Estévez (2001) concorda com a afirmação de Otero (1990) de que ocorreu um processo de preparação para o outro, no qual os atores envolvidos no papel de anfitriões (o Estado, a Igreja ou o cidadão habitante dos locais dessa rota) prepararam-se ao longo dos séculos para receber seus hóspedes (os peregrinos).

Existem também associações de amigos do Caminho, a primeira delas fundada em 1950, na França. Segundo González Bonome (1999), é uma espécie de associação formada pelas

comunidades autônomas da Espanha dispostas no Caminho Francês, ou seja, Navarra, Aragón, La Rioja, Castilla e León, e Galicia, coordenadas por esta última, por ser detentora do destino final da rota do peregrino. As normativas desenvolvidas por esses governos direcionam-se tanto a proteger seu patrimônio histórico-cultural quanto a promover um projeto turístico com impactos económicos positivos para a sua região por meio de várias ações, tais como: a) delimitação física do percurso e proteção do patrimônio; b) subvenções para atividades, projetos e pesquisas culturais; c) apoio para melhoria da infraestrutura turística.

González Bonome (1999) também destaca o apoio institucional das diversas comunidades autônomas da Espanha, por entenderem claramente o Caminho de Santiago como um projeto turístico, além do apoio institucional do TURESPAÑA, organismo público ligado ao Ministério de Indústria, Comércio e Turismo da Espanha. Não é de se estranhar que a rota seja famosa e frequentada até os dias de hoje. Conforme dados da Catedral de Santiago (2017), mais da metade dos peregrinos que chegaram a Santiago de Compostela vieram pelo Caminho Francês.

No Brasil, o Caminho de Santiago de Compostela ficou conhecido a partir do ano de 1987, com a publicação do livro “O diário de um Mago”, de Paulo Coelho. Na década de 1990, impulsionado pela proposta de autoconhecimento desse texto, o Caminho de Santiago de Compostela torna-se “viagem de moda”.

Não há dúvida da importância, como rota religiosa, do Caminho de Santiago, rumo à Catedral de Santiago de Compostela, destino turístico religioso que, por sua tradição, recebeu todos os já citados reconhecimentos nacionais, europeus e da UNESCO. Também se reconhece a importância que o Caminho Francês tem até hoje e chama-se a atenção para o movimento de acolhimento que acontece historicamente desde o século XII, inicialmente promovido pelas ordens que construíram mosteiros para, no último trecho do caminho - os quase 800 km que ligam Roncesvales e Santiago de Compostela, acolher o peregrino a cada 40 km.

O autor desta tese teve experiências pessoais no percurso, onde algumas vezes foi acolhido conduzindo *fampress* pelo Caminho Francês. No final do acolhimento, durante os agradecimentos e despedidas, o anfitrião pedia, quase ritualisticamente, como uma espécie de retribuição, que o seu nome fosse guardado, memorizado e levado pelo peregrino para que, quando este chegasse à Catedral, desse, em nome dele, “um abraço em Santiago”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Levar o abraço solicitado pelos anfitriões do caminho é uma missão física, ao visitar a Basílica de Santiago. Faz parte dos rituais passar por trás do altar-mor e abraçar Santiago pelas costas. Quando o peregrino abraça a imagem de Santiago, ele está abraçando em nome de todos os que acolheram.

Durante a mesma experiência, percebeu o acolhimento mediante as ações institucionais das comunas associadas e do Estado, que buscam formas de organizar e acolher e entendem o Caminho como um produto turístico e, assim, promovem-no ainda mais. Além disso, há o caso da Oficina do Peregrino que, pelas ferramentas de comunicação disponibilizadas, demarcação física do caminho e ampliação das modalidades (a cavalo, bicicleta, barco a vela e até de cadeiras de roda) incentivam novos públicos. O acolhimento deu e continua dando “vida” ao Caminho de Santiago, pois acolher, nesta região, parece fazer parte do cotidiano.

### 2.3 Turistas religiosos entre o sagrado e o profano

O turista religioso está normalmente envolvido com aspectos emocionais ligados ao sagrado, que podem levar à sensação de bem-estar, como melhores condições físicas e psíquicas. Tal aspecto é o que muitas vezes move os peregrinos aos lugares de fé e aos eventos religiosos, diferenciando tal viagem das outras mais convencionais, por prazer.

No entanto, haveria diferença entre o peregrino e o turista religioso, ou entre o turismo religioso e a peregrinação? Sharpley e Sundaram (2005) citam que a intensidade da motivação religiosa pode definir a relação entre o turismo e a religião, o que é útil para conceituar os tipos de turismo e turistas decorrentes dela, conforme apontado por Smith (1992) na figura 3. No centro da figura, no *continuum* entre o sagrado e o profano, situa-se o turismo religioso que se compõe igualmente de peregrinos e turistas. À esquerda, tem-se a peregrinação, com o fluxo essencialmente de peregrinos (a) e peregrinos em maior número de turistas (b), com maior motivação ao sagrado; à direita tem-se os peregrinos em menor número do que os turistas (d) e essencialmente turistas (e), com maior motivação ao profano.



**Figura 3 – Delimitação entre peregrino e turista religioso**

Fonte: adaptado de Smith (1992).

Os estudiosos dedicados ao tema, em geral, apontam diferenças e semelhanças entre a peregrinação e o turismo religioso, levando à discussão dos conceitos de turista religioso e peregrino. Para Beni (2000), ao tratar dos tipos de turistas, a diferença entre turista e peregrino é que o primeiro tem motivações variadas quando decide o seu deslocamento e o segundo, apesar de ser um turista potencial, tem motivações e obrigações religiosas. Souza (2013) avança ao tratar o peregrino com determinadas motivações, atitudes e forma com que conduz a sua missão, descrevendo-o

[...] como um homem em busca da Cidade Ideal, não existente no mundo profano, o que confere à sua caminhada um sentido do utópico, de busca do que não poderá jamais ser alcançado. Tal busca, por outro lado, o purifica e permite que ele retorne renovado, ao mundo profano, o que confere à romaria um sentido profundo que só pode ser alcançado a partir do sofrimento: uma peregrinação confortável, neste sentido do, perde seu significado. (SOUZA, 2013, p. 82)

Já o romeiro tem outra forma de pensar ditada por objetivos e obrigações para com o destino religioso, diferente do turista religioso. Ribeiro (2010, p. 11) trata a romaria como

A peregrinação realizada por motivos religiosos, caracterizando a jornada na qual os viajantes tomam parte nos cultos, ou se envolvem em outras demonstrações de fé (orações, celebrações, existência de um conjunto de práticas devocionais), estão convictos de que observam uma obrigação religiosa e a realizam dentro de uma autodisciplina rigorosa.

Na visão de uma devota de Nossa Senhora de Nazaré, que por 12 anos esteve entre os casais que coordenavam o Círio, a diferença entre o romeiro e o turista é que:

*[...] Romeiro é todo mundo que vem ao encontro da Mãe no Santuário, é [...] não importa se ele veio de avião até Belém, não importa se ele veio de carro, se ele veio a pé, agora, o que importa na verdade é a intenção dele do coração...não...eu vou para Belém [...] vou para festa do Círio, mas assim, não vou com aquele foco [...] de vou ver Nossa Senhora eu acho que a grande diferença do romeiro pro turista é esta, o romeiro ele vem com a vontade de chegar na Casa da Mãe tomar a benção da mãe de Nazaré, entendeu? O turista não. Ele vai passar pela Casa da Mãe, ele vai assistir. Acho que esta é a diferença fundamental, um vive, outro assiste. (Regina Ventura, 2017)*

Observem-se mais de perto esses turistas religiosos, os peregrinos caminhantes, para os quais, o quesito da penitência é uma constante (ARAGÃO; MACEDO, 2011), integrada às suas motivações religiosas. A sua experiência turístico-religiosa pode ser ampliada mediante a oferta e fruição de informação, segurança e hospitalidade, mantidas as características devocionais e

de sacrifício da sua viagem, que portam a simbologia de um presente individual oferecido ao sagrado. Dessa forma, os romeiros praticam peregrinação motivados por distintas demandas, nas quais o sacrifício passa a ser o presente, que pode ser complementado ou não com algo físico que o penitente carregue, como o chamado ex-voto, ofertado ao objeto de devoção, ou o cansaço e as bolhas nos pés pela árdua caminhada.

Nesta pesquisa, o peregrino estudado é o que chega a Belém de forma penitencial no período do Círio de Nazaré e se autointitula “romeiro”. No contexto, o termo peregrino não tem muita relevância e, por isso, nesta tese usa-se o termo “romeiro”, que tem sentido semântico para o grupo estudado. Então, os romeiros que chegam a Belém de barco, de avião, de ônibus, de bicicleta ou a pé, todos juntos, promovem as procissões do Círio, presentes com seus ex-votos e suas fervorosas manifestações de fé durante os seus percursos.

Contudo, esses romeiros, deslocados claramente por motivações de fé, muitas vezes não se utilizam dos equipamentos e da estrutura turística, em que são aplicadas as medições convencionais praticadas pelos órgãos oficiais de turismo. Por essa razão, esse tipo de turista religioso, que se encaixa no mais importante quesito para defini-lo como tal, segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) - o de viajar por motivações religiosas -, não é ou não pode ser medido.

Por outro lado, os turistas presentes em uma festa religiosa por outros motivos, como no caso de pessoas católicas e não católicas que se dirigirem a Belém na época do Círio, não exatamente pela fé em Nossa Senhora de Nazaré, mas para “assistirem” à manifestação que leva milhões de pessoas às ruas em sua homenagem, não são considerados turistas religiosos, mas contabilizados como turistas culturais. No entanto, pode-se questionar se não existe nesse participante algo místico ou espiritual, que também o motiva até mesmo inconscientemente.

O próprio autor desta tese, de formação católica, esteve presente em diversas edições do Círio de Nazaré durante a década de 2000, mas sempre para apreciar, impressionado pela beleza estética e pelas dimensões do evento. Assistindo às procissões e sempre tocado “misticamente” pelo movimento, concorda com o que diz Mello (2010) sobre tal festa religiosa: “terá que saber chorar sem entender”.

Ao mesmo tempo, o grupo estudado dentro do Círio de Nazaré, os “romeiros promesseiros” ou apenas “romeiros” - devotos fervorosos de Nossa Senhora de Nazaré -, movidos completamente pela fé e que chegam aos milhares caminhando ou em pequenas embarcações, geralmente não são considerados e contabilizados. Isso porque os instrumentos de contagem não alcançam esse grupo, medindo apenas os turistas “convencionais” que se

utilizam de transporte, hospedagem, equipamentos e outros devidamente regularizados ou cadastrados.

Segundo Collins-Kreiner (2018) as diferenças entre romeiros e turistas estão desaparecendo, já que tanto a romaria quanto o turismo envolvem um desejo emocional por parte dos indivíduos em visitar lugares significativos para eles. No caso de nossos atores, romeiros, nota-se um aparente desprezo pelos sujeitos “não contabilizados”, que chegam à cidade de Belém e se hospedam de forma não comercial. No entanto, são eles os mais fervorosos e os protagonistas que acabam por ser um tipo de “atração plástica”, compondo visual e cenicamente o evento, dando legitimidade à sua magnitude, quase um espetáculo.

O romeiro, na execução de seu sacrifício e de sua oferta, ofertando a si - quando se resigna frente às dores físicas - para o pagamento de sua promessa, de posse de seus “ex-votos” e com suas manifestações físicas e pessoais de emoção, compõe um dos principais elementos visuais da manifestação, personificando a fé que dá identidade ao próprio evento. Na figura 4, veem-se os romeiros promesseiros da corda, no lugar onde se pagam as promessas consideradas mais difíceis (PAES, 2005; SARÉ, 2005), durante a procissão principal do Círio de Nazaré<sup>16</sup>, com destaque para a romeira de camiseta branca, com expressão facial de dor, que porta consigo seus ex-votos: uma fita laranja, um terço e uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré.



**Figura 4 - Romeiros na Corda**

Foto: Ricardo Frugoli (2016).

---

<sup>16</sup> São 12 as procissões que compõe o Círio de Nazaré. Elas acontecem durante a quinzena festiva, que se inicia no segundo domingo do mês de outubro com a procissão principal, conhecida como o Círio de Nazaré, e seguem até o quarto domingo. As doze procissões se distribuem antes e depois da chamada Quadra Nazarena, que começa com a procissão principal. Entre a sexta e a madrugada do segundo domingo, acontecem cinco procissões. Depois da procissão principal até o quarto domingo de outubro, acontecem mais cinco e, após o encerramento da festa, ocorre a última, chamada de Recírio.

As variações entre os tipos de romeiros, devotos ou não, turistas e residentes que se integram no Círio é perceptível em todos os seus momentos, desde as romarias com grupos caminhando em direção à Belém, como o caso investigado nesta pesquisa, que requereu um olhar mais atento do pesquisador para identificar suas motivações, interesses e necessidades que os diferenciam entre si, como descrito no capítulo anterior.

## 2.4 Dádiva no âmbito da hospitalidade e do acolhimento

A hospitalidade é uma forma de relação e interação social que determina e codifica as formas essenciais da sociabilidade. As relações sociais se constituem e se fortalecem por meio de uma forma particular e essencial de interação, que se torna a mediadora entre os anseios da coletividade, como afirma Bueno (2015). Por meio de tal interação, os indivíduos compartilham valores e tradições e assumem o compromisso de pertencimento.

Desse modo, a hospitalidade supõe um sistema de relações sociais dentro ou fora do registro das relações do interesse econômico e de poder. A afirmação de Scherer (1997) dimensiona a sua importância como parte do processo integrante de hominização:

*Loin de considerer l'hospitalité comme un processus donnée particulière et contingente, simple trait anthropologique ou donnée historique, on peut Le traiter comme partie importante de l'hominization. [...]. Il est indispensable de Le situer dans son contexte ethnologique ou l'hospitalité prend Le sens d'un 'fait social total' [...] La ou La constitution de La personne est indissociable Du Don et des échanges ou des prestations.tribution. (SCHERER, 1997, p. 60-61)<sup>17</sup>*

Diante dos problemas sociais que incluem a marginalização, a exclusão social, os movimentos migratórios e os problemas das minorias, o conceito de hospitalidade deveria ser abordado em sua multiplicidade. Esse aspecto é reforçado por Martins (2002) quando diz que a sociedade se funda sobretudo na ambivalência da reciprocidade. Conforme Bueno (2015), a importância e o alcance conceitual da hospitalidade ganham força e relevância ao serem abordados como uma dimensão da teoria da Dádiva de Marcel Mauss. No dizer de Godbout

---

<sup>17</sup> “Longe de considerar a hospitalidade como um dado processo particular de contingente, simples traço antropológico ou dado histórico, pode-se tratá-la como parte integrante da hominização. [...]. É indispensável situá-la no seu contexto etnológico onde a hospitalidade adquire sentido de um ‘fato social total’ [...] em que a constituição da pessoa é indissociável do dom e das trocas ou prestações”. (Tradução livre do pesquisador)

(1999), o sistema da dádiva é um mecanismo social que está na base das propostas de aliança, dos pactos de paz e das propostas de vínculo – o antídoto contra a guerra e a hostilidade.

A importância de tal mecanismo se evidencia na economia moderna que, segundo Godelier (2001), é a principal fonte de exclusão, pois aparta o homem não só do mercado, mas também, ao longo do tempo, ameaça excluí-lo da própria sociedade. O estudo da hospitalidade, como dimensão da dádiva, vai ganhar prestígio e alcance intelectual a partir do início dos anos de 1980 com o grupo M.A.U.S.S. (Movimento Antiutilitarista em Ciências Sociais), fundado por intelectuais franceses. O grupo foi pioneiro em alcançar uma crítica sistemática e articulada do utilitarismo econômico, criando um importante processo de renovação das ciências sociais na França. O termo M.A.U.S.S. também homenageia Marcel Mauss, pelas suas contribuições no âmbito sociológico.

Com base nessa renovação, retoma-se a exploração metódica de todas as implicações da descoberta do sistema da dádiva efetuada por Mauss assim resumida: a tripla obrigação de dar, receber e retribuir constitui o universo socioantropológico sobre o qual foram construídas as sociedades antigas e tradicionais. Foi tomando essa obrigação como alicerce, que se edificou aquilo que se poderia designar como sociedade primeira.

O movimento M.A.U.S.S., filiado à tradição de Mauss, expandiu-se e resgata o conceito sociológico da dádiva em contraponto ao utilitarismo predominante. Nessa ótica, os impactos gerados pela expansão no estilo de vida “moderna” emitiam um sinal vermelho de alerta, convocando intelectuais humanistas para a busca de novos entendimentos, novos horizontes e visando à compreensão da sociabilidade no mundo moderno.

Segundo Martins e Bivar (2006, p. 117), há um caráter dialético de “interesse e desinteresse, obrigação e espontaneidade [que] se confundem mais do que separam”. Os autores que escrevem sobre a dádiva concordam em rejeitar a sua gratuidade, pois a essência está na expressão da ideia de reciprocidade. Tratando da reciprocidade no caso do grupo estudado, fica nítido que a dádiva distribuída pelos devotos-anfitriões é uma retribuição por gratidão a feitos do sagrado; assim, não é gratuita, pois já é uma retribuição, uma contradádiva. Ela é representada como forma de circulação original e distinta, pois, no dizer de Godbout (1999, p. 29) a dádiva é “qualquer prestação de bens ou de serviço sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas. ”.

Há muitas diferenças entre a dádiva e a troca mercantil. Cita-se que nem sempre há retorno no sentido habitual e mercantil do termo. Inversamente se pode verificar que o retorno seja maior que a Dádiva, afastando-se, assim, do modelo mercantil.

Entretanto, não se deve esquecer da gratidão, pois, para Godbout (2001), o reconhecimento do suplemento que circula e que não é incluído na “conta” é importante retorno para quem dá. Para o autor, os três momentos do ciclo do dar, receber e retribuir muitas vezes confundem-se; do ponto de vista do ator, dar é retribuir, e inversamente. Os termos “dar, receber e retribuir” não têm o mesmo *status*, por exemplo, no caso da “caridade” a peregrinos que, na verdade, sentem que estão retribuindo.

Godbout (1999) fala da obrigação de reconhecer a existência de uma quarta esfera que pode ser chamada de dádiva entre estranhos que, segundo ele, é importante e específica da dádiva moderna. Com relação às políticas sociais no registro do acolhimento, tem-se a questão do voluntariado na nova ordem social. Trata-se do citado paradoxo da economia que, segundo Godelier (2001), cria excluídos e confia à sociedade a tarefa de reincluí-los. Daí a ação múltipla do voluntariado.

Martins (2002) afirma que, embora o sistema de dádiva seja mais nítido no plano das relações interpessoais – nas redes de família, amigos e vizinhos –, tal sistema tende, igualmente, a se fazer presente em todos os planos da vida social, mesmo naqueles das sociabilidades secundárias. Martins e Bivar (2006, p. 15) salientam a preocupação dos estudiosos em “demonstrar a capacidade da Dádiva em criar laços sociais em gerar sentimentos e servir como baliza para a reconstituição das instituições sociais em um mundo crescentemente exigente no nível de reconhecimento das diferenças e do atendimento dos direitos básicos”.

Godbout (1999), em seu livro “O Espírito da Dádiva”, mostra que a dádiva está em toda parte e que a ideia pouco a pouco imposta é a de que ela é tão contemporânea quanto característica das sociedades primitivas e não se refere a momentos isolados e descontínuos da existência social, mas a sua totalidade.

Pode-se dizer que a teoria da dádiva é aceita por muitos autores em diferentes países como recurso conceitual para uma crítica ao individualismo da sociedade contemporânea. Para Martins (2002, p 12), a dádiva não é uma mera teoria, mas um recurso paradigmático para compreender a formação dos vínculos sociais. Assim, podem-se pensar as práticas sociais em termos de mediação da alteridade pela construção de vínculos estabelecidos a partir da circularidade do dar-receber-retribuir, estabelecendo pontes que criam, ampliam ou rompem alianças e vínculos sociais.

A hospitalidade, como dimensão da dádiva, tem amplo alcance conceitual. Baptista (2002, p. 162) compreende a hospitalidade como “um modo privilegiado de relação com o outro, condição de urbanidade e civilidade”; e isso justifica a sua dimensão ética, pois, como afirma, “as sociedades urbanas, à medida que se desenvolvem e se complexificam, vão

perdendo o sentido da vida em comunidade”. Não é por acaso, diz ela, que se escolhe a metáfora da selva para nomear os modos de vida urbana, que muitas vezes se reduzem à luta pela sobrevivência.

Não se duvida das qualidades libertadoras do mercado e do Estado, mas as vantagens que proporcionam não são suficientes para a necessidade de criar espaços de hospitalidade. Muito mais profunda do que mero processo de ampliação e ruptura dos vínculos sociais, ela deve ser apontada como algo fundamental para a valorização da qualidade das relações nos espaços sociais e para dar sentido à vida comunitária (BUENO, 2008).

A questão da hospitalidade passa pela questão dos limites, das fronteiras, da territorialidade, pois é justamente a permissão da ultrapassagem da fronteira, da porta, do limite. Para Raffestin (1997), a passagem da exterioridade para a interioridade supõe a autorização ou convite, controlados por um rito – justamente a hospitalidade.

Ela é um rito que autoriza a transgressão do limite, sem recorrer à violência. Como diz Gobout (1999), é o dom do espaço. Para Raffestin (1997), a noção de limite não é só material, mas também imaterial ou abstrata, remetendo a valores e a códigos que têm valor legal no interior por oposição ao exterior. Para ele, o limite material é mais facilmente permeável que o não material – o da semiosfera –, em referência aos refugiados imigrantes e aos sem-teto. Daí encontra-se o significado da hospitalidade como elemento de sintaxe social, assegurando a ligação frágil entre dois mundos – um mundo da economia e outro mundo fora da economia.

Acolher alguém de forma hospitaleira significa, como diz Baptista (2008, p. 8), “abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças”. Trata-se da articulação entre o conhecido e o desconhecido. Por essa razão, a hospitalidade representa o sustentáculo da vida social.

Há várias dimensões da hospitalidade – doméstica, urbana e de políticas sociais - porque ao redor dela gravitam relações de pertencimento, união, vínculos sociais e compromissos das políticas sociais, nas quais se destacam a questão do acolhimento aos imigrantes, ao outro (GOTMAN, 1997).

A hospitalidade pressupõe acolher, receber, e essa relação social é sempre assimétrica – um recebe e o outro é recebido, um está no seu espaço e o outro entra no espaço que o acolhe. Tal acolhimento se manifesta de várias maneiras e cabe salientar sua dimensão ética e também a importância de criar lugares de hospitalidade que potencializam a socialização dos indivíduos (BUENO, 2015).

Os estudos sobre hospitalidade se multiplicam desvendando novas dimensões, novos espaços e mostrando uma pluralidade de formas de acolher. Quanto a esse aspecto, vale lembrar Camargo (2004), quando diz que a:

[...] constituição de um campo aplicado de ciência acontece [...] sobretudo demonstrando que o novo nome não serve apenas para a distinguir e a emancipar, mas também para trazer ao cotidiano da pesquisa novos temas, novas preocupações, vale dizer, uma nova forma de conceituar e formatar a realidade como objeto de pesquisa (CAMARGO, 2004, p. 12).

O universo de possibilidades e de dimensões da hospitalidade, do acolhimento vem se constituindo num espaço social amplo e variado que permite compreender, avaliar e analisar a complexidade da hospitalidade. Nas palavras de Baptista (2008, p.16)

Quando somos receptivos e acolhedores, autorizamos a entrada do “outro”, essa presença humana acaba por nos “tirar do lugar”, chamando-nos para a aventura da solidariedade por força de um misterioso poder de interpelação.

Como “dom do espaço”, a hospitalidade é acompanhada de numerosos rituais que balizam as fronteiras e enquadram o comportamento. A postura hospitaleira é um “modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro” (BAPTISTA, 2002, p 158).

A hospitalidade configura-se como um novo campo acadêmico que surge como resposta ao individualismo, contra a intolerância e o racismo, que Derrida (1997) chamou de democracia total.

O progresso das Ciências Sociais gera novos conceitos, novas avaliações dos fenômenos socioculturais. É o caso da retomada conceitual da hospitalidade, agora inserida no conceito da dádiva, na qual se desvendam suas novas funções e papéis relevantes na ordem social. Agora os teóricos a tratam como um fenômeno social amplo, abrangente e complexo. Para Baptista (1997, p .14), “falar em hospitalidade significa, justamente, ter em conta as múltiplas implicações presentes nessa dupla relação humana: a relação com o lugar e a relação com o outro”. A hospitalidade é fundada sob a noção de alteridade e, por estar alicerçada na alteridade, ganha destaque nas Ciências Sociais. Pela sua forma privilegiada de interação com seus múltiplos desdobramentos, assume um valor teórico que pode subsidiar os estudos de relações humanas.

Segundo Martins (2002), para os autores do grupo Mauss, o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade que não são explicáveis, nem pela ótica do interesse individual, nem da burocracia estatal, mas pelo paradoxo do dom<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Trata-se da dádiva.

O conceito de hospitalidade ganha uma importância adicional ao considerarmos a dimensão do “utilitarismo” dominante na secularização e há evidências generalizadas de que a doação e o acolhimento - pela qualidade relacional - permeiam as relações sociais e são a garantia da coesão social, pois, graças ao acolhimento, recriam-se as solidariedades e as sociabilidades são fortalecidas. Além disso o acolhimento é fundamental pelo seu papel integrador.

Para Baptista (2008, p.14), falar em “Hospitalidade, acolhimento, significa ter em conta as múltiplas implicações presentes nessa dupla relação: a relação com o lugar e a relação com o outro”. Segundo a autora, falar em lugares de acolhimento significa dizer de lugares abertos ao outro. A hospitalidade encontra-se revestida de uma função acolhedora propícia a condições relacionais fundamentadas no espírito de doação e da solidariedade.

Para Martins (2002, p.10), “o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade que não são explicáveis, nem pela ótica do interesse individual, nem da burocracia estatal, mas do paradoxo da dádiva”.

Os critérios da hospitalidade são modelados pelos processos sociais, que lhes dão muitas possibilidades de leitura e interpretações. Além disso, a hospitalidade tem muitas implicações no processo relacional, pois falar em dádiva e em hospitalidade é falar em vínculos sociais, em pactos entre as pessoas, é optar pela aliança.

A hospitalidade é criadora e responsável por um ambiente relacional e sempre recriado. Esse aspecto é reforçado por Lévi-Strauss, que reconhece o lado ambíguo da dádiva, descrevendo como interesses e desinteresses, obrigação e espontaneidade, razão e sentimentos misturam-se no “fenômeno dádiva”. Lévi-Strauss também sugeriu que, talvez, o principal papel da dádiva esteja na capacidade que tem de criar laços sociais (Lévi-Strauss, 1982, p.107). Gotman (1977, p. 14) reforça tal característica ao afirmar que a hospitalidade é fundada sobre a noção de alteridade.

Para os autores do grupo M.A.U.S.S., o “social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade que não são explicáveis nem pela ótica do interesse individual, nem da burocracia estatal, mas no paradoxo do dom”. No entanto, é preciso considerar que a doação, mesmo a desinteressada, está isenta do interesse da retribuição. “Mesmo na caridade considerada muitas vezes como o tipo perfeito da dádiva gratuita, os caridosos estão retribuindo. Eles dão porque receberam muito”. (GODBOUT, 1999, p. 116)

As obras misericordiosas são aquelas que socorrem o próximo em necessidades corporais ou espirituais. Estão no Catecismo Maior de São Pio X, publicadas pela Tipografia do Vaticano em 1905 e atualizadas em 1976. Recordam-nos de que a nossa fé deve se

manifestar em atos concretos no cotidiano, destinados a ajudar ao próximo corporal ou espiritualmente. São quatorze as obras de misericórdia, dentre as quais sete são espirituais e sete corporais.

Segundo São Pio X (2009), as espirituais são: dar bom conselho a quem tem dúvida; instruir os ignorantes; admoestar os pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; rogar a Deus por vivos e defuntos. Já as corporais são: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar abrigo aos peregrinos; assistir aos enfermos; visitar os presos; enterrar os mortos.

Das sete obras de misericórdia corporais elencadas, quatro beneficiam o grupo de romeiros estudado, os hóspedes, que são atendidos pelos anfitriões que atendem ao apelo: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; dar abrigo aos peregrinos; e assistir aos enfermos. Segundo Brusadin (2016), o conceito de misericórdia não é ter pena de alguém, e sim ter compaixão e solidariedade enxergando o que o outro necessita.

A Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, ao percorrer os 80 km até a Basílica, promove uma significativa manifestação religiosa, que pertence a esse patrimônio histórico do seu culto, e todo sacrifício implica um ato de abnegação. Segundo Mauss e Hubert (2005), tal procedimento consiste em estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o profano.

Para Mauss e Hubert (2005 p. 15 e 17), no sacrifício, a consagração irradia-se para além da coisa consagrada: “Não há oferenda em que o objeto consagrado não se interponha igualmente entre o deus e o oferecedor e em que este último não seja afetado pela consagração [...] é certo que o sacrifício sempre implica consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado”

No sacrifício está o ponto central do caminhante, mas além das promessas que o motivam, a cada um dos participantes importa também o ambiente relacional, pois o acolhimento do “outro” é fundamental pelo seu papel integrador.

O ato de acolher exige que o anfitrião pense no seu hóspede, entenda as suas necessidades. No caso dos romeiros e devotos, em que o hóspede é um desconhecido, as adaptações e a necessidade do outro são mais lentamente percebidas, mas é perceptível que elas serão supridas. Segundo Avena, (2006) o acolhimento pode ser entendido como:

Um ato voluntário que introduz um recém-chegado ou um estrangeiro em uma comunidade ou um território, que o transforma em membro desta comunidade ou em habitante legítimo deste território e que, a este título, o autoriza a beneficiar-se de todas ou parte das prerrogativas que se relacionam com o seu novo status, definitivo ou provisório (AVENA, 2006, p.140).

Em ensaio não publicado, datado de 2008, Luis Octávio de Lima Camargo ressalta o acolhimento como um desafio regulado por leis não escritas para o anfitrião. O não cumprimento de tais leis significa hostilidade e não acolhimento. O mesmo autor, em texto recente, ressalta ainda que o processo pode conter formas de comunicação verbal e não-verbal expressadas por rituais de acolhimento (CAMARGO, 2008).

Jacques Godbout, em número especial da Revista *Communications* (1997) intitulado *Hospitalité*, considera a hospitalidade como um dom do espaço, um ato de cedê-lo para o visitante, pelo acolhimento, ainda que provisoriamente. Ela é uma dimensão da dádiva, que se renova num sistema constante do “dar, receber e retribuir” e onde a consequência mais importante é a criação e o reforço dos laços e vínculos sociais. Ressalta-se também que, nesse estudo, são salientadas - além das relações interpessoais que caracterizam as relações de hospitalidade - a dimensão do divino, da religiosidade e seu papel no reforço dos vínculos sociais, não apenas os vínculos entre os devotos e o divino.

Binet-Montandon (2011), no Livro da Hospitalidade, conta que a acolhida está sujeita a as regras, ritos e tradições da hospitalidade e afirma que a hospitalidade é a abertura para o outro, mas que sempre há um risco de usurpação.

A noção de acolhida é atravessada por uma tensão contraditória que ora a torna um momento inaugural, um princípio organizador de toda a problemática da hospitalidade ao consolidar o acontecimento em conformidade com o status do anfitrião e do hóspede, e ora a contamina a ponto de dissolver e anular o ritual de hospitalidade por rituais de passagem numa lógica da interação que transforma o hóspede num membro integral da comunidade hospedeira. (BINET-MONTANDON, 2011, p. 1171)

As tensões da hospitalidade verificadas no contexto do ambiente doméstico, apontadas por Binet-Montandon, (2011) são imperceptíveis no caso do grupo estudado, pois a cena hospitaleira se dá em um lugar criado para acolher, sem as questões territoriais de uma casa. Não há a real invasão do espaço do anfitrião pelo hóspede, pois este permanece pouco tempo no lugar. No caminho, a acolhida e a relação entre anfitriões e hospedes têm características particulares: a devoção e solidariedade se dão e em função da devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

## **2.5 Acolhimento em romarias**

A literatura sobre hospitalidade em eventos religiosos, diretamente relacionada ao tema desta tese, destaca em geral o acolhimento a romeiros, aproximando-o ou não do turismo religioso. É o caso dos trabalhos de Schneider (2013) e de Schvarstzhaupt (2018) citados a seguir.

Schvarstzhaupt (2018) analisa a hospitalidade oferecida pela igreja católica aos romeiros que chegam no mês de maio ao Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio em Farroupilha (RS). Descreve as ações e visões de sujeitos envolvidos no processo de acolhimento aos peregrinos ofertado pela igreja. As categorias oriundas do discurso desses sujeitos foram o acolhimento (hospitalidade), o lugar de hospitalidade (santuário), as práticas devocionais (força do evangelho), comunidade, pertença e solidariedade.

A hospitalidade é substituída pelos termos acolhimento, acolhida e acolher, por sua maior aproximação à dimensão espiritual religiosa, assim explicada:

O termo acolhimento remete a uma relação interpessoal entre acolhedor e acolhido [...]  
[...] é percebido pela descrição do afeto dirigido por aquele que acolhe e reconhecido por aquele que é acolhido. No gesto da atenção daquele que acolhe, acontece a presença sensível à expressão do outro, que traz sua experiência religiosa, seu mundo interior, suas inquietações pessoais para o contato com algo maior que a si, ou seja, o “sagrado”. (SCHVARSTZHaupt, 2018, p. 61)

Estudando a mesma romaria realizada anualmente há mais de um século, Schneider (2013) analisa a hospitalidade também pelo acolhimento sob a óptica do romeiro, onde percebe, por meio dos discursos coletados, a importância do convívio no período organizacional entre o grupo, o qual promove e efetiva vínculos e relações sócio-humanos. Afirma também que, pelo acolhimento recebido, se potencializa a interação entre anfitrião e hóspede e que tal experiência turística pode se tornar fonte de saber, na qual o processo do conhecer é potencializado pelas relações estabelecidas no acolhimento e favorecem a experiência:

A hospitalidade é expressa no sentido de oferecer aquilo de que o acolhido supostamente necessitaria, ou seja, condições tidas como favoráveis à vivência plena da experiência religiosa e ao fortalecimento do “eu religioso”. As melhorias vêm no sentido de potencializar esse acolhimento (SCHNEIDER, 2013, p. 189)

Gonzalez (2013) estuda a primeira edição da Jornada Mundial da Juventude realizada no Brasil, em 2013, na cidade do Rio de Janeiro, evento internacional protagonizado pela Igreja Católica e direcionado ao público jovem, ente 15 e 30 anos. Estuda o acolhimento a partir da

prática proposta pelo acontecimento, quando a população local da cidade-sede é incentivada a hospedar gratuitamente em suas residências os jovens peregrinos participantes, e a trabalhar voluntariamente no acolhimento, planejamento e execução do evento, promovendo, assim, uma hospitalidade pública:

A cidade como lugar hospitaleiro é objeto de estudo da “hospitalidade pública”, considerada uma das formas “genuínas” desse fenômeno da vida social, assim como já mencionado na introdução. Pessoas são recebidas em ambientes domésticos, mas, em um momento anterior, esse acolhimento ocorre em países, cidades e outros espaços públicos como aeroportos, rodoviárias e postos de imigração. (GONZALES, 2013, p. 118)

Outros trabalhos tratam da hospitalidade ao romeiro por meio do acolhimento e da comensalidade, como o de Ferreira (2017), que buscou compreender o papel da alimentação na festa do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga, a partir da observação de seus atores nos diferentes lugares festivos. A autora encontrou manifestações de hospitalidade nas práticas de acolhimento, conduzidas principalmente pela alimentação, tanto na preparação da festa - por meio do esmolar - como na realização da festa, já no período do Pentecostes. Tais práticas de acolhimento estão presentes em todas as fases da manifestação:

Quando além da visita da Bandeira se dá também o pouso (pernoite), o dono da casa inclui no ritual da hospitalidade aos foliões a alimentação, bebida e alojamento, e se preocupa em oferecer um acolhimento respeitoso e genuíno para atender as necessidades dos hóspedes conforme a dimensão fundamental para a existência humana (FERREIRA, 2017, P. 55)

Martins (2019) trata da mesma temática, mas na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e no distrito de Criúva (Caxias do Sul-RS), discorrendo sobre o acolhimento que ocorre mediante a distribuição de comida gratuita em ambas as manifestações. Nesse caso, o acolhimento promove também a comensalidade que, segundo o autor, parece se confundir com a hospitalidade:

À medida que o alimento, o estar à mesa e o acolhimento, dificilmente podem ser lidos individualmente e dissociados. Então é Comensalidade ao dizer do ser hospitaleiro na forma de alimentar o outro, de acolhê-lo de forma amalgamada por não haver limites definidos entre um e outro termo, não há também diferença entre um e outro. (MARTINS, 2019, P. 67)

Frugoli (2014) trata do almoço do Círio de Nazaré, onde os laços do grupo se reforçam a partir do encontro anual que acontece no segundo domingo do mês de outubro, uma data mais

importante que o Natal para o grupo estudado. Esse momento da hospitalidade se dá também pelo acolhimento a partir do alimento ofertado e da prática da comensalidade.

Antunes (2017) trata da hospitalidade por meio do acolhimento ao turista religioso que se dirige ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no estado de São Paulo. Aborda especificamente as práticas de hospitalidade e os serviços turísticos oferecidos pelo Santuário ao romeiro, envolvendo recepção, acolhimento, alimentação e entretenimento.

Finalizadas as aproximações conceituais da hospitalidade e do acolhimento com o turismo religioso, e compreendidos os diferentes tipos de turistas desse segmento, passa-se à caracterização tanto da história quanto da organização da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, levando em conta os principais sujeitos envolvidos nesse processo.

### CAPÍTULO 3 – ROMARIA E SEUS PROTAGONISTAS

*Você tem que conhecer  
a maior festa da fé  
é Círio da virgem  
Senhora de Nazaré*

*Oh virgem mãe amorosa  
Senhora de Nazaré  
que me abençoou  
e eu tenho muita fé*

*Eu fiz muitas promessas  
e ela me atendeu  
se eu fosse um doutor  
eu ao ia Círio seu*

*E com amor e carinho  
vou ao Círio dela em Macapazinho  
e com muita alegria  
eu vou ao círio dela na Vigia*

*Mas o principal que eu vou assistir  
fica na capital  
eu vou com amor e fé  
o Círio de Nazaré*

*Eu vou  
de Castanhal a pé  
vou junto com os romeiros  
o Círio de Nazaré*

*Veja a grande romaria  
ai meu Deus que coisa linda  
e os fogos de artifício  
quando passa a berlinda*

*Obrigado meu Deus  
obrigado senhor  
que a Virgem de Nazaré  
que me abençoou*

*Eu vou  
de Castanhal a pé  
vou junto com os romeiros  
o Círio de Nazaré*

Fonte: A festa do Círio – Homenagem aos romeiros, de Beto Leão<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Música de Beto Leão, 2009, em ritmo popular no Pará (brega), que embala e dá ânimo à Romaria do Zé Bode, tocada muitas vezes durante os 80 km da jornada de 24h. Transcrição feita a partir do cd artesanal fornecido pelo Professor Nazareno.

A Romaria de Nossa Senhora de Nazaré e seus principais protagonistas são o assunto tratado neste capítulo. Acerca da Romaria, discorre-se sobre o seu histórico, desde a promessa que originou o primeiro grupo até 2017, que envolve planejamento, organização e estrutura. Sobre os principais protagonistas, tem-se o Zé Bode, que deu início carregando uma cruz de Castanhal a Belém, e o professor Nazareno, responsável pela Romaria.

### 3.1 Romaria de Nossa Senhora de Nazaré

Nos dias que antecedem a festividade do Círio de Nazaré, milhares de romeiros chegam a Belém. Não existem números precisos sobre eles, assim como não existem dados precisos sobre os que chegam de canoa, barco, ônibus, bicicleta e principalmente caminhando. Alguns autores, como Almeida (2013, 2015), citam a presença dos romeiros no Círio, mas não trazem dados sobre o fluxo nem estudos aprofundados sobre os sujeitos que, com sua presença e de posse de seus ex-votos<sup>20</sup>, compõem um espetáculo estético na procissão principal da festa do Círio. Alves (1980), autor do clássico “O Carnaval Devoto”, faz um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém e diferencia o romeiro do turista:

[...] o devoto que vem de fora, seja do interior do Estado ou de outros Estados, para cumprir uma promessa acompanhando uma procissão. Esta categoria é assim descrita pelos que moram na cidade: << O romeiro pode ser o caboclo do interior que chega na canoa, no barco, ou no ônibus, mas também é o que vem de a de outros Estados>>. O romeiro não é identificado com turista, pois este é o indivíduo que vem de fora para assistir ao Círio e a festa, motivado pela curiosidade, <<pela propaganda de fora>>. (ALVES, 1980, p. 56)

Especialmente com relação aos romeiros que caminham, eles não aparecem nos relatos da obra já citada de Alves (1980) - no item dedicado aos devotos, romeiros e promessas - assim como também não são abordados os ciclistas. Apesar do fluxo não ser contabilizado nas estatísticas do Círio, segundo informações dos dirigentes da Casa de Plácido, esses romeiros chegam de diversos municípios, principalmente do nordeste paraense e aumentam em número a cada ano. Tal crescimento também foi notado pelo autor em suas imersões na Casa em anos anteriores, tanto em relação ao número de romeiros quanto de grupos organizados de

---

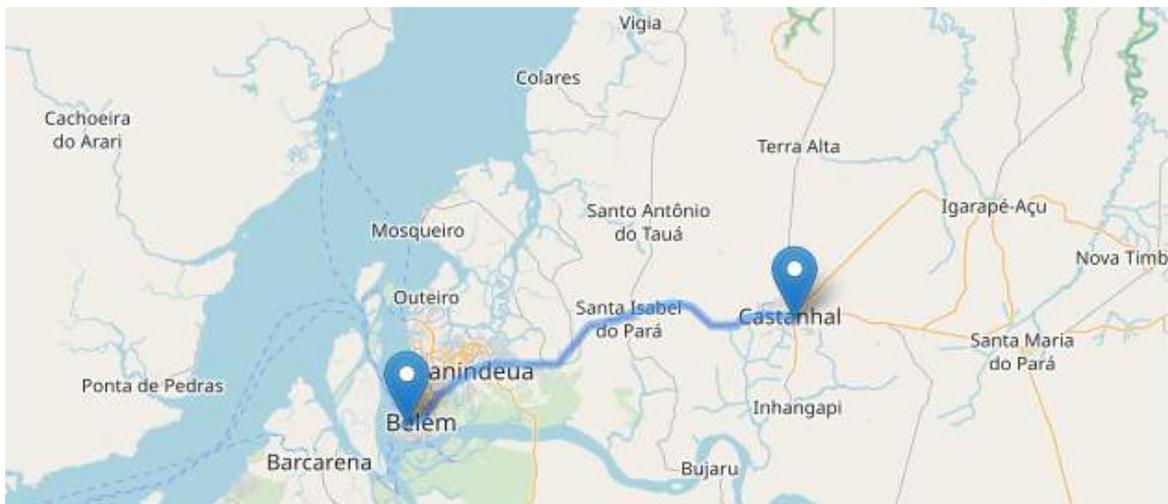
<sup>20</sup> Ex-voto é o presente que o romeiro porta: algo físico que simbolize a gratidão pela graça alcançada. Pode ser uma vela do tamanho da pessoa, uma vela no formato do membro curado, ou até mesmo outros objetos, como uma foto, uma apostila, uma roupa (vestido de noiva, farda, uniforme). Também pode ser algo que signifique a graça alcançada e esteja relacionado entre o devoto e o sagrado. No caso do Círio, há os tradicionais ex-votos feitos da madeira do miriti, além de manifestações individuais como, por exemplo, levar na procissão a geladeira antiga para agradecer pela nova ou a cadeira usada para estudar para o vestibular.

caminhantes de pequenas romarias organizadas com estrutura mínima de carro e grupo de apoio.

Almeida (2013) aponta o nascimento desses “caminhantes de fé” como um movimento surgido em Castanhal entre as décadas de 1970 e 1980, formado por promesseiros que saem do município em direção à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém:

O reconhecimento da Festividade de Nazaré, como cenário devocional à Maria, não ocorre apenas pelo crescente número de fiéis nas procissões consideradas oficiais, que são organizadas pela diretoria da festa. Ao contrário, ele advém do surgimento de um movimento popular, a caminhada de fé, que, uma semana antes da abertura oficial da festa, começa a mudar a paisagem da Rodovia BR-316, principal rodovia que liga Belém a alguns municípios paraenses. Esse movimento, conhecido como caminhadores da fé ou peregrinos da fé, que começa no final da década de 70 e início dos anos 80 do século XX, tem os seus primeiros anos marcados por caminhadas de fiéis que saíam do Município de Castanhal, em peregrinação, [e] chegavam à Basílica como pagamento de promessas por graças alcançadas. (ALMEIDA, 2013, p. 165)

No fim da década de 2000, a Romaria Castanhal – Belém, por ocasião do Círio de Nazaré, foi declarada patrimônio artístico e cultural do estado do Pará pela Lei nº 7.259, devido a sua grande expressão religiosa junto ao povo paraense. A figura 5 mostra a rota de aproximadamente 79 km que os devotos percorrem a pé, da Igreja de São José, situada na praça da matriz em Castanhal, até a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, localizada na Viela Nazaré em Belém.



**Figura 5 – Trajeto de Castanhal a Belém da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré**

Fonte: <[www.rotamapas.com.br/como-ir-de-belem-pa-a-castanhal](http://www.rotamapas.com.br/como-ir-de-belem-pa-a-castanhal)>.

Dos grupos que fazem dessa romaria anualmente, o maior deles, segundo informação da organização da Casa de Plácido, é o Grupo do Zé Bode, destacado na mídia local e nacional, em matérias sobre romeiros, como na Revista Veja que inicia a pauta: “Não há santuário sem romeiro”.

### **3.2 Zé Bode**

Raimundo Nonato de Magalhães, conhecido como Zé Bode, motivado por uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré - na qual pedira pela saúde do filho e fora atendido - , inicia, em 1979, uma promessa de sete anos em que percorreria, em uma só jornada, o trajeto de 79 km que liga Castanhal a Belém, carregando uma cruz cujo aumento de tamanho e peso se dava a cada ano. Segundo Dona Nilza<sup>21</sup> e professor Nazareno,<sup>22</sup> a última cruz do sétimo ano pesava cerca de 20 kg. Na foto da figura 6 , Zé Bode com sua cruz e seus parceiros, Dona Nilza (boné azul) ao lado direito do romeiro, junto com Professor Nazareno (calção branco), primeiro da esquerda para direita.

---

<sup>21</sup> Devota prometteira participante da romaria há mais de 25 anos.

<sup>22</sup> Devoto prometteiro participante da romaria há 29 anos e atual organizador.



**Figura 6 - Zé Bode e sua Cruz- na porta da igreja matriz de São José em Castanhal**

Foto: arquivo pessoal de Dona Nilza M. P. Salvador (posterior a 1992).

O período de 7 anos de duração da promessa de Zé Bode com sua cruz é questionável, pois, se ela começou em 1979, deveria ter terminado em 1985. No entanto, segundo relato do professor Nazareno, seu encontro com Zé Bode e sua cruz deu-se pela primeira vez em 1992. Na figura 6, posterior a 1992, observa-se um grupo de romeiros na porta da igreja se preparando para sair juntos, e Zé Bode está de posse de sua cruz.

Antes de Zé Bode, já havia outros que faziam a romaria, como diz o professor Nazareno: *“antes do Zé Bode tem pessoas que já faziam esta romaria, mas passavam três dias para chegar em Belém, porque dormiam, levavam rede, levavam carro”*. Assim, Zé Bode, com sua romaria pessoal, propunha um percurso de uma só vez, com poucas e rápidas paradas para descanso e carregando uma cruz.

Ao fim dos anos de promessa, Zé Bode continuou fazendo a romaria até 2013, e passou a carregar uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, inicialmente nas mãos e posteriormente pendurada no pescoço em uma espécie de suspensório. Os relatos dos devotos contam que, com a imagem, ele abençoava pessoas que se sentiam fracas pelo esforço, as quais, em contato com

sua santinha e ouvindo suas palavras de incentivo, logo retomavam forças: “*ele tinha muita fé, ele mostrava muita fé, a questão das pessoas andarem com o Zé Bode, era aquela fé que ele tinha [...] tão grande*” (Professor Nazareno, 2017).

A romaria pessoal de Zé Bode e sua cruz deixava Castanhal às vésperas do Círio e seguia direto para Belém com paradas rápidas para descanso. O sacrifício do devoto foi ganhando fama e parceria de amigos e pessoas de fé que, comovidas com tamanho esforço, passaram a acompanhá-lo no trajeto. Assim lembra o Senhor Benedito, que acompanhou Zé Bode desde de sua primeira romaria em 1979, a respeito de como a romaria individual foi se transformando em um grupo: “*E mais outras pessoas, aí foram mais pessoas se ajuntando, de cinco, seis, aqui e acolá ia ajuntando, certo, até chegava até lá... e ele sempre carregando a imagem aqui no peito*”. Segundo ele, era também para fazer companhia que as pessoas passaram a acompanhar Zé Bode:

*Ele fez uma graça, e alcançou e fez essa promessa aí, e todo ano fazia, né, aí a gente caminhava com ele também [...] pra não ir só ele, nós ia, nós era muito amigo dele, desde infância, que a gente era muito menino [...] mas hoje ele faz falta, né [...] mas é aí que tá o negócio, Deus quando precisa tem que chamar, num tem dessa [...]. (Benedito A. R. da Silva, 2017)*

Esses romeiros solidários foram se juntando com aquele que se tornaria o nome de romaria, Zé Bode – que parece ter aberto, com sua história de devoção, um caminho para outros milhares de romeiros, incentivados por seu feito, também caminharem. Conforme constatado durante a pesquisa em 2017, o trajeto é percorrido por milhares de romeiros, parte deles seguindo a tradição criada pelo famoso Zé Bode. Apesar de muitos não conhecerem seu nome, referem-se a sua história constantemente, ressaltam o tamanho atual do grupo por ele criado e citam outros grupos surgidos tendo-o como modelo. Dessa forma, justificam o fato de se dirigirem de seus municípios de origem para Castanhal, de onde iniciam sua romaria até Belém. Entretanto, há outros que são motivados pelos relatos de amigos, como o romeiro iniciante, Gustavo, estudante mineiro e residente em Belém, influenciado por um amigo de universidade, morador de Castanhal:

*Eu fiz [...] é, eu tenho um amigo da faculdade que mora em Castanhal, ele vai pra faculdade todo dia, lá na UFPA, vem de Castanhal pra cá, e ele me falou um dia que ele quase todo ano ele vinha de Castanhal pra cá, pra pagar promessa, essas coisas [...] aí com o passar do tempo a gente vai [...] vai precisando fazer algumas promessas, né [...] aí eu acabei fazendo duas promessas e eu vim pagar esse ano, com o Círio de Nazaré, junto com meu amigo também, que ele não conseguiu chegar mas eu... cheguei. (Gustavo G. Prestes, 2017).*

Apesar de serem reconhecidos na estrada como romeiros do Zé Bode, o grupo tem nome oficial – Romaria de Nossa Senhora de Nazaré- e é representado e organizado pela Associação Comunitária dos Devotos e Romeiros de Nossa Senhora de Nazaré de Castanhal/ Apeu - ADECA. Em 2017, a romaria completou sua trigésima oitava edição e, segundo o professor Nazareno, nos últimos anos, o grupo tem tido aumentos significativos, chegando a essa edição com aproximadamente 1.200 participantes nos momentos de maior fluxo porque, durante o caminho, outras pessoas vão se juntando ao grupo.

### 3.3 Nazareno Abraçado

O homem das romarias, Professor Doutor José Nazareno Abraçado Henrique, conhecido oficialmente como professor Nazareno Abraçado e popularmente como professor Nazareno, além de cuidar da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, é também idealizador e criador da Romaria de Castanhal<sup>23</sup>, que completa 20 anos em 2018, levando para as ruas da cidade mais de 300 mil pessoas em 2017, segundo o G1.

Além da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré para Belém, o professor Nazareno auxilia atualmente cinco romarias: a) Romaria do Jesus Misericordioso (que acontece em abril entre a Igreja Matriz de São José até a capela de Nossa Senhora de Nazaré no distrito do Apeú); b) Círio de Macapazinho (que acontece em agosto com uma carreata entre a Igreja Cristo Rei em Castanhal até Macapazinho, distrito do município, após a qual é realizado um Círio fluvial em canoas); c) Romaria dos Idosos (que acontece em outubro do distrito de Apeú até a Catedral de Castanhal); d) Romaria de Nazaré do bairro de Ianetama (que acontece em outubro de uma residência em Castanhal até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição), e) Romaria de Nossa Senhora da Conceição (que acontece em dezembro, iniciando e terminado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição). O professor Nazareno nos conta o porquê de tantas romarias:

*Isto para mim é feito de coração. Eu me doo para isto. E a gente tem os amigos, nossos irmãos romeiros que nos ajudam e desta forma [...] nós estamos em Castanhal participando. Agora eu tenho uma carretinha, né, com som muito bom, né, que tem toda a estrutura para a gente colocar música, tem dois microfones. Então isto aí nós conseguimos, faz uns 10 anos que nós*

<sup>23</sup>A romaria que acontece dentro da cidade de Castanhal atualmente reúne as cidades vizinhas e é conhecida também como Círio de Castanhal. Em 1997, quando o professor Nazareno, em sua clínica, preparava o padre Sebastião Fialho para a Romaria do Zé Bode, sugeriu a Romaria de Castanhal - hoje conhecida como Círio de Castanhal. Na ocasião, o pároco deixou o professor Nazareno à frente. Este último, por sua vez, associou forças com o professor David Sá e sua esposa Nazarena Sá, ficando à frente da organização por 7 anos e, atualmente, participando apenas como romeiro.

*compramos esta carretinha por doação também e ajuda de outros irmãos e a gente só serve esta carretinha para as romarias, a gente não empresta ela para nada, a não se só as romarias, mas eu tenho que participar para a gente também estar presente, porque é muito difícil conseguir como é fácil perder, então neste sentido que eu estou envolvido, não só eu, mas a minha família, a minha filha, a minha esposa que é um suporte muito grande para mim, me ajuda, ornamenta, faz alimentação, entendeu? E outras coisas, o manto...a minha família e toda envolvida. Por isto que sempre chamo minha família de família de Nazaré, entendeu. Porque a gente se doa de coração...eu quero é servir a Nossa Senhora de Nazaré, tanto que ela faz por mim e por minha família e eu faço muito pouco por ela. (Prof. Nazareno, 2017)*

Em 1989, o professor Nazareno, então professor de educação física na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal, recebeu a informação de que assumiria, no ano seguinte e por um mandato de quatro anos, a direção da instituição, que na ocasião se encontrava com muitas dificuldades. Após refletir sobre as dificuldades que enfrentaria assumindo o cargo e motivado por sua fé em Nossa Senhora de Nazaré, propôs aos seus alunos que iniciassem, junto com ele e no ano seguinte, uma romaria para a Basílica de Nazaré, compromisso que o professor pretendia manter durante os quatro anos em que estivesse à frente da direção da escola.

*[...] e pelas dificuldades que eu encontrei, a forma de como como a escola estava, eu me senti assim, muito fraco para isto e me e me apeguei com Nossa Senhora de Nazaré de que durante os quatro anos que a gente estivesse na direção eu todo ano iria caminhar com os alunos até Belém. (Professor Nazareno, 2017)*

Conforme planejado no ano anterior, na quinta-feira, 11 de outubro de 1990, o professor partiu com um grupo de aproximadamente 25 alunos da Escola com o objetivo de chegar à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém. Por seus alunos, assim como ele, praticarem Educação Física, foi planejado o percurso em uma única jornada. Foram vencidos pelos calos e assaduras, causados pela falta de experiência, previsão, preparo e planejamento para percorrer, de uma só vez, uma distância de quase 80 km, realizando esforços maiores do que os praticados por esportistas. Chegaram até a cidade de Marituba, onde, impossibilitados de continuarem os 25 km restantes até Belém, seguiram de transporte coletivo para a Basílica, cumprindo, assim, suas promessas.

No segundo ano, em 1991, já com alguma experiência, tendo paradas programadas para jantar, merendar e tomar café da manhã, passaram a contar com o apoio logístico de um carro conduzido por Socorro, esposa do Professor Nazareno. Socorro se tornou uma espécie de anjo da guarda da romaria. Aquele ano, chegaram até Ananindeua, 19 km distante de Belém, e novamente se utilizaram de transporte público para chegarem à Basílica.

No terceiro ano, alcançaram o objetivo e chegaram caminhando até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, mais experientes, com calçados e roupas adequados, alimentação planejada e executada por Socorro. Além disso, durante o trajeto, tiveram seu primeiro e definitivo encontro com o devoto romeiro Zé Bode, conforme relata o professor Nazareno:

*Na terceira vez que nós estávamos caminhando, foi quando nós conhecemos o Zé Bode, daí nós começamos juntos, ele jantou com a gente, tomou café. E também sempre teve as paradas, nunca o Zé Bode dormiu para outro dia não, sempre teve as paradas como a gente faz hoje, e eu cheguei com ele até à Basílica, aí depois do quarto ano, fui chegando junto com ele, já saindo...programando, entendeu? Então foi assim que aconteceu, nunca o Zé Bode dormiu para outro no outro dia não, ele tinha as paradas porque tinha que parar, porque ele carregava sozinho a cruz sem ninguém ajudar nada, entendeu [...], era o que ele fazia, a gente não podia nem tocar na cruz, que ele não deixava. Então, daí nós começamos a caminhar juntos. (Professor Nazareno, 2017)*

Unidos, oficialmente, a partir de 1993, o grupo de Zé Bode e o do professor Nazareno passaram a constituir uma única romaria com organização e planejamento a cargo de Nazareno. Inicialmente implantaram as camisetas, e não houve problemas de adaptação, conforme explica o professor Nazareno:

*Ele se adaptou a nossa realidade, porque até então por eu ser um profissional da área da educação física, eu passei a mostrar para ele, a questão da parte física, porque queira ou não queira, isto é uma atividade física, 79 km, nós não estamos acostumados a fazer isto no dia a dia, nós precisamos de muitas coisas para isto, vários fatores são importantes, saúde, o vestuário, o calçado, a alimentação, o líquido, não só a água porque nós temos que repor os sais minerais que perdemos. Então eu comecei mostrar para ele porque muita gente não chegava, porque tinha gente que fazia promessa sem comer nada, ia em jejum [...]isso no momento que a gente começa a trabalhar o , nosso corpo [...] tem um consumo o nosso corpo é uma máquina , depende de, alguma coisa que alimente, então isto eu fui mostrando e ele foi se enquadrando. Porque até então ele sabia que eu tinha conhecimento da área e que nós estávamos ajudando muita gente, então não teve nenhum problema [...], nenhuma resistência, porque sempre nós colocamos como grupo do Zé Bode e sempre colocamos ele na frente, por ser realmente a pessoa que começou junto com as pessoas do passado. (Professor Nazareno, 2017)*

Na figura 7, veem-se os dois principais protagonistas da Romaria, Zé Bode e professor Nazareno. Nota-se que Zé Bode já está com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, o que indica que ele já havia terminado a sua promessa de carregar a cruz.



**Figura 7 - Zé Bode e Professor Nazareno**

Foto: Daniel Cruz (Revista Veja, out. 2008).

O grupo Romaria de Nossa Senhora de Nazaré tem este nome oficial pouco conhecido até mesmo entre os seus integrantes, cuja maioria a ele se refere como Romaria do Zé Bode, Romaria Castanhal-Belém ou Romaria do professor Nazareno. No entanto, o seu expressivo número de romeiros - por onde passa na estrada, pelos vilarejos que corta e por quem conhece e aguarda sua passagem anualmente - é imediatamente identificado e chamado de grupo ou Romaria do Zé Bode, o homem que carregava a cruz até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém.

Na foto da figura 8, vê-se a concentração da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré em frente à Igreja Matriz de São José em Castanhal, onde, após a benção do pároco, parte dos romeiros se organizam para o registro, ou seja, uma foto de recordação.



**Figura 8 - Concentração da Romaria 2018 - Foto em Castanhal**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Com o passar dos anos, o grupo tomou fama e ganhou adeptos de diversas cidades da região. De acordo com seu organizador, atualmente recebe romeiros que saem de Belém na noite anterior ou na madrugada do dia da romaria, se dirigem a Castanhal e, de lá, partem em romaria com uma média de 700 pessoas, ganhando adeptos durante o caminho, na própria Castanhal, na estrada e nas cidades por onde vai passando. Em 2017, segundo a organização, ela chegou a aproximadamente 1200 participantes em seu momento de maior fluxo, quando a medição é feita no horário do jantar.

Com uma gestão quase missionária do professor Nazareno, a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré tem uma grande estrutura, começando com a “carretinha da romaria”, um carro de reboque adaptado, em cuja estrutura há um sistema de som embutido e um sistema mecânico de subida e descida que suporta uma grande e pesada berlinda<sup>24</sup> de Nossa Senhora de Nazaré, o centro focal da romaria. Na véspera da saída, Socorro, “braço direito da romaria e anjo da guarda dos romeiros”, junto com familiares e amigos, passam em média 12 horas ornamentando a berlinda. Ela diz que se deve ter o máximo de cuidado com o bem-estar da santinha, a ponto de ter um perfume especial usado no interior da berlinda, tudo para louvar e alegrar Nossa Senhora de Nazaré.

No fim da noite, ainda na véspera, um grupo de homens transporta e instala a berlinda na carrinha, o principal carro da estrutura da romaria. A berlinda é sempre o ponto de atenção

---

<sup>24</sup> Com base nas carruagens de quatro rodas e vidraças, o Círio de Nazaré em Belém tem uma grande “Carruagem Berlinda” para transportar a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré durante as duas principais procissões. Essas carruagens são reproduzidas em menor escala pelos grupos de romeiros mais organizados.

dos romeiros, estará na porta da Igreja Matriz de São José na manhã seguinte e guiará os romeiros por 24 horas até Belém. Na figura 9, vê-se Socorro, de vestido, ornamentando a berlinda da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.



**Figura 9 - Decoração da berlinda**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

A carrinha é puxada pelo automóvel de um devoto, e toda a romaria acontece neste formato: tudo doado e quase todos os que trabalham estão se doando. É escoltada por dois carros da Polícia Rodoviária Federal até o fim da BR na entrada de Belém, e teve, em 2017, os seguintes carros de apoio durante as 24 horas: caminhão para malas e mochilas, 2 ambulâncias, 1 ônibus de apoio ao romeiro, 1 caminhão de água e 1 carro de frutas. Na foto da figura 10, parte da estrutura de apoio da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, na sequência, ambulância, ônibus de apoio, caminhão de malas e ambulância.



**Figura 10 - Carros de apoio da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na figura 11, o professor Nazareno, organizador da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, orientando o devoto que dirigia o carro líder, responsável por puxar a carretinha da berlinda.



**Figura 11 - Carretinha com sua berlinda**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Conduzir esses veículos durante a romaria é um exercício de paciência. A velocidade, segundo o condutor do carro que puxa a berlinda, é de 4 km/h. Alguns dos condutores, por

entenderem como sacrifício a dificuldade em dirigir com baixa velocidade, também são promesseiros.

Toda a estrutura só é possível graças ao trabalho e dedicação do Professor Nazareno, que, já no mês de junho, começa a se articular, conversando e se reunindo com pessoas e empresas para captar doações de água, de alguns insumos para alimentação e dos insumos necessários para os curativos. Busca também o patrocínio das camisetas em pequenas e médias empresas. Os romeiros que podem pagar<sup>25</sup> adquirem os produtos na ocasião da inscrição para romaria, e os recursos são utilizados para pagar as despesas gerais da romaria: combustível, insumos faltantes, o animador<sup>26</sup>, ambulância, ônibus e outros. Os resíduos de despesas são normalmente absorvidos pelo organizador.

A estrutura necessária para dar acolhimento de boa qualidade durante a romaria não é fácil de conseguir. Nazareno afirma ser um homem de fé, que recebeu o nome por conta da devoção de seu pai a Nossa Senhora de Nazaré. Sua luta buscando insumos e recursos nos dois dias que antecedem a romaria foi acompanhada de perto, e muitos foram os “passa mais tarde” recebidos pelo organizador, um verdadeiro exercício de paciência e fé.

Nazareno faz uma pré-romaria solitária em busca de seus objetivos. Segundo ele, “*tudo vale para louvar a Mãe*”, e ele sempre acredita no encontro das soluções para as diversas demandas de produção para organizar estrutura mínima para tantas pessoas. Muitas vezes, repete “*Maria passa na frente*”, referindo-se à sua fé, alicerçada na crença de que, em algum momento, Nossa Senhora de Nazaré vai agir, atuar e resolver.

A Romaria do Zé Bode foi ganhando fama com suas ações de segurança e acolhimento, tornando-se, assim, cada dia mais visível com o constante aumento do número de romeiros participantes. Na figura 12, vê-se o carro de apoio, chamado pela organização de “carro das frutas”, servindo melancia para os romeiros. Nele também havia isopores com laranjas descascadas<sup>27</sup> geladas.

---

<sup>25</sup> Muitos romeiros que não podem pagar recebem a camiseta do professor Nazareno ainda antes da saída em Castanhal, quando há peças disponíveis

<sup>26</sup> O animador foi único profissional “remunerado” na romaria. Trata-se de um mototáxi da cidade de Castanhal, um homem de muita fé, mas que não podia se ausentar do trabalho por causa da necessidade dos proventos de seu dia. Por conta disso, foi combinado o reembolso do seu tempo de trabalho, com base em uma média acordada.

<sup>27</sup> A responsável pelo “carro das frutas” nos informou que as laranjas, ali geladas e à disposição dos romeiros, haviam sido descascadas na tarde anterior por um grupo de 3 vizinhas, ressaltando o fato de terem feito com alegria e que todas eram evangélicas.



**Figura 12 - Carro das Frutas da Romaria**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Em 2017, por meio da observação e coleta de depoimentos durante pesquisa realizada na BR 316, na Avenida Almirante Barroso e na Casa de Plácido - em Belém, percebeu-se que novos grupos de romeiros se formam, também incentivados principalmente pelas notícias que circulam sobre a “Romaria de Castanhal” e sobre o “Zé Bode”. Considera-se que um fator motivador para esses romeiros é a segurança e o acolhimento que recebem durante o trecho Castanhal-Belém, cujas ações surgiram de forma espontânea ao longo do tempo a partir da percepção da necessidade de acolhimento dos caminhantes. A romaria também motiva outras romarias e coloca a cidade de Castanhal como uma espécie de ponto emissor de romeiros, um marco de início de um caminho.

Tendo sido caracterizados tanto a romaria quanto os seus protagonistas, passa-se agora à descrição das experiências dos romeiros em seu contato com os diferentes anfitriões com que se depararam no trajeto Castanhal – Belém.

## CAPÍTULO 4 - NO CAMINHO DA CASA DA MÃE

Este capítulo descreve a experiência dos romeiros em suas relações com diferentes anfitriões durante os 79 km de Castanhal a Belém. A primeira parte refere-se ao trajeto de Castanhal a Ananindeua, desde o momento da concentração dos romeiros até o final da BR-316, na saída para Belém. A segunda parte, chamada de Bem-vindos à Casa da Mãe, compreende a continuação do caminho, no trecho urbano da cidade de Belém.

### 4.1 Trajeto de Castanhal a Ananindeua

O caminho percorrido pelo devoto romeiro Zé Bode agora é tomado por milhares de outros romeiros caminhando e pedalando em busca do mesmo objetivo, ou seja, chegar à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém.

A concentração dos romeiros para participar da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré ou Romaria do Zé Bode começa todos os anos na porta da Igreja Matriz de São José, na cidade de Castanhal, no Pará, sempre na segunda quarta-feira do mês de outubro e com horário fixo: para a concentração, às 7h; para a saída, às 8h, após a bênção do pároco da igreja e das formalidades políticas. A estratégia da organização é cumprir a romaria para Nossa Senhora de Nazaré chegando a Belém na quinta-feira pela manhã<sup>28</sup>.

Em 2017, a concentração reuniu, segundo a organização, aproximadamente 700 pessoas na praça da Igreja Matriz. Existia uma tenda ofertando um reforçado café da manhã aos romeiros, organizado por 3 professores de uma escola pública, que repetiam a ação pela quinta vez. Eles afirmaram que, com o tempo, perceberam a importância de tal ação, principalmente, em acolher os de fora, de outras cidades, que ficam esperando durante a madrugada na praça até a romaria começar. Nas palavras de um dos professores: “...até porque a gente recebe também aqui outras pessoas que vêm de outros locais, outros locais do estado, e este acaba sendo o apoio deles...”. Na foto da figura 13, romeiros se servem do café da manhã oferecido pelo grupo de professores durante a concentração da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.

---

<sup>28</sup> Anteriormente, a chegada da Romaria do Zé Bode era às sextas-feiras. No entanto, nos últimos anos, ela se deparou, já na reta final em sentido contrário ao da ida à Basílica - entre a Avenida Almirante Barroso e Avenida Magalhães Barata -, com o Círio Rodoviário: a primeira procissão oficial do Círio. Para evitar essa situação, em que a Romaria Zé Bode tinha de se misturar entre os carros do Círio Rodoviário, antecipou-se a saída em um dia, agora chegando à Basílica na manhã da quinta-feira.



**Figura 13 - Café da manhã dos romeiros na concentração**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na praça, havia pequenos grupos de romeiros de outras cidades distantes até mais de 200 km de Castantal: Terra Alta (30 km), São Miguel do Guama (72 km), Belém (79 km), Capanema (83 km), Bragança (141 km), Tracateua (142 km) e Paragominas (234 km). Esses romeiros chegaram a Castanhal no fim da noite anterior ou na madrugada da saída da romaria, em sua maioria trazidos por amigos ou familiares. Alguns dos pesquisados com quem se conversou vieram em transporte público. Em alguns casos, os amigos permanecem para acompanhar a romaria durante as 24 horas ou ficar de plantão em alguns pontos para atender o romeiro que acompanham, caso seja necessário.



**Figura 14 - Apresentação do novo Manto de Nossa Senhora de Nazaré**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na foto da figura 14, acima, o pároco levanta o novo manto ao lado do professor Nazareno, promovendo a troca durante a Concentração da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Antes da partida, o grupo participa de uma série de ritos que, segundo organizadores e romeiros, repetem-se anualmente: a imagem da romaria<sup>29</sup> recebe um novo e luxuoso manto, o pároco abençoa os romeiros, o professor Nazareno dá as orientações ao grupo e, depois de algumas falas políticas, acontece sempre uma queima de fogos. A movimentação chama a atenção dos passantes, dos moradores e dos comerciantes da cidade pelo grande número de participantes nos primeiros 9,5 km que percorre em via urbana, causando interrupções de outras vias.

Ainda em área urbana, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em sua mítica berlinda<sup>30</sup>, a romaria e os romeiros vão recebendo homenagens: aplausos, papéis picados, queima de fogos e buzinas de automóveis que transitam no sentido contrário. Os romeiros, nesse momento, fazem uma espécie de desfile, deixando a santinha em destaque para a população, atravessando o centro da cidade cantando a canção feita especialmente para esta romaria: “Eu vou de Castanhal ...a pé... vou junto com os romeiros... o Círio de Nazaré “. E, enquanto circula em área urbana, deixando a cidade, o grupo vai recebendo homenagens, manifestadas com as casas enfeitadas com bexigas, bandeiras e faixas de homenagem à santa ou com empresas e

<sup>29</sup> É a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, de propriedade do professor Nazareno, que faz o trajeto Castanhal/Belém e outras romarias por ele apoiada.

<sup>30</sup> Chamamos de mítica, pois a berlinda faz parte do imaginário da festa.

instituições que fazem o mesmo, montando altares com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré à beira da via por onde passa a romaria. Na foto da figura 15, ainda na área urbana de Castanhal, alunos e professores de uma instituição de ensino saúdam Nossa Senhora de Nazaré e os romeiros do Zé Bode.



**Figura 15 - Instituição de ensino faz homenagem aos romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Conforme a romaria segue por Castanhal em direção à BR 316, vai ganhando adeptos, muitos saindo das portas de suas próprias casas ou de seus bairros. Antes dos 10 km de caminhada, um caminhão vagorosamente ultrapassou o grupo com o pisca-alerta ligado e logo parou: era um casal de devotos promesseiros de Belém que, por terem a neta salva em um acidente, havia prometido dar água aos romeiros de Castanhal. Em poucos minutos, o casal atendeu a todos e deixou o local. Notou-se ali um problema causado pelos romeiros. Por caminharem distância tão grande, eles não conseguem e/ou nem são orientados a carregar nada para acomodar lixo. Assim, imediatamente após tomarem a água, as garrafas e os copinhos foram descartados no acostamento ou na mata da beira da estrada. Na foto da figura 16, vê-se o caminhão da água pertencente à organização da romaria.



**Figura 16 - Caminhão da água atendendo aos romeiros do Zé Bode**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Como já foi dito, a romaria é programada para ser realizada em 24h. Por ser um grupo numeroso, tudo tem de ser pensado e programado com antecedência. Dessa forma, todas as paradas são rápidas, salvo a do almoço, realizada na Churrascaria Goiana, e a do jantar, servido por Socorro, no Clube da Polícia Rodoviária Federal. Estas duas duraram em média 45 minutos. O quadro 4 lista a programação e as paradas da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, previstas pela organização em 2017, acrescidas das anotações do caderno de campo.

**Quadro 4 – Programação e paradas da Romaria**

Local	Município	Horário previsto	Horário realizado	Permanência aproximada
Igreja Matriz de São José (concentração)	Castanhal	6 h	22 h -7h30	Até 9h30
Igreja Matriz de São José (saída)	Castanhal	7h30	08h05	0 min
Posto Pombal	Castanhal	10 h	10h58	30 min

Churrascaria Goiana	Castanhal (Americano)	12 h	13h37	60 min
Posto Alessandro	Santa Isabel	Não previsto	17h41	30 min
Clube da Policia Rodoviária Federal	Benevides	Não previsto	23h48	60 min
Ginásio de esportes	Marituba	Não previsto	03h02	30 min
Posto de Gasolina	Ananindeua	Não previsto	05h23	30 min
São Brás	Belém	Não previsto	Não houve	0 min
Basílica	Belém	Não previsto	09h05	35 min
Casa de Plácido	Belém	8h	09h46	60 min

Fonte: elaboração própria (2018).

No quadro 5, listam-se, resumidamente, as dicas aos caminhantes extraídas do folheto da Romaria para realizar o caminho.

Nos dias que antecedem a romaria, toda vez que o professor Nazareno atende algum romeiro, embora as informações estejam escritas no folheto de orientação, ele pacientemente as explica para que o peregrino consiga chegar com menos sofrimento ao destino final. Mesmo com as recomendações do organizador, muitos seguem de chinelos de dedos, alguns com meia e chinelo de dedos. Segundo o Professor Nazareno, isso, em geral, causa grandes lesões. Entre as muitas campanhas realizadas para resolver as demandas da romaria, uma delas é a de insumos para curativos para cuidar dos pés machucados.

**Quadro 5 – Recomendações para boa Romaria**

<b>Item</b>	<b>Recomendação</b>
Condições de saúde	Avaliação médica e física.
Caminhada	Alongamento (antes de sair, durante as paradas e na chegada); Marcha correta (postura com olhar para frente), toque do calcanhar, pé todo e ponta dos pés no chão); Respiração (inspirar pelo nariz e soltar pela boca) durante o percurso.

Nutrição	Café, almoço e jantar (de qualidade); Beber bastante líquido (água de coco, água mineral, suco natural etc.).
Vestuário	Roupa clara (tecido de algodão); Meia branca (forma de luva); Bermuda térmica branca (para evitar assaduras entre as coxas).
Calçado	Tênis apropriado de acordo com sua pisada (supinada, pronada ou neutra); Calçado de seu cotidiano (sandália ou tênis).
Atenção	Uso de talco no tênis para evitar atritos e calos; Esparadrapo grande para usar como bota para evitar o calo e torção no tornozelo; Evitar carregar peso (mochilas, sacolas, bolsas).

Fonte: elaboração própria (2018) com base em folheto elaborado pela organização da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.

Apesar de não escrito no folheto e também não recomendado pela organização, é hábito, entre os participantes, o consumo de relaxante muscular a cada 12 horas, como conta Jorge, romeiro desde 2004:

*Depois de caminharmos por 12h é necessário tomar o relaxante muscular para aliviar as dores na musculatura...o recomendado é de 12h em 12h, porém devido ao esforço ser intenso ingerimos de 6h em 6h... Devido o esforço ser muito grande a fadiga nas musculaturas das costas (lombar) e membros inferiores (panturrilha, coxa e posterior da coxa) o relaxante muscular ameniza as dores na musculatura causadas pela grande concentração de ácido láctico .(Jorge Valente, 2017)*

A maioria dos romeiros não se prepara fisicamente para enfrentar a quase dupla maratona percorrida entre Castanhal e Belém. Muitos, ao contrário do sugerido pelo professor Nazareno em sua lista, enfrentam bravamente a estrada com seus pés nus, enfaixados ou vestidos de meias, caminhando com suas “*chinelas havaianas*”<sup>31</sup>, sempre afirmando estarem preparados, como o romeiro Cícero: “Eu me preparo para o caminho rezando o terço”, ou seja, apesar de não se prepararem fisicamente, sentem-se preparados espiritualmente. Muitos se dizem “*movidos pela fé*”

Percebe-se, nos comportamentos emocionais com a santa, que “tudo é impregnado simultaneamente de pragmatismo e idealismo” (CIPRIANI, 1988). Na foto da figura 17,

<sup>31</sup> Forma popular de chamar todas as sandálias de dedos de borracha, popularizadas pela marca Havaianas, independentemente do fabricante ou marca.

romeiros enfrentam bravamente a estrada com seus pés nus, enfaixados ou vestidos de meias, caminhando com suas “*chinelas havaianas*”, entoando seus cânticos e orações.



**Figura 17 - Romeiros de chinelos**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na primeira parada, notou-se a divisão do grupo em dois pontos: um para um carro que estava no meio do pátio dos caminhões e outro para um carro parado na plataforma de ônibus. Os dois carros apresentavam uma característica em comum, provavelmente atraindo os romeiros experientes: ambos tinham a porta do capô traseiro levantada e ofertavam água, sucos, refrescos e sanduíches. No primeiro carro, as devotas promesseiras vinham de Belém. Eram duas irmãs e a sobrinha de uma delas. Praticavam a ação pela segunda vez para agradecer por graça recebida. Por conta disso, prometeram ajudar os romeiros, trazendo sanduíches de queijo, guaraná e água.

Já no segundo carro, a devota solidária, uma professora de Castanhal, havia, por 13 anos, participado da romaria como caminhante e, desde o ano passado, decidiu acolher, afirmando não ter feito promessa, mas somente para agradecer. Nesse ano, trazia pão com margarina e suco caseiro. A devota também trouxera esteiras e lençóis, todos estendidos no chão e ocupados por dezenas de romeiros descansando. Tanto as irmãs e sobrinha quanto a professora, sem se conhecerem nem combinarem antecipadamente, atenderam com a merenda da manhã a todos

os peregrinos que a romaria já tinha até aquele momento. Na foto da figura 18, a professora (de camisa branca) e uma parceira servem suco aos romeiros. Pode-se perceber na foto cadeiras de armar, especialmente montadas para atender ao romeiro.



**Figura 18- Acolhimento aos romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O trajeto é composto por cidades de diversos tamanhos e, em todas por onde passa, a romaria é saudada; em muitos lugares vai recebendo adesões de novos romeiros, que vão se juntando à romaria em suas cidades. São muitas as homenagens, e todas acabam por incentivar o romeiro a continuar. Nos pequenos povoados espalhados pelo caminho, os moradores cotizam-se e buscam homenagear cada grupo que passa, e até mesmo um romeiro solitário, se percebido pelo olheiro de plantão, recebe a homenagem motivadora.

Entre as homenagens recebidas, logo após a primeira parada em uma localidade chamada Corrente do Apeú, completamente fora da área urbana, havia duas emocionadas senhoras no acostamento, aguardando com um balde cheio de papéis picados para serem jogados na berlinda e nos romeiros. Uma delas, D. Rosangela, diz: “*Estou só esperando para ver minha Mãe passar, a nossa Mãe passar*”. Ela ainda informa que nasceu em Belém e todos os anos vem à estrada para saudar a Mãe.

São muitas as homenagens e ações de acolhimento na estrada: devotos solidários comovidos com a missão dos devotos romeiros usam toda sua criatividade para acolher estes últimos (promesseiros ou não) - acolhem o outro, minimizam o sofrimento do outro.

Tem-se então o devoto romeiro (promesseiro ou não promesseiro), que oferece o seu sacrifício para Nossa Senhora de Nazaré, e o devoto solidário (promesseiro ou não promesseiro), que minimiza o sofrimento de quem prometeu sacrifício. Além deles, existem os que acolhem sem motivações religiosas: os não devotos, ateus, praticantes de outras religiões e outros movidos por um desejo comum de acolhimento que, nesta época e para este grupo, se assemelha à época de Festa de Natal. Para o paraense católico e mesmo para outros não católicos, mas inseridos culturalmente dentro deste grupo, está na boca do caboclo nas ruas: “O Círio é o natal dos paraenses”, relatado por muitos (MAUÉS 2005; MATOS 2010; FRUGOLI 2014). De acordo com Matos (2010), a expressão “Natal dos Paraenses” foi escrita pela primeira vez por um Cônsul norte-americano, após ter participado do Círio em 1911.

No Brasil, afirmar que o Estado é laico é algo contraditório. A então presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Carmem Lucia, constantemente dá entrevistas, provavelmente em seu gabinete, onde, dos aparelhos de televisão, avista-se, em lugar de destaque, a imagem de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora de Nazaré. Além disso, na maioria dos tribunais e estabelecimentos públicos, nota-se a presença do crucifixo nas paredes, também em lugar de destaque. O mesmo acontece no Pará: o laico se perde em meio à tradição cultural e, desse antigo movimento de devoção, desde que o caboclo Plácido encontrou a imagem em 1700, já são 318 anos de devoção e 225 anos de Círio de Nazaré. É comum encontrar funcionários de empresas públicas, bombeiros, policiais e outros simplesmente saudando Nossa Senhora de Nazaré e os romeiros ou acolhendo, como conta o líder do grupo de policiais que acolhia com água:

*Nós estamos dando esse apoio para os romeiros aqui de... que transladam de Americano até Benevides. No comando o Coronel Garcia, está fazendo esta doação de águas para o romeiro. E que no próximo ano a gente possa dar continuidade... nessa caminhada aí. (Policial, 2018)*

Também é notório nos depoimentos o desejo de poder repetir a ação na próxima edição e, como já se disse, de preferência melhorada ou ampliada. Na foto da figura 19, policiais promovem ação de acolhimento durante o trajeto da XXXVIII Romaria de Nossa Senhora de Nazaré.



**Figura 19 - Policiais em serviço acolhendo os romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

À medida que os romeiros avançam, mais ações de apoio vão acontecendo. É comum eles serem encontrados por ações de devotos solidários, normalmente em carros particulares ou utilitários de pequeno porte, como o já citado caminhão de água nos primeiros quilômetros. Geralmente ultrapassam o grupo e, usando o pisca-alerta, param à frente e promovem uma ação de acolhimento, distribuindo o que acharem necessário para ajudar os romeiros: laranjas descascadas, picolé de frutas, chopp<sup>32</sup>, sanduiche de queijo e presunto, suco em caixinha etc.

As situações de acolhimento assistidas no percurso da romaria e mesmo durante os dias das festividades do Círio de Nazaré não são acordadas entre o anfitrião e o hóspede, ambos sendo desconhecidos entre si. O hóspede, romeiro, desprovido de quase tudo, não sabe se haverá alguém para acolher. Já o anfitrião, sedento por acolher, sabe da vinda do hóspede. Entretanto, não sabe quando ele virá, com quantos virá e muito menos quem é esse hóspede. O anfitrião apenas sabe que é um romeiro, cujo sacrifício pode ser minimizado pela ação de acolhimento.

O que determina a necessidade do hóspede desconhecido é a percepção do anfitrião desejoso por acolher. Assim, não há limite, e tudo pode acontecer: geralmente o anfitrião identifica água ou algo que alimente o romeiro como primeira opção de necessidades principais, mas nem sempre é assim. Já presenciamos, durante o Círio, pessoas que distribuem fitinhas ou

---

<sup>32</sup> Chopp, chupe-chupe, picolé de saquinho, dindim, sacolé são algumas das formas de chamar refresco ou suco congelado em saquinhos cilíndricos e vendidos a preço popular.

terços para o romeiro, acreditando que aquilo é importante para reforçar a fé e ter mais força para cumprir a promessa.

Segundo Pitt-Rivers (2012), o estrangeiro pertence ao mundo extraordinário, e o mistério que o envolve relaciona-o ao sagrado. O perigo indica que deve ser negada sua admissão, mas superada essa fase, e se lhe for concedido o ingresso, ele é transformado em hóspede e, assim, tratado com prioridade e honradez.

Presenciou-se uma devota solidária, Senhora Maria, de Tracateua, que encomendou em uma fábrica de vassouras 2000 cabos de madeira, porém todos transformados em cajados para auxiliar o romeiro. A Senhora Maria pediu para o fabricante afinar o cabo, deixando-o mais leve, e arredondar as pontas para não machucar a mão do romeiro. Na altura da cidade de Benevides, a devota foi para a estrada a fim de distribuir seus cajados e, com eles, ajudar caminhantes. Tais cuidados foram percebidos por Eucirene e Johnata, hóspedes desconhecidos, mas agradecidos:

*Sou romeira há 12 anos, e essa varinha entrou na nossa vida esse ano... nós trazíamos uma vara, só que era um cabo de vassoura, que era um pouco mais grosso [...] e esse ano alguém abençoado teve a ideia de afiná-lo mais e nos deu pra nossa caminhada ser mais completa [...]. e foi tudo maravilhoso, e nos ajudou muito. (Eucirene R. Pereira, 2017)*

*[...] estava distribuindo um monte [...] (mostrava com os braços juntando as mãos e encenando um maço, e assim, demonstrando a quantidade)...olha já distribui mais de mil...e ajudou muito [...] ela estava de carro...um carro particular, estava na mala [...] com a família [...] um apoio, o primeiro ano dela, estava distribuindo [...] (Antônio Johnata S. de Azevedo, 2017)*

Na foto da figura 20, a romeira exhibe, como um troféu, o cajado recebido no caminho. Ela trata o anfitrião desconhecido por “abençoado”. O descanso também é necessário, informou um agricultor, devoto promesseiro, cuja filha caçula de 7 anos foi salva por Nossa Senhora de Nazaré. Ele promove, à beira estrada, uma grande tenda artesanal construída pela sua família, e ali permanece de plantão por alguns dias. Sempre com a imagem nas mãos e em voz alta, dirigia-se aos romeiros que passavam, agradecendo a eles por mais um ano e desejando sucesso na caminhada. Ele e sua família, inclusive a filha beneficiária do milagre, colocaram cadeiras para descanso à disposição dos caminhantes, laranjas geladas descascadas, água mineral e, segundo ele, também uma palavra amiga.



**Figura 20 - Eucirene, romeira com seu cajado**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na foto da figura 21, Senhor Valter Ferreira, em frente à sua tenda de acolhimento na BR 316, com a mão direita levantada saudando os romeiros e com a esquerda de posse da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, agradece a todos os romeiros, desejando em alto e bom tom: *“boa caminhada e um Feliz Círio”*.



**Figura 21 - Senhor Valter Ferreira acolhendo**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

*[...] nós estamos em Santa Izabel do Pará... e a nossa proposta é tentar ver o mundo melhor, né, eu sou devoto de Nossa Senhora e fizemos uma promessa aí por causa da minha filha, né [...] (por causa de) uma enfermidade e fomos atendidos por ela. E desde aí é isso aí que você tá vendo: é muito carinho, é muito amor [...] e essa festa do Círio de Nazaré... entendeu... como a nossa região é uma região muito quente e esse período é um período muito [...] distante [...] e a gente achou esse local aqui pra fazer essa... essa prestação de bondade [...] eu acho que eu posso dizer isso, né, de amor ao próximo [...] e é isso aí [...]. (Sr. Valter Ferreira, 2017)*

A chuva castiga o romeiro. Foram duas tempestades em quase 26 horas. Enquanto a chuva cai; não havia para onde correr nem onde se esconder. Durante a chuva, os animadores cantaram ou rezaram com mais fervor para animarem os romeiros. Após a chuva, os romeiros tiveram mais dificuldade de caminhar com suas roupas molhadas e pesadas, meias e tênis encharcados. Se o romeiro não tiver reserva em sua mochila transportada no caminhão, está sujeito a assaduras nas pernas, bolhas e calos nos pés, correndo o risco de não conseguir cumprir seu compromisso.

Ainda durante a chuva, havia uma casa no caminho com um cartaz escrito a mão, onde se lia: “Entre”. No meio da tempestade a família fazia sinal com as mãos para que o grupo se abrigasse em sua casa, como se fosse possível acolher mais de 1000 romeiros. Durante o trajeto,

existiam muitos pontos de acolhimento, embora não estivessem preparados para atender aos romeiros do grupo Zé Bode, somente os individuais e os grupos menores. A romaria não consegue ser atendida por essas ações, por se tratar de um grupo muito grande, portanto as paradas são realmente determinadas.

Nos últimos anos, a parada do jantar tem sido realizada no clube da Polícia Rodoviária Federal, local com estrutura para os romeiros se espalharem pela grama e descansarem, além de ter alguns banheiros e chuveiros. Nessa hora, a da refeição noturna, lá está Socorro que, por quase 30 anos, aguarda os seus romeiros com disposição, comida quente e sorriso no rosto. Novamente na estrada, no fim da noite, em uma casa de madeira, Dona Maria de Nazaré, com 82 anos, acenava de sua janela chamando os romeiros, e tinha para ofertar uma garrafa térmica com café quente servido em xícaras de porcelana decoradas com motivos florais.



**Figura 22 - Tenda das amigas promesseiras**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na foto da figura 22 acima, vê-se a baiana Gilda, de turbante, atendendo, com seus voluntários, aos romeiros na BR 316. Embora se trate de uma devoção católica, no momento do acolhimento, suas ações e práticas, este detalhe pouco importa. O maior ponto de apoio da estrada fica em Benevides, organizado por Lucimar, católica, e Gilda, do candomblé e declaradamente não católica. Em 2017, elas tinham 60 voluntários trabalhando em sua tenda e atendiam, com comida quente, área de descanso, entretenimento, área de curativo e fisioterapia. Informaram que, em 2017, atenderam acima de 15 mil romeiros e explicaram assim a sua motivação:

*[...] o que me levou, hoje, a tá nessa promessa junto com a Lucimar, foi ela que fez, pra mim, um voto há nove anos atrás, em virtude de um erro médico... e aí eu passei por 17 cirurgias, e ela foi lá em minha casa e falou comigo: minha colega eu posso pedir a Nossa Senhora que interceda pela sua saúde? Eu disse a ela vá, e se o ano que vem eu estiver com saúde, eu estou com você no ponto dos romeiros. Começamos simples, ela começou com uma outra amiga nossa com 30 pães, hoje você tá vendo essa multidão de pessoas... né... temos uma equipe de 60 pessoas [...] pra gente a melhor coisa é hoje trabalharmos com amor ao próximo e saber que nós somos o segundo maior apoio da casa de plácido, depois da Casa de Plácido nós somos o maior apoio. (Gildasia Nascimento Aguiar, 2017)*

Com o avançar da madrugada, continuam as manifestações de incentivo, e o caminho vai sendo marcado pelos fogos de vista<sup>33</sup> (figura 23), explodindo por toda a noite, iluminando o céu e apontando o caminho que a romaria vai seguir. A sensação descrita pelos romeiros é que os fogos falam: “Vamos! Caminhem! Nazinha espera vocês! ”



**Figura 23 - Fogos de vista**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Muitos já começam a ficar no meio do caminho por absoluta falta de condições físicas. Segundo os depoimentos de romeiros experientes, quem não se prepara seguindo as orientações

---

<sup>33</sup> Forma com que o caboclo chama os fogos de artifício.

do professor Nazareno para a caminhada acaba se machucando, e não alcança a missão de chegar à Basílica, pois, de tanto cansaço, o corpo em algum momento para de obedecer aos comandos. Alguns dos romeiros são resgatados de carro por familiares, outros ficam nos pontos de ônibus ou em algum lugar onde possam descansar por um tempo até o dia amanhecer. Nessa fase, já não há mais espaço no ônibus nem nas ambulâncias que, também lotadas, atendem aos romeiros cansados.

Os devotos da cidade de Marituba montam, no Ginásio de esportes, um centro de acolhimento por alguns dias para assistir os romeiros e preparam-se, com reforço de pessoal e insumos, para atender à Romaria do Zé Bode. Neste ponto da romaria, muitos, pelo extremo cansaço, já não conseguem adentrar; preferem ficar deitados nas calçadas e nas áreas disponíveis para descansar o máximo possível. O acolhimento, a partir deste ponto, ganha uma nova característica: o anfitrião não espera seu hóspede vir buscar o alimento ou a água. Munidos de bandejas eles se dirigem até os romeiros deitados e fazem suas ofertas (figura 24).



**Figura 24 - Romeiros exauridos são acolhidos**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Com canela ou sem canela? Assim abordam os romeiros, com suas bandejas repletas de copinhos descartáveis com mingau de milho branco quente. Por não conhecerem exatamente o seu hóspede e não saberem de seus gostos, preparam o mingau das duas formas, para melhor atender. Como já citado, o acolhimento exige que o anfitrião pense no seu hóspede, prepare-se

para ele, nesse caso, mesmo desconhecendo o seu gosto pessoal. O Senhor José Lima e sua família também atendem aos romeiros com café quente. Ele afirma que os anos de experiência trouxeram a certeza de ser esta a necessidade e preferência do romeiro que, nesse ponto, precisa “ser despertado”:

*Preparo o mingau e 12 litros de café preto. Que no primeiro ano eu... como a gente diz aqui na gíria: “pequei coro”, né, porque sobrou café, que eu misturei café com leite, e os promesseiros gostam de café preto pra despertar o sono. Aí do segundo ano em diante eu já... aí a gente tira de letra, então quando foi na sexta-feira nós fomos distribuir café de novo, à noite, porque é... procissão não para! É vindo gente todo dia, de quarta-feira em diante, de quarta pra quinta em diante é vindo gente direto. (José Rodrigues de Lima, 2017)*

Notou-se, nos depoimentos dos anfitriões, que o planejamento realizado é normalmente melhorado e ampliado na próxima ação, no próximo ano, de acordo com a percepção por parte do anfitrião, em anos anteriores, das necessidades ou novas necessidades dos romeiros. Essa é a temática de muitos encontros dos grupos que, depois da ação, se reúnem para confraternizar pelo feito realizado e já acordam entre si ou consigo mesmos as melhorias para o ano seguinte. Na família Lima, residente em Belém, a mãe é romeira da Romaria do Zé Bode, e o pai e as filhas são devotos não romeiros. O início do processo de acolhida deu-se a princípio com a própria mãe, e hoje são um verdadeiro clã de acolhimento. A romeira nos conta:

*Então, eu, eu sempre ouvia falar e via chegando, mas [...] a gente nunca tinha ido pra BR - a gente não sabia a dimensão do que é! Hoje a gente sabe qual é a dimensão de pessoas, de necessidade, que as pessoas vêm e que as pessoas fazem pra chegar no Círio. Inclusive a nossa paróquia, que eu faço parte, ela tem um grupo de acolhimento na quinta-feira à noite vem um grupo que dorme lá, que a gente acolhe – e que a gente já tá se preparando melhor, com massagistas, com uma série de coisas pra, no próximo ano, já acolher melhor, entendeu? Então a gente conhecia pela televisão e pelos amigos que falavam [...] e aí eu fiquei curiosa, como eu já tinha feitos outras, como eu falei, que eu tinha feitos outras, é... caminhadas do Círio, andar, vir na corda já tinha feito – lógico que faz muitos anos – mas, eu digo “não, eu vou”, entendeu? Então eu vou mais para agradecer, eu tenho muito que agradecer a Deus. (Maria Miracy de Jesus Lima, 2017)*

As duas filhas praticam o acolhimento com o pai, mas também individualmente, e planejam acolher em momentos diferentes no próximo ano:

*O próximo Círio a gente já tá inventando, uma parte das pessoas que estavam lá comigo, no acolhimento, no Clube do Remo, de fazer um planejamento desde janeiro pra gente fazer uma caixinha pra ir guardado dinheiro com um valor simbólico pra na hora a gente tá melhorando o nosso*

*suporte lá, tá com mais coisas [...].E aqui em casa também, aqui em casa a gente tá com um projeto de.. fazer acolhimento de sábado pra domingo, que é o dia que a gente viu que tá chegando muita gente lá, e não tem suporte nenhum. Dar pras pessoas nem que seja um café na passagem deles [...]* (Maria Augusta de Jesus Lima, 2017)

*Ah, a gente tá planejando entregar café, eu e o meu grupo e a minha família, pra essa galera que chega na... do sábado pro domingo, a gente vê muita gente chegando e praticamente não tem ninguém mais dando nenhum apoio, porque [...] muita gente já tá naquele [...] porque normalmente as coisas aqui terminam no sábado... de sexta pra sábado, as coisas. Então a nossa meta é, de sábado pra domingo tá tentando doar alguma coisa, café, lanche [...] e a minha meta pessoal é ajudar as pessoas no Círio, os promesseiros, quem tá precisando.* (Leticia de Jesus Lima, 2017)

O líder desse clã de acolhimento vai além: aponta falhas no planejamento da hospitalidade, percebe que - no ato de praticar a fé e participar da trasladação - a Casa de Plácido deixa de acolher em momento importante, e propõe para sua família que, em 2018, sacrifique a participação na trasladação e pratique o acolhimento a quem precisa, Nas palavras do Senhor Lima,

*Percebemos que têm, têm dificuldades. Porque, na realidade [...] nun sei - tu não percebestes, que é o primeiro ano – mas o povo se doa muito, aí tem a Trasladação, tem o preparo da comida do Círio, ele se preocupa muito com isso aí deixa a desejar, no último dia, que tem muito romeiro que vem de noite e já passa pra Sé pra saída do Círio. Então tudo isso precisa dar mais um reforço pra eles, que a casa de Plácido fecha seis horas, né, já não tem mais esse apoio mais [...] tudo isso a gente tava observando e, disse “é, tem uma falha, aqui, vamos ver se a gente tenta [...] a Casa de Plácido pro romeiro, eles têm, por exemplo, eles fazem massagem, eles têm café, eles têm lanche, têm muita doação de frutas, então... tem aquela assistência, mesmo, autêntica. Mas só que os participantes da Casa de Plácido têm seus que-fazeres nas suas casas também, e tem a saída da Trasladação, né. Aí eles fecham 6 horas, aí tem esse vácuo aí que [...] tem que ter uma brecha pra colocar [...]* (José Rodrigues de Lima, 2017)

Na foto da figura 25, a romeira apresenta sua pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré. O dia está amanhecendo na área urbana da estrada e percebe-se o avanço dos romeiros, do acostamento em direção aos carros que também se dirigem a capital.



**Figura 25 - Romeiros em meio ao trânsito**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

A romaria avança pela BR, já em área urbana, e assim são os últimos quilômetros da estrada. As cidades se misturam sem fronteiras aparentes, e o romeiro sofre mais quando o cansaço se junta ao estressante movimento urbano, ficando mais vulnerável, disperso. A romaria vai seguindo o acostamento em pleno horário de *rush*, com a quantidade de carros na via e a quantidade de romeiros no acostamento sempre avançando. Os romeiros, como a água, vão tomando qualquer espaço. Em alguns momentos, é possível vê-los andando em meio aos carros: a grande maioria dos motoristas saúdam os romeiros, mas alguns se sentem incomodados com o grupo, aparentemente pelo desconforto que causam no trânsito, já complicado, do período matutino. A imagem das romarias é, muitas vezes, comparada pelos paraenses à correnteza de um rio incontrolável. Há sempre o alerta para o perigo de suas curvas, as curvas da procissão do Círio, e nota-se a importância da figura do rio, tão presente no imaginário, na cultura e no cotidiano do homem da Amazônia, como vemos na letra de Ruy Barata:

Este rio é minha rua  
 Minha e tua mururé  
 Piso no peito da lua  
 Deito no chão da maré

Pois é, pois é,

Eu não sou do igarapé  
Quem montou na cobra grande  
Não se escanCHA em poraquê

Rio abaixo rio acima  
Minha sina cana é  
Só de pensar na “mardita”  
Me “alembrei” de Abaeté.

(Paulo André Barata; Ruy Barata, 2002)

O romeiro entende estar em Belém quando passa pela via que leva à entrada do aeroporto internacional. Logo depois dessa referência de chegada, a romaria atravessa o túnel que dá acesso à Avenida Almirante Barroso - que parece não ter fim, uma verdadeira *via crucis* para quem nela segue pelo inativo corredor do BRT<sup>34</sup>. Nesse trecho, principalmente para os romeiros promesseiros que fazem seus trajetos em uma só jornada, a missão, a caminhada parece não ter fim. O romeiro, nessa fase, chega ao limite: não há mais forças para conversar com os parceiros; com sede e já embaixo de um sol abrasador, muitos perdem forças, e o corpo parece não mais responder. Não são capazes de atravessar a rua para comprar uma água; os que param para um descanso muitas vezes não conseguem mais continuar: o corpo trava, parece haver a necessidade manter o corpo em movimento, embora lento, para não haver um colapso.

A parada no bairro São Brás não aconteceu, pois a romaria estava atrasada: já passava das 8h30min, e a chegada à Basílica estava prevista para as 8h, com a participação do grupo em uma missa em sua homenagem. No fim da Avenida Almirante Barroso, a CET assumiu a escolta dos romeiros e, pela primeira vez na sua história, a Avenida Magalhães Barata (continuação da Avenida Nazaré) foi fechada para recebê-los e, assim, terem o acesso facilitado até a Basílica com tranquilidade. Segundo os romeiros experientes, até o ano anterior, esta última etapa tinha os carros como obstáculos, pois a romaria entrava na contramão, e os peregrinos acabavam caminhando nas calçadas e também entre os carros. Na foto da figura 26, Jorge e Janaina nos últimos minutos de caminhada, já na Avenida Magalhães Barata fechada, onde os romeiros, reanimados pela proximidade com a Basílica, retomam suas forças e velocidade.

---

<sup>34</sup> Obra finalizada há muitos anos e ainda inativa por falta de ônibus apropriados para circular nesse tipo de corredor.



**Figura 26- Chegada dos Romeiros no bairro de Nazaré**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O romeiro vive um momento de glória na última parte do trajeto. A chegada da Romaria do Zé Bode causa comoção entre os passantes e os que estão nos prédios da avenida, fazendo um verdadeiro desfile em meio aos aplausos e papéis picados jogados de algumas janelas. De posse de suas pequenas imagens, seus ex-votos e sua fé, o peregrino vai se aproximando de seu objetivo maior: chegar à Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Diante das manifestações de carinho dos belenenses, da receptividade da cidade em fechar a avenida mais importante do bairro de Nazaré<sup>35</sup>, dos incentivos por parte dos animadores da romaria e diante do objetivo próximo a ser cumprido, retomam novamente a sua força como se estivessem saindo de Castanhal 24 horas antes. Os ânimos renovam-se.

Na foto da figura 27, os romeiros aguardam a chegada de todos e a retirada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré da carretinha. A imagem foi retirada e entregue nas mãos de um casal de devotos, que ajudaram na organização; um padre da basílica, de posse da imagem, abençoou os romeiros.

---

<sup>35</sup> O bairro de Nazaré é onde está localizada a Basílica e, na ocasião das festividades do Círio, torna-se um centro nevrálgico da cidade de Belém.



**Figura 27 - Casa da Mãe**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O casal que recebeu a honraria de conduzir a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, junto com o professor Nazareno e os aproximadamente 800 romeiros que conseguiram chegar, silenciosamente foram avançando pelo corredor central da igreja. O padre, proferindo a mensagem final da celebração da missa, foi ficando comovido e calou-se, enquanto um rio de romeiros tomava a frente do altar e os corredores. Os participantes da missa aplaudiam comovidos enquanto o celebrante saudava, homenageava e abençoava os romeiros. Já não havia mais controle da emoção. Os romeiros, com suas pequenas imagens, seus ex-votos, sua fé e seu sacrifício, chegavam à Casa da Mãe.

#### **4.2 Bem-vindos à Casa da Mãe**

Paraenses de fé se dirigem caminhando para a da Casa da Mãe em Belém. Para o brasileiro, a fé tem importância decisiva, como mostra Ricardo Dias, em seu filme-documentário “Fé”, que não trata a religião como “o ópio do povo”, tal qual afirma Karl Marx; antes, tenta mostrar o quanto a religião dá pertencimento ao povo, em um Estado que não reconhece a todos como iguais, mas, pelo contrário, muitas vezes sequer enxerga alguns, como afirma em reflexão o psiquiatra Dr. Adalberto Barreto:

*Neste espaço meio caótico, em que o estado não está presente, não tem nenhuma operacionalidade, que os santos concentram seu poder, agregando os desagregados e oferecendo uma carteira de identidade cultural que é negada pela sociedade. Então para maioria destas pessoas, ser devoto do S. Francisco, ser devoto do Padre Cícero, ser devoto de Nossa Senhora da Aparecida, ser devoto da Virgem de Nazaré é mais importante do que dizer sou brasileiro. (Dr. Adalberto Barreto, 1999)*

No depoimento acima, podemos entender que a fé tem uma importância maior para o brasileiro do que simplesmente salvar a alma. Ricardo Dias nos mostra um Brasil fora das estatísticas, um Brasil, muitas vezes, desconsiderado. Um povo que fica à margem da sociedade e para quem a fé acaba dando um mínimo pertencimento. No caso do grupo estudado, os romeiros devotos de Nossa Senhora de Nazaré, além do pertencimento por meio da fé comum a todos, também têm uma forte noção de pertencimento ao espaço, ao estado do Pará. Assim, os romeiros e devotos utilizam suas camisetas em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, dividindo espaço com a bandeira paraense.

Existe uma riqueza na narrativa dos devotos: os depoimentos, testemunhos e histórias de vida são muitas vezes carregados de emoção por esse “pertencimento” e de uma aparente inocência com relação à urbanidade. Como na fala de uma das devotas, a sertaneja Dona Helena Maria da Conceição, que trabalhava como ambulante durante os festejos de Crato-CE:

*Ói, nós viemos pra'qui, por causa de meu padinho Cicho, o sinhô sabe, eu tô aqui não é por riqueza, tô aqui por amor que tenho por meu padinho Cicho e por Nossa Senhora das Dores, pruruê, pur trabalho, pur riqueza, pur comida, lá no lugar da gente, a gente veve do mesmo jeito. (Helena Maria da Conceição, 1999)*

Conforme Chizzotti, é de muito valor esse tipo de testemunho:

Uma narrativa em forma de livro ou panfleto, contada na primeira pessoa por um narrador que é também o real protagonista ou testemunha dos eventos que ele ou ela conta, e de quem a narração, comumente, é a vida ou uma experiência significativa de vida. (CHIZZOTTI, 2014, p. 101)

O Círio de Nazaré é considerado a grande festa paraense, momento em que os devotos de Nossa Senhora de Nazaré, espalhados por todo o estado, dirigem-se em romarias, de canoa, a pé, de bicicleta, de ônibus, de barco, de carro ou de avião para a capital, ou têm desejo de se dirigir à Casa da Mãe, participar das festividades do Círio e com o foco na Procissão do Círio.

Nas 24 horas que antecedem a procissão do Círio de Nazaré, aumenta o movimento de desembarques no aeroporto, na rodoviária e nos portos de Belém. As pessoas têm pressa, todos querem resolver alguma pendência para a festa estar perfeita. Como um formigueiro antes da chuva, tudo parece desordenado, mas se ordena. Nos depoimentos dos anfitriões e hóspedes, sempre se nota o sentimento do sacrificar e festejar (homenagear) para agradecer por benesses recebidas. Partindo do pressuposto de que a “a religião é construção ordenadora das atividades humanas”, segundo e Gastal e Martins (2018):

[...] não raro uma forma de guarida frente às mazelas do cotidiano, levando a que a festa religiosa se dê como demonstração de fé, de escape e de liberação de sentimentos, ou ainda como momento de agradecimentos por benesses recebidas. (GASTAL; MARTINS, 2018 p.142)

Com sua fé e suas histórias, diversos grupos de romeiros dirigem-se a Belém e, em sua maioria, não fazem o trajeto em uma só jornada, mas se inspiram na organização dos romeiros de Castanhal: do grupo famoso, grupo do “homem da cruz”, grupo do Zé Bode, ou seja, da Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, a qual, desenhada e estruturada pelo professor Nazareno, vai fazendo escola e disseminando “*know-how*” para grupos de todo o estado.

*Nós somos 23 romeiros, da 155 km , meu objetivo foi que meu filho sofreu um atentado e eu butei ele na vida, joguei ele para n s para tomar conta dele, e graças a Deus ela curou meu filho e tai meu filho vivo, com um tiro na cabeça tai contando a história , a Virgem de Nazaré salvou meu filho, nós estamos com três dias caminhando e chegamos sexta feira, somos de Peixe Boi – Pará...boa viagem para vocês, vão com Deus. (Romeiro de Peixe-Boi, 2018)*

O grupo que vinha de Peixe-Boi realizou o percurso de 155 km em 6 dias, com 23 romeiros participantes, contando com um único carro de apoio, um carro multiuso: carregava no teto uma pequena berlinda, tinha um microfone adaptado ao sistema de som do carro para algum dos romeiros comandar as rezas e cânticos e também havia uma vaga para romeiros cansados irem revezando-se no automóvel. No porta-malas, estavam as mochilas de todos os romeiros e alguns poucos insumos disponibilizados e que, segundo a Senhora Nazaré - devota romeira cujo nome lhe fora dado por ter nascido em outubro e que fazia as vezes de cozinheira do grupo - já haviam sido consumidos em sua quase totalidade na primeira metade da viagem, embora isso não representasse problema, pois já haviam passado de Castanhal, onde certamente haveria acolhimento. Dizia ela: “*Depois de Castanhal tudo fica bom, tem sempre uma água, uma sopa quente, um café e um pedaço de pão*”. Na foto da figura 28, em primeiro plano e com

a santinha nas mãos, o devoto promesseiro e líder do grupo, acompanhado de boa parte de seus 22 companheiros de estrada.



**Figura 28 - Romeiros de Peixe-Boi**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Os grupos se organizam de diversas formas: autofinanciam-se, buscam patrocínio, promovem quermesses, bailes, vendem rifas, etc. O grupo da Senhora Helena, que vinha de Algodual (distante 165 km de Belém), chegava com os seus 40 romeiros e, por se tratar de uma ilha, havia iniciado o seu trajeto em barcos para atravessar para o continente e depois seguiram pela estrada. Esse grupo tinha dois carros de apoio: um acompanhava o grupo o tempo inteiro para dar segurança e também atender a qualquer demanda, e o outro transportava a Senhora Helena, seguindo sempre à frente para encontrar um lugar fresco para descanso e alimentação. Enquanto Senhor Chico, que dirigia, armava as redes no novo acampamento, a Senhora Helena, em seu fogão de duas bocas, preparava a refeição de seus romeiros e nos contou:

*[...] nós mesmos fazemos bingo, fazemos quermesse e, e a gente vai... nós pagamos... assim, estipulamos uma cota, né, e a gente, com esse dinheiro, a gente paga o carro, a gente manda fazer nossas camisas, a gente compra nosso material que a gente vem se mantendo, de comida que a gente vem se mantendo, no trajeto, durante o trajeto de lá...só temos apoio já de Castanhal pra cá. (Helena, romeira de Algodual, 2017)*

Na foto da figura 29, Antônio Carlos, em primeiro plano, acompanhado de um de seus dois parceiros de romaria, depois de receberem alimentação, tratamento e curativos nos pés, descansam na tenda da torcida do Remo na Avenida Almirante Barroso.



**Figura 29 - Romeiros de Viseu na Avenida Almirante Barroso**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Também existem grupos sem nenhuma estrutura, como este do romeiro promesseiro Antônio Carlos, que chegava com dois amigos de Viseu, tendo caminhado os 314 km que separam as duas cidades em 6 dias, apenas com suas sacolinhas com a identidade, alguma roupa e um pouco de farinha. Acolhidos na tenda do grupo de torcedores do Remo, a aproximadamente 3 km da Basílica, já sem nenhum dinheiro nem para comer e nem para voltar para casa, o romeiro nos conta:

*É a quinta caminhada que eu tenho, uma experiência muito boa... e esse acolhimento é muito importante pra nós romeiros, que nós saímos das nossas casas só com as nossas roupas mesmo, às vezes a gente traz pouco dinheiro, e esse atendimento pra nós é muito importante, porque sem ele nós não conseguimos chegar até a Basílica [...] porque nós precisamos de atendimento, e essas pessoas dão alimento, dão comida, fazem massagem... então, sem esse acolhimento é impossível nós chegarmos até a Basílica. (Antônio Carlos, romeiro de Viseu, 2017)*

Os depoimentos relatam fatos e acontecimentos importantes na jornada do romeiro, experiências de vida importantes para o indivíduo e para o grupo. Segundo Chizzotti (2003, p. 101):

História de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida. História de vida pode significar muitas coisas, dependendo dos objetivos ou dos pressupostos teóricos do pesquisador.

Existem também os romeiros solitários, vindos de longas ou curtas distâncias, geralmente mais introspectivos. Alguns vêm rezando o terço e geralmente agradecendo por uma grande graça recebida. Caminhando sozinho de Tomé-Açú, um romeiro que não quis se identificar, informa que foram 8 dias para percorrer os 201 km até a Basílica em Belém e que vinha pelo livramento do filho de um acidente grave. Na ocasião, o filho havia ficado 10 dias em coma, e este era o primeiro dos 7 anos da promessa de agradecimento.

Na foto da figura 30, o Senhor Benedito acompanha a romaria, como diz, com sua “*bicicleta romeira*”. Ele participa da Romaria do Zé Bode desde as primeiras edições e, há mais de 30 anos, leva sua bicicleta, caminha todo o percurso com ela vazia para poder voltar para Castanhal pedalando. Faz isso por falta de recursos para retornar a Castanhal. O romeiro informa ser beneficiário de um programa assistencial do Governo Federal e comenta, surpreso, que, diferentemente dele, cujo uso da bicicleta se dá por necessidade, muitos já começaram a fazer romaria com bicicletas e, na atualidade, seguem para a Basílica em grupos, os quais, segundo ele, não existiam até pouco tempo atrás. Senhor Benedito ainda lamenta não poder participar por não ter, em suas palavras, “*bicicleta possante*”<sup>36</sup>.

Já os grupos de ciclistas que atualmente seguem para a Basílica na ocasião do Círio criam uma nova tradição local de fazer romaria. Muitos são esportistas que também se organizam seguindo o exemplo do grupo Zé Bode e viajam em romaria com apoio de caminhões, ônibus, ambulância, carro de alimentação e água. Na foto da figura 31, a “cegonha” para levar as bicicletas de volta à cidade de origem enquanto os ciclistas regressam em ônibus fretado pelo grupo.

---

<sup>36</sup> Bicicleta com marchas ou com mais tecnologia.



**Figura 30 - Senhor Benedito e sua bicicletaromeira**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).



**Figura 31 - Cegonha de bicicletas**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Com seus quase 7 km, a Avenida Almirante Barroso liga o fim da BR 316 ao fim da Avenida Magalhães Barata, de onde restam aproximadamente mais 2,5 km até o santuário. É a verdadeira “*via crucis*” do romeiro, a exaustiva reta final que o leva a atingir a sua meta e chegar à Basílica de Nazaré, à Casa da Mãe. O peregrino sempre se refere a Nossa Senhora de Nazaré com intimidade: ela é Mãe, Mãezinha, Naza, Nazinha, Santinha e existem muitas outras formas carinhosas de se referir à dona da festa e da casa. No entanto, quando diz para onde está indo, sempre se refere ao Santuário ou a Belém como a Casa da Mãe ou da Mãezinha. Como disse o Senhor Raimundo, participante de um grupo de romeiros que vinha de Magalhães Barata (PA): “...estou vindo de Brasil Novo, município Magalhães Barata, até Belém, são 166 km, que nós temos que percorrer para chegar a nossa Mãezinha...”

A expressão “Casa da Mãe” refere-se, em geral, à Basílica, mas se notou que muitos hóspedes e anfitriões ampliam a “Casa” para a cidade como um todo. Como diz o Senhor Fabiano, motorista da SEDEME<sup>37</sup>: “No tempo da festa do Círio a cidade é dos romeiros”. De acordo com a Senhora Maria Elizete, a questão vai além de considerar Belém a Casa da Mãe. Ela afirma que, no período da festa do Círio, o morador de Belém deve dar prioridade ao romeiro; ele tem prioridade, pois é de fora, e o belenense tem Nazinha o ano inteiro. Assim, para muitos, a cidade de Belém se transforma em uma grande Casa da Mãe, como se percebe no depoimento do devoto Antônio Carlos, de Viseu e Rosângela de Apeús:

*Bem eu tinha um propósito de vir, né... eu tinha uma vontade de vir, não fiz promessa... mas a partir desse ano eu vim com um propósito de fazer uma promessa, e se Deus quiser eu quero voltar ainda mais, é meu quinto ano... é porque é fé mesmo, é amor a Maria, amor a Nossa Senhora de Nazaré. Toda vez que eu venho a Belém eu me sinto muito feliz porque eu estou na casa da Nossa Mãe! (Antônio Carlos, romeiro de Viseu, 2017)*

*[...Aqui, de Apeús, sou de Belém, mas moro aqui [...]] Tô só esperando para ver minha mãe [...]]Nossa Senhora passar[...]]Todos os anos! E eu espero que Ela me dê muita saúde e todos que vocês tão acompanhando, e leve... vão tudo na paz. (Rosângela, 2017)*

Na Avenida Almirante Barroso, podemos presenciar a casa recebendo seus hóspedes: novamente o anfitrião prepara-se para receber o seu hóspede desconhecido e, assim como uma casa se prepara para a acolhida, as donas de casa, moradoras da região e outros grupos organizados, sem combinar entre si, vão se instalando ao longo da avenida com balcões

---

<sup>37</sup> Secretaria de Desenvolvimento do Estado do Pará

improvisados, mesas de cozinha, tendas locadas, carros com o capô aberto e, dessa forma, vão acolhendo com água, refrescos, refrigerantes, sanduíches, sopas e mingaus quentes.

Normalmente a ação é coletiva, por meio de grupos de amigos, parentes, vizinhos, trabalho e outros que se juntam e planejam o acolhimento, criam suas estratégias e, em alguns casos, o próprio grupo se autofinancia. Em outros casos e em ações maiores, o proponente vai em busca de apoio de outros devotos, que participam da ação não trabalhando, mas sim ajudando a financiar a proposta e, dessa forma, também fazendo parte da ação. Como afirma a devota solidária que, com suas vizinhas, havia conseguido uma mesa de cozinha e um fogão de camping e estava servindo sopa e café quentes em uma praça em frente às suas casas.



**Figura 32 - Vizinhas unidas pelo acolhimento**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na foto da figura 32, devotas solidárias servindo mingau e café quentes durante a madrugada na Avenida Almirante Barroso em Belém. São várias as formas de se agrupar para acolher. Guta, que com seu grupo familiar no final da BR acolhe os romeiros do Zé Bode durante a madrugada da quinta, na mesma noite e na noite seguinte, na sexta, também acolhe na Avenida Almirante Barroso, ao lado do Clube Remo, mas já com outro grupo: os amigos torcedores do Clube. Segundo se constatou entre os participantes do grupo, nem todos são católicos: alguns são evangélicos e outros ateus, todos unidos pela vontade de acolher.



**Figura 33 - Médicos de Salvador/BA acolhendo**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na foto da figura 33, três componentes de um grupo de seis médicos de Salvador faziam acolhimento com distribuição de alimentos na Avenida Almirante Barroso, em Belém. Em escala menor, outros grupos de fora também se organizam da mesma forma como os locais: ou se autofinanciam, ou buscam apoio para realizar suas ações de acolhimento. Dessa forma, a médica baiana e residente em Salvador, junto com outros amigos médicos da mesma cidade, afirma fazer a ação pela alegria de acolher e se sente recompensada ao ver a fé dos romeiros: “*Eu vim da Bahia para fazer isto aqui que eu estou fazendo, eu estou acolhendo os promesseiros [...] água, suco, café, uma palavra, um descanso e recebo deles esta fé toda, esta maravilha ai [...] ó [...]*”. Enquanto o grupo de médicos acolhia, o animador do grupo, por meio do sistema de som do carro dos romeiros acolhidos, acompanhando de aproximadamente umas 300 pessoas, agradecia:

*Deus abençoe estes irmãos que nos ajudam, louvado seja, Deus Abençoe, muito obrigado, Deus abençoe, Deus abençoe meus irmãos, Deus abençoe, Deus abençoe, muito obrigado [...]. Para vocês também, Feliz Círio! Que Nossa Senhora de Nazaré abençoe cada família que se doa, que ajuda os romeiros, nós agradecemos imensamente (Devota animadora de romaria, 2017)*

É comum encontrar grupos acolhidos por instituições ou por particulares durante todo o trajeto da estrada ou na entrada da cidade; algumas igrejas, escolas, ginásios de esportes e casas

de cidadãos comuns abrem suas portas e acolhem em seus salões paroquiais, pátios, quadras, quintais e garagens. Na foto da figura 34, romeiros são acolhidos na Paróquia Imaculada Conceição em Belém.



**Figura 34 - Romeiros acolhidos em igrejas**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O casal Regina e Ventura, coordenadores do Círio de Nazaré 2007 e 2008, conta que os romeiros caminhantes estão cada dia mais presentes, um movimento relativamente novo, cujo crescimento se nota nos últimos 20 anos. Ventura conta que existem muitos grupos vindos das proximidades de Belém, inspirados pelos grupos de Castanhal. Um deles é o do padre José de Benevides, cujo número ultrapassa 500 romeiros, e, após ter sido assaltado por algumas vezes, passou a ser escoltado pelo carro do casal durante a madrugada.

*[...] outro ponto é o pessoal que vem a pé, não só de Castanhal mas até mais longe que Castanhal. Tem um grupo que vem de Salinas [...] Salinas são 220 km, este grupo que vem Salinas, é um grupo antigo, que faz isto há muitos anos [...] tem um grupo, que apesar de ser um pouco mais perto, que é Benevides, que era o Pe José que inaugurou este grupo...é muita gente [...] né [...] é muita gente [...] o do padre em uma noite só é 600 pessoas, eu ia buscalo todo tempo aqui, passando a policia rodoviária lá em cima, não nesta primeira aqui, a outra, porque era o percurso mais perigoso que tinha [...] eu acordava 2 da manhã, as 3 da manhã, pegava meu carro e ia lá o Pe. José vinha vindo com o pessoal, daí a gente fazia eu, o pessoal da policia rodoviária federal que era o Irlando na época, chegava na Basílica as 5 da*

*manhã..6 da manhã [...] escoltando porque já tinha ocorrido muito assalto, ai vínhamos escoltand [o...]* (Ventura, 2017)

É o romeiro que faz a festa; ele não vem “*assistir à festa*”, como dizem os locais sobre os turistas. O romeiro vem com sua devoção; ele tem obrigações devocionais que não são necessariamente promessas e podem ser várias: ir à Basílica, participar de alguma procissão, participar de um terço, de uma missa, ajudar um romeiro, entre outras. Ele tem essas obrigações como necessidades, que já o diferenciam do turista comum, não comprometido com tais obrigações.

Na “*via crucis*” desenhada pelos romeiros, cujo fluxo aumenta nas 48 horas que antecedem a procissão do Círio no domingo, além dos romeiros do interior, chegam grandes grupos de municípios vizinhos e de bairros distantes. Por falta de percepção ou falha no planejamento de hospitalidade, os pontos de acolhimento deixam de funcionar no sábado, no meio da tarde, pois os voluntários participam da transladação. No entanto, durante toda a tarde, noite e madrugada, continuam chegando romeiros individuais e em grupo.

As recentes modalidades de romeiros, os que caminham e os que pedalam, fazem ampliar a descrição do objetivo do romeiro do Círio de Nazaré feita por Alves (1980), na qual o romeiro é quem vem de fora para a transladação ou procissão. Atualmente, não se pode somente considerar romeiros do Círio os que vêm para as duas principais procissões, pois as novas categorias normalmente não ficam para a procissão, e o objetivo é a Basílica, a Casa da Mãe.

Com as novas modalidades, foram ampliadas as formas de se perceber a chegada do romeiro, feita antes de canoa, barco, ônibus, avião. Agora, às últimas modalidades acrescentam-se a caminhada e a bicicleta. Portanto, atualmente, devem-se considerar como romeiros do Círio de Nazaré não só os que se dirigem para as procissões principais, a transladação e o Círio de Nazaré, conforme afirmou Alves (1980), mas também os que se dirigem com o objetivo de chegar à Basílica, como os romeiros que vem a pé ou de bicicleta, os que participam de qualquer uma das 12 procissões oficiais - segmentadas e que pulverizam o público – e, finalmente, os que vêm em suas romarias individuais ou em grupo, pelas estradas ou rios do Pará.

Contemplada a trajetória dos peregrinos à Casa da Mãe, faz-se necessário, neste momento, apresentar a forma como se desenvolvem as ações da Casa de Plácido, o último ponto de acolhimento dos romeiros após a chegada ao seu destino final.

## CAPÍTULO 5 - CASA DE PLÁCIDO

A Casa de Plácido, conhecida como casa do acolhimento, foi criada para acolher os romeiros que se dirigem a Belém para pagar suas promessas. Os que são acolhidos em maior número são os caminhantes, foco deste capítulo, dividido em duas partes: a primeira com a apresentação e funcionamento do lugar, e a segunda com as “histórias” trocadas entre hóspedes e anfitriões. É instalada anualmente no subsolo do Centro Social Nazaré, local com amplos salões, cozinha, banheiros e chuveiros (espaços estes que são divididos entre as diversas equipes de acolhimento). Está localizada próximo à Basílica e, na área do seu estacionamento, durante o Círio de Nazaré, fica montado o arraial<sup>38</sup>.

### 5.1 Casa das “Histórias”

A Casa de Plácido foi inaugurada em 2009, idealizada pelo padre José Ramos das Mercês, que na ocasião era o reitor da Basílica Santuário de Nazaré. Entretanto, a prática do acolhimento é anterior à Casa, pois se percebeu a presença desses romeiros nos arredores da Basílica e também seus ferimentos e suas necessidades básicas e, assim, começaram a acolher: *“Eram recebidos nos corredores do Centro Social, porque este movimento de acolhida começou antes da Casa de Plácido... eles chegavam lá e já tinha uma equipe na frente da igreja que dava água e que levava pra o Centro Social, isto foi surgindo naturalmente”* (Regina Ventura, coordenadora do Círio de Nazaré 2007 e 2008).

No final de 2008, surge a proposta audaciosa de levantar um milhão de reais e, com esses recursos, construir, no porão do Centro Social de Nazaré, a atual Casa de Plácido. Segundo os coordenadores da campanha na época, a meta foi atingida em 10 meses, e a casa foi inaugurada. *“Ali era um subsolo sem nada, não tinha piso”*, conta Regina Ventura.

Atualmente, nas 48 horas antes de iniciar a procissão do Círio, milhares de romeiros são recebidos na Casa de Plácido. É o momento de maior fluxo, com romeiros chegando para visitar a Basílica, participar da trasladação no sábado ou da procissão do domingo. Todos são recebidos com músicas de boas-vindas, escritas especialmente para a ocasião e repetidas como um mantra a cada novo romeiro que chega. Quando entoada, a música é cantada pelas centenas de

---

<sup>38</sup> Área tradicional de entretenimento durante os dias de festa, onde o devoto encontra diversão e alimentação.

voluntários. Dos que estão na faxina aos que estão na cozinha, todos param e, juntos, cantam e acolhem mais um romeiro. Nas duas canções principais percebe-se a felicidade em receber.

Na primeira estrofe, a música já chama a atenção do romeiro que chega, como mostra o primeiro verso, “*Você que está chegando*”, para imediatamente o acolher no segundo verso: “*Bem-vindo/ Seja bem-vindo!*”, mostrando-lhe o quanto ele tem valor e é percebido no local onde ingressa. Essa percepção é reforçada no terceiro e último verso da estrofe: “*Só estava faltando você aqui!*”, reiterando a importância individual de cada uma das visitas. Por fim, há a apresentação do local, informando sua função, ou seja, a acolhida “*Bem-vindo a nossa acolhida*”.

*Você que está chegando  
Bem-vindo  
Seja bem-vindo*

*Você que está chegando  
Bem-vindo  
Seja bem-vindo*

*Só estava faltando você aqui  
Só estava faltando você aqui  
Só estava faltando você aqui  
Bem-vindo a nossa acolhida.*

Na segunda música, da mesma forma, há o reforço do acolhimento e a identificação do indivíduo de fato, um romeiro, “*Seja bem-vindo, romeiro*”. Também se evidencia que romeiro é aquele que vem de fora, “*Seja bem-vindo, romeiro/ Aqui em Belém do Pará*”. Ainda nessa música, em sua segunda estrofe, percebe-se a especificação, a nomeação do sentimento ou da emoção em curso, partilhados e oferecidos ao romeiro: “*Te acolhemos com amor, te acolhemos com fé*”. Além disso, há também a especificação do momento em que tais estados subjetivos - emoção, fé e acolhida - estão sendo partilhados: “*Seja bem-vindo, romeiro/ Ao Círio de Nazaré*”.

*Seja bem-vindo  
Oh lê rê, oh lá rá  
Seja bem-vindo, romeiro  
Aqui em Belém do Pará*

*Te acolhemos com amor  
Te acolhemos com fé  
Seja bem-vindo, romeiro  
Ao Círio de Nazaré*

O romeiro, antes de chegar à Casa de Plácido, é recebido com água pela equipe de acolhimento na porta da Basílica, em uma tenda montada para este fim, como um posto de encaminhamento. Assim, cada romeiro ou grupo de romeiros, após cumprirem suas obrigações pessoais, são encaminhados ou, muitas vezes, acompanhados dali até a casa de Plácido. Já na Casa, cada romeiro que chega é uma nova festa: aí eles são reconhecidos e recebidos como algo sagrado, algo que se transformou a partir do seu sacrifício: seja o caminhante ou o ciclista, cada um é em si o seu próprio ex-voto, ele traz a si como presente, o seu sacrifício como dádiva.

Ao entrar na Casa de Plácido, o romeiro é convidado a ter os pés lavados por um voluntário da Pastoral da Acolhida. São 12 os postos para lavar os pés e, segundo a organização, entre todas as possibilidades que a casa oferece, esta é a mais procurada para a prática do voluntariado, pois simboliza um sacrifício maior. Segundo Úrsula, coordenadora da casa: *“lavar o pé do outro leva à prática da humildade e a repensar uma série de posicionamentos do dia a dia”*. Na foto da figura 35, os devotos romeiros, hóspedes, promesseiros ou não, chegando a pé, de bicicleta, de canoa, de ônibus ou de avião, são acolhidos e têm seus pés lavados por voluntários - anfitriões, devotos ou não devotos, adeptos de outras religiões, e até ateus. Em seguida, o depoimento de uma voluntária esclarece a sua experiência.



**Figura 35 – Lava-pés do Romeiro na Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na casa de Plácido, segundo os relatos, o que mais impressiona o hospede é ter os pés lavados por um voluntário da Pastoral da Acolhida. A romeira de Castanhal, durante a pesquisa, contou emocionada esse momento e mostrou a toalhinha com a qual seus pés foram enxugados

e que ganhará de recordação. A voluntária Miroslawa, que coordena a equipe do Lava-pés, conta um pouco de sua experiência:

*Já com a caneta para colocar meu nome na Liturgia, virei e disse: eu era o Lava-pés. E isso já fazem cinco anos, né [...]. É [...] eu sempre tive dentro de mim a vontade, a necessidade de me doar, de ser voluntária, então eu sempre venho fazendo esse trabalho. E ao final de cada trabalho eu sempre acho que tá faltando alguma coisa. E o Lava-pés ele reflete muito isso, é como se você chegasse no ápice do seu agradecimento. Não tenho algo o particular, algo, assim pra dizer ah, estou pagando uma promessa, eu vim de coração, é por necessidade, por vontade, por amor a Nossa Senhora, né. (Miroslawa Luczynski, 2017)*

Na Casa de Plácido, podem-se observar claramente os tempos da hospitalidade em um espaço público propostos por Camargo (2003 e 2004): recepcionar, hospedar, alimentar e entreter: Segundo Camargo (2004, p. 52), “Hospitalidade pode ser definida como o ato humano exercido em contexto doméstico, público e profissional: de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat natural”. O romeiro se desloca de seu lugar de origem, de seu “hábitat natural”, torna-se hóspede e necessita do acolhimento temporário.

O recepcionar está “no todo” da Casa de Plácido, mas fica nítido o receber, em proporcionar ao romeiro a água já na chegada, o lavar os pés e ainda por ter à disposição desse romeiro, o hóspede, macas para massagem ou curativos que são realizados por alunos de universidades dos cursos de enfermagem e fisioterapia. Segundo Camargo (2004, p. 52), “nada é mais sinônimo de hospitalidade do que o ato de acolher pessoas que batem à porta, seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente”.

No ambulatório (figura 36), os romeiros são atendidos pelos voluntários dos cursos de fisioterapia, farmácia e de enfermagem das universidades locais, além de voluntários dos cursos técnicos de enfermagem. Os romeiros recebem massagem para terem os músculos relaxados e recebem também curativos nos pés. Muitos dos voluntários nem sempre são crentes ou devotos, mas usam a oportunidade para contar horas como atividades extracurriculares nos seus relatórios de seus cursos. Percebe-se também, expostos como decoração do ambulatório, alguns ex-votos em destaque nas estantes ou sobre os armários, portados por romeiros de anos anteriores.



**Figura 36 – Ambulatório na Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O hospedar, segundo Camargo (2004), não necessariamente envolve a pousada; está mais relacionado a dar abrigo e acolhimento. Na Casa de Plácido, existe uma parte do salão com colchões onde os romeiros podem descansar por um tempo e recuperar forças para retornar para suas casas ou seguir para casa de algum parente na capital. Na foto da figura 37, retrata-se o espaço de descanso oferecido ao romeiro, onde acontece a oferta do teto, do lugar seguro e, por meio das ações de acolhimento em toda a casa, também há oferta de segurança e de afeto, todas práticas referidas por Camargo (2004). Ali o romeiro pode descansar por algumas horas antes de, como eles falam, “*tomar o seu rumo*”.



**Figura 37 - Área de descanso da Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Ainda que a noção de hospitalidade não envolva necessariamente o ato de proporcionar pousada, abrigo aos visitantes, não há como deixar de incluir nesta categoria o calor humano dedicado a alguém, sob a forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos. (CAMARGO, 2004, p. 52)

Na questão de segurança, a Casa tenta se adaptar às situações de uma cidade grande. Segundo a coordenação, sempre existem pequenas situações a serem resolvidas, como em 2018, quando a área de descanso teve de ser esvaziada algumas vezes por suspeita de ladrões infiltrados entre os romeiros. Sem entender o acontecido, alguns romeiros declaradamente admiradores da Casa relataram suas frustrações, como o depoimento do romeiro Benedito, ao contar sobre suas impressões:

*Achei bom, achei muito animado, só uma parte que eu não gostei é que aqueles pessoa mal trataram a gente lá [...] a gente tava deitado, e eles chegaram na hora, eu nem bem deitei e já tavam mandando eu sair [...] aí eu disse ei eu cheguei ainda agora, tem que descansar, aí a mulher se alterou, eu disse não é bem assim! Aí eu procurei a associação lá da Casa de Plácido e falei e reclamei [...] aí o cara foi lá e falou [...] o rapaz vem todo ano então você não pode tratar ele mal [...] poxa eu tinha acabado de me deitar eu num tava nem descansado a mulher já tava mandando eu levantar pra sair, eu tava com as perna doendo! (Benedito A. R. da Silva, 2017)*

Na Casa de Plácido, sempre há uma comida ou bebida quente para um estômago faminto. O local disponibiliza aos romeiros: café da manhã, almoço, jantar e merendas

diversas<sup>39</sup>. Segundo a organização, em 2017, foram servidas acima de 40 mil refeições, durante os 15 dias em que a Casa esteve aberta. Segundo Camargo (2004, p. 53), “a oferta do alimento delimita e concretiza o ato da hospitalidade, ainda que este alimento seja simbólico, sob a forma de um copo de água ou do pão que se reparte em algumas culturas”. Entre tantas que concretizam o ato de hospitalidade na Casa, também há as refeições. Lá o romeiro não vai a um balcão; a Casa de Plácido é chamada de casa do acolhimento, pois, ali, ele é hóspede, convidado: senta-se à mesa e é servido. Na figura 38, observa-se a equipe de montagem dos pratos, dentro do balcão, e a fila de voluntários do acolhimento para receber os pratos e servi-los à mesa; veem-se também as copeiras montando os pratos dos romeiros para serem servidos pelos voluntários do acolhimento inscritos como voluntários da Casa de Plácido, que é coordenada pela Pastoral da Acolhida.



**Figura 38 - Refeições na Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

E ainda se tem o entreter, que oferece ao hóspede momentos agradáveis:

Ainda que todos os dicionários restrinjam a noção de hospitalidade ao leito do alimento, resulta óbvio que receber pessoas implica entretê-las de alguma forma e por algum tempo, proporcionar-lhes momentos agradáveis e marcantes do momento vivido [...] (CAMARGO, 2004, p. 53).

O entreter na Casa é de responsabilidade da equipe da liturgia, que anuncia com festa os romeiros chegados, convidando para dar seus depoimentos, entoando os cânticos de boas-

---

<sup>39</sup> Tudo o que é distribuído fora das principais refeições: café da manhã, almoço e jantar é chamado de merenda na Casa de Plácido.

vindas e de louvor a Nossa Senhora de Nazaré e promovendo as rezas e os terços. Na foto da figura 39, um grupo de três romeiras vestidas com camiseta laranja é conduzido por um voluntário da equipe de acolhimento, que usa colete amarelo, até a equipe da liturgia. Todos estão de costas para a parede e de frente para os romeiros, de frente para a porta da Casa, cantando e batendo palmas para receber os que vem chegando e prontos para os outros que ainda chegarão. A equipe da liturgia<sup>40</sup> são os porta-vozes para darem as boas-vindas aos romeiros.



**Figura 39 - Equipe da Liturgia da Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Na Casa de Plácido, o romeiro se torna hóspede e pode vivenciar a experiência de hospitalidade: ser recebido com água, ter os pés lavados e curados, ter o corpo relaxado, ser alimentado e ter um espaço para descanso antes de começar a regressar. Este é um ambiente onde tudo é pensado para o hóspede.

## **5.2 Troca de histórias entre hóspedes e anfitriões**

A Casa de Plácido é um lugar de trocas entre desconhecidos: troca de experiências, dádivas e histórias. Nele encontram-se anfitriões e hóspedes que não se conhecem; os hóspedes, dos quais não se pode prever a quantidade e a origem, saem de suas casas sem avisar e se

---

<sup>40</sup> A casa de Plácido é dividida em 12 equipes de trabalho.

dirigem à Basílica. Muitos nem sabem que serão acolhidos pelos anfitriões voluntários, que também são desconhecidos pelos hóspedes, mas estão na Casa prontos para acolher. No encontro entre anfitrião, que espera sem saber a quem, e o hóspede, que chega desconhecendo ou sem ter certeza de como será o acolhimento, acontecem as práticas de hospitalidade e também se criam vínculos.

Nem todos os voluntários são católicos ou devotos de Nossa Senhora de Nazaré. Durante a pesquisa, constatou-se que, entre os voluntários da Casa de Plácido, existem ateus, espíritas, budistas, evangélicos e outros. De acordo com a coordenação da Casa, a convivência entre as diferentes crenças é pacífica, pois a intenção de todos é a solidariedade com o outro, independente de concordar ou não com a fé, a promessa ou o sacrifício proposto pelo devoto.

Um único incidente de conflitos de religiões aconteceu em 2017, entre dezenas de voluntários evangélicos, quando uma evangélica se recusou a usar a camiseta e o crachá da equipe de acolhimento, que identifica os voluntários perante os romeiros; a recusa foi porque nela existia o desenho de um terço e dentro dele a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Dada a impossibilidade de trabalhar sem identificação perante as regras da Pastoral da Acolhida, a voluntária declinou do serviço e se retirou sem maiores problemas.

Na figura 40, vê-se, durante o acolhimento na Casa de Plácido, uma devota-voluntária da equipe do atendimento vestida com a camiseta e o crachá de identificação da Pastoral da Acolhida, que recebe o devoto-romeiro, neste caso um devoto mirim.



**Figura 40 - Equipe do atendimento da Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Observa-se, na figura, que o lanche oferecido à criança é personalizado para tal público: copos coloridos, iogurte, achocolatado e suco. Assim, infere-se que há o cuidado em atender de forma diferenciada esse tipo de romeiro criança.

Em 2017, a equipe de anfitriões da Casa de Plácido foi superior a 1.350 voluntários. João e Úrsula são um dos 30 casais que coordenam o Círio de Nazaré, responsáveis pela Pastoral da Acolhida, que coordena o planejamento da Casa de Plácido. Durante todo o ano, eles se alinham com os doze coordenadores e colaboradores fixos das equipes que compõem a rotina de acolhimento da casa. No ano em que foi aplicada a pesquisa (2018), além da coordenação, havia 1.330 voluntários, sendo 1.300 voluntários inscritos antecipadamente. Do total de inscritos, faltaram aproximadamente 200, mas houve a apresentação no local, nos dias de atendimento, de 230 novos voluntários. O quadro 6 relaciona as equipes e funções dos voluntários da Casa de Plácido.

**Quadro 6 – Equipes e funções dos voluntários da Casa de Plácido**

Equipe	Função
Coordenação	Planejamento e coordenação da execução.
Secretaria	Responsável pela produção.
AVE (Equipe de apoio ao voluntário)	Coordena frequência, pulseiras e crachás.
Acolhimento	Recebe na porta da Basílica ou na entrada da casa.
Lava-pés	Equipe que lava e massageia os pés dos romeiros.
Liturgia	Equipe de entretenimento, recebe e dá boas-vindas aos romeiros, convida a rezar e a cantar.
Massagem	Fisioterapeutas e estudantes de fisioterapia atuando para relaxar a musculatura dos romeiros.
Saúde	Médicos de plantão, enfermeiros e estudantes de enfermagem para atendimentos de primeiros socorros.
Cozinha	Equipe que prepara as refeições da Casa.
Atendimento	Equipe que serve as refeições à mesa.
Almoxarifado	Armazena e controla insumos.
Limpeza	Equipe responsável pela limpeza de todo espaço.

Fonte: elaboração própria (2018).

Os devotos-anfitriões católicos, durante as práticas de acolhimento, no Lava-pés ou no ambulatório - onde existe tempo para uma conversa mais prolongada entre os atores da cena

hospitaleira -, muitas vezes propõem ao hóspede que rezem juntos ou convidam-no a contar sua história e como foi sua caminhada; outras vezes é o anfitrião que conta sua história de fé ao hóspede. Assim, lavar os pés ou ser atendido no ambulatório com curativos ou massagem pode durar alguns silenciosos minutos aos que não conseguem pela emoção falar ou pode durar um tempo indefinido, prolongando-se mediante diferentes interações e propostas realizadas entre o anfitrião e o hóspede. Muitos desses rápidos e muitas vezes únicos encontros acabam com um afetuoso abraço do hóspede ao anfitrião, seja esse anfitrião o voluntário que lavou os pés, atendeu a mesa, fez um curativo ou mesmo o que estava secando o banheiro e deu atenção ao romeiro.

Segundo os relatos dos anfitriões, no contato com os hóspedes, ao lavar os pés, ao fazer o curativo, ao massagear, ao alegrar, ao dar de comer, em que o voluntário está doando seu tempo, é comum ouvir que sentem a sensação de estarem recebendo mais do que dando, como conta uma devota-voluntária da equipe do ambulatório:

*Ah, eu acho que eu recebo muito! Muito! Aprendi muito! Muitas histórias pra contar [...] talvez eu faça até um livro, daqui pra frente [...] porque o calor humano é muito grande, é uma gratificação [...] os olhos, de vez em quando, ficam banhados de lágrimas, né, porque as histórias são bonitas [...] e de ver a fé, a fé de povo! E às vezes eu falo assim: Nossa será que a minha fé é tão pequenininha ainda? Porque é uma fé muito grande, muito grande mesmo! Só Deus!” (Devota-voluntaria da equipe do ambulatório, 2017)*

Histórias e relatos de fé trazem o romeiro, e é isso que ele tem e quer dividir com o anfitrião, contar suas vitórias, seus desejos, seus sacrifícios, contar sobre sua fé, dizem os anfitriões. Assim, as histórias são contadas ou para quem o acolhe diretamente, para quem está perto, ou muitas vezes até publicamente, por meio de testemunhos individuais ou de grupos inteiros no microfone da equipe de liturgia. Uma devota-voluntária da equipe do ambulatório relata emocionada uma das histórias ouvidas enquanto acolhia uma avó romeira:

*[...] ela mora na cidade de [...] como é [...] Bragança<sup>41</sup>! Então ela tem uma netinha que nasceu, e quando nasceu ela engoliu fezes, aí passou mal. Depois que ela melhorou, apareceu com problema no pulmão. Aí tiveram que cortar pra retirar o líquido que estava acumulado no pulmão, aí o médico falou: Ela só vai talvez até hoje, nós não estamos dando nenhuma expectativa de vida, porque o caso é grave. Aí ela se ajoelhou, passou a noite implorando pra Nossa Senhora, e quando foi no outro dia a filha ligou dizendo que a criança estava bem melhor. E de lá, foi melhorando cada vez mais, e ela já tá fazendo um ano, aí ela veio pagar essa promessa: 350 quilômetros ela*

---

<sup>41</sup> Bragança-PA está a 228 km de Belém, e é comum que a distância seja arredondada para cima. Por essa razão, acredita-se que a informação dos 350 km esteja equivocada.

*veio andando, levou 6 dias lá da cidade dela até aqui. (Devota-voluntaria da equipe do ambulatório, 2017)*

O anfitrião que é devoto de Nossa Senhora de Nazaré sempre está agradecendo a ela e se sente no dever de ajudar quem tem fé e quer chegar à Basílica, como para tia Dora, com 86 anos, voluntária da pastoral desde 2002 e presente na cozinha da Casa desde sua inauguração em 2009:

*[...] desde que foi iniciado, o programa [...] a Pastoral, aí nós começamos pequenininho e hoje em dia, graças a Deus, tá desse tamanho. E o esforço de todos nós é um objetivo só – trabalhar para receber o romeiros e todas as pessoas que vêm pra ver como é que é o nosso trabalho...A nossa alegria é receber os peregrinos, os romeiros que vêm de diversos lugares, cumprindo suas promessas... e o nosso dever aqui é ajudar aqueles com suas promessas em Deus e Nossa Senhora... (Tia Dora, 2017)*

A cozinha da Casa de Plácido tem sido coordenada nos últimos dez anos por Silvia Leite, que é funcionária pública e anualmente tira férias no período da festa para poder se dedicar exclusivamente à cozinha. Dedicar parte de seu tempo livre a Nossa Senhora de Nazaré e relata a alegria de servir ao outro e a importância de servir a Deus, à Igreja e a Maria:

*Como você vê: alimentação em massa, mas isso pra nós é muito gratificante, porque, em primeiro lugar, é o nosso compromisso em Deus, com a Nossa igreja e com Maria, né. E nós estamos aqui e vamos participar da missa e pretendemos honrar esse compromisso assumido, né. E pra nós é uma felicidade muito grande, a gente terminar, encerrar hoje o último dia de trabalho com o somatório passando as 46 mil refeições servidas. É muita coisa, só nos resta dizer: obrigada meu Deus! (Silvia Leite, 2017)*

Em 2017, a equipe da cozinha contou com 72 voluntários, revezando-se em três turnos - manhã, tarde e noite - e acolheu os romeiros com mais de 40 mil refeições. Na figura 41, parte dos voluntários da cozinha ao lado da panela, com tia Dora ao centro com luva na mão esquerda e Silvia Leite, coordenadora da cozinha, a sua esquerda



**Figura 41- Equipe da cozinha da Casa de Plácido**

Foto: Ricardo Frugol (2017).

A equipe da cozinha da Casa de Plácido é a equipe que tem o maior efetivo de voluntários regulares, que se repetem todos os anos como tia Dora, a mais antiga das voluntárias da cozinha e da casa. Também durante o ano participam de outras ações promovidas pela Pastoral da Acolhida.

As práticas de acolhimento aos romeiros, em seu conjunto e dinâmica, mostram um ritual da cena hospitaleira no receber, hospedar, alimentar e entreter. Esse ritual, planejado e operacionalizado marca os demais componentes da hospitalidade citados por Camargo (2015), ou seja, a relação humana, a virtude e a troca.

## **CAPÍTULO 6 – TURISMO DE FÉ RELIGIOSA, HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO NA ROMARIA**

Neste capítulo, faz-se a análise das categorias da hospitalidade pré-definidas - figuras da hospitalidade (romeiros e anfitriões), lugares de hospitalidade e práticas de hospitalidade – frente à tese proposta. Os resultados são discutidos frente ao pensamento de autores elencados no referencial teórico.

### **6.1 Figuras da hospitalidade**

#### **6.1.1 Anfitrião**

No grupo estudado percebe-se a circulação da dádiva. Segundo Martins (2002) para o grupo M.A.U.U.S., o social somente surge sob condições particulares de doação, confiança e solidariedade, que não são explicados nem pela óptica do interesse individual, nem pela burocracia estatal, mas pelo paradoxo do dom. Para Baptista (2008), Camargo (2005) Godbout (1997; 1999), Gotman (1997) e Perrot (2011) a dádiva é a base da hospitalidade do acolhimento.

Os anfitriões dos romeiros de Nossa Senhora de Nazaré têm a intenção de fazer o melhor ao seu hóspede. De acordo com Rodrigues (2015), os anfitriões são responsáveis pela felicidade de seus hóspedes. Esses anfitriões apresentam-se individualmente, em grupos organizados entre pessoas que se conhecem ou em grupos liderados, que atraem voluntários para suas propostas e práticas de hospitalidade durante o período do Círio de Nazaré. São muitas as ações de acolhimento descoordenadas que se complementam e se adaptam com o objetivo de atender às necessidades dos hóspedes (os romeiros), minimizando seus sofrimentos.

Um aspecto importante a destacar é a dívida orientada para ir ao céu. Conforme Pitt-Rivers (2002), os pedintes da Andaluzia que costumam agradecer desejando “Deus lhe pague”, explicitam que sua condição não permite pagar. Assim, transfere-se a dívida ao sagrado. Como aponta Godbout (1999), no caso do grupo estudado, tanto hóspedes como anfitriões compartilham do sentimento de gratidão e de estarem em contato com ela através do sagrado. Não se deve esquecer que a gratidão é o reconhecimento do suprimento que circula e não é incluído na dívida (conta). Mesmo praticando a caridade, considerada muitas vezes como tipo perfeito de dádiva

gratuita, os caridosos continuam praticando a gratidão, estão retribuindo; eles dão porque receberam muito.

Ao anfitrião cabe observar as necessidades do hóspede, para corrigir e verificar se há novas demandas, tentando atendê-las na ação do próximo ano. Normalmente, é uma ação planejada e coletiva: o anfitrião, já decidido a executar o acolhimento, escolhe o local com base em observações de acolhimento em anos anteriores, decide que tipo de prática ou práticas vai realizar no local escolhido para, depois, calcular a estrutura e os insumos de que necessita para a ação.

A atuação do anfitrião depende de sua limitação e disposição física ou, ainda, de algo que amplie sua capacidade de transportar as dádivas que vai distribuir. A dádiva é tudo o que é entregue ao romeiro para minimizar seu sofrimento, alegrar seu caminho ou colaborar para que cumpra sua missão, como copos e garrafinhas de água, sucos, refrigerantes, lanches, sopas, caldos, refeições, sorvetes, terços, fitinhas, cajados e bonés. Na figura 42, a anfitriã individual distribui 800 copos de água organizados em isopores na carroceria de seu automóvel.



**Figura 42 – Anfitriã individual distribui água aos romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

No caminho da Casa da Mãe, a dádiva amplia-se e é percebida pelos romeiros de outras formas menos convencionais que a entrega de um copo de água ou comida que, de acordo com Montandon (2011), é a primeira atitude hospitaleira. Existem grupos que fazem rápidas encenações para os romeiros, outros trazem corais pra louvar a santa; há povoados que enfeitam

suas entradas e queimam fogos<sup>42</sup> para homenagear os romeiros que passam; há anfitriões que se dedicam a conversar e incentivar seus hóspedes com palavras ou um abraço, como é o caso do Senhor Valter e família que, todos os anos, esperam os seus hóspedes desconhecidos na estrada, garantindo que eles recebam, além do abraço, uma cadeira na sombra, a possibilidade de saborear uma laranja gelada e descascada ou se refrescarem com água antes de seguirem. Todas essas práticas de hospitalidade se iniciam com uma dádiva, confirmando o pensamento de Camargo (2004) de que a dádiva não é um ato isolado.

Percebe-se que os grupos de familiares ou de amigos conseguem reunir várias opções para bem acolher os hóspedes, cujas práticas de hospitalidade transcorrem claramente em todos os tempos propostos por Camargo (2004): mesmo de forma rápida, eles recebem os hóspedes com um abraço, abrigam-nos com sombra promovida pela tenda e com cadeiras para descanso, alimentam-nos com uma laranja gelada e a água fresca, e os entretêm com os “causos” que contam (figura 43).



**Figura 43 – Tenda de Senhor Valter e sua família na BR 316**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

---

<sup>42</sup> Durante o dia, são fogos comuns que produzem efeito sonoro e, à noite, são fogos de vista que produzem o efeito sonoro e visual.



**Figura 44 – O ambulatório da tenda Unidas pela fé na BR 316**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

O mesmo acontece nos grupos com líder, geralmente maiores do que os grupos familiares, que conseguem ampliar mais a sua atuação, como a tenda Unidas Pela Fé (figura 44). Com seus mais de sessenta voluntários, o grupo consegue ter uma estrutura maior com banheiros químicos, comida quente e várias opções de merendas, ambulatório para curativos e massagem, e até sistema de som para homenagear seus hóspedes ou entretê-los. A equipe é liderada por mãe Gilda, do terreiro Saman um Si, e pela católica Lucimar, representantes de diferentes religiões, que trabalham juntas para acolher os romeiros.

O anfitrião que promove as práticas de acolhimento, seja ele individual ou em grupo, tem como missão pensar no outro, em sua necessidade. Como o hóspede é desconhecido, necessita-se “desvendá-lo”, intuí-lo. Para tanto, é preciso observá-lo para, assim, chegar a entendê-lo e pensar em promover novas ações ou ações complementares no ano subsequente. Nota-se que o acolhimento, a caridade e a solidariedade são dimensões da hospitalidade que podem ser ativadas nas relações estabelecidas entre hóspedes e anfitriões (GRASSI, 2011).

Já na Casa de Plácido, é possível, com um planejamento anual e mais amplo, adaptar o acolhimento aos públicos e a situações variadas. Devido ao número cada vez maior de romeiros nos dias que antecedem o Círio de Nazaré e com a intenção de entender os fluxos, pela primeira vez, foi dada ao romeiro a opção de cadastramento oficial. Existe a possibilidade de romeiros individuais e grupos se cadastrarem via e-mail por meio de orientações no site oficial do Círio de Nazaré, registrando informações, número de pessoas e origem. Dessa forma, a coordenação da Casa pode estimar melhor a quantidade de romeiros que receberá.

A Casa de Plácido, como um lugar de hospitalidade privada, adquire significado de hospitalidade pública. É o lugar de acolhimento que recebe o maior número de romeiros e também o que permanece com esse propósito por mais tempo aberto. Como já mencionado, a Casa abre na quarta-feira que antecede ao Círio de Nazaré, fecha no início da tarde de sábado e retoma suas atividades na terça-feira após a procissão do Círio de Nazaré. Encontra-se aqui um conflito na cena hospitaleira, um descompasso entre a necessidade do hóspede e a necessidade e disponibilidade do anfitrião. O hóspede – o devoto-romeiro - continua chegando com necessidades iguais no sábado à tarde, em quantidades maiores, devido à proximidade da trasladação, e mais ainda na noite do sábado e início da madrugada do domingo, antes da procissão do Círio de Nazaré; entretanto, o anfitrião – o devoto-voluntário e o voluntário - fecha as portas da casa de acolhimento para cumprir seus rituais tradicionais de fé, assistindo à trasladação e à procissão e participando do almoço do Círio.

### **6.1.2 Hóspede**

A fé dos romeiros levando a imagem de Nossa Senhora de Nazaré estabelece uma comunicação com o sagrado, cujas relações se repetem a cada ano durante as festas e parecem reforçar os vínculos não apenas do romeiro com a santa, mas também do romeiro e seus anfitriões, formando uma espécie de comunidade reativada pela reciprocidade.

Os hóspedes são os devotos de Nossa Senhora de Nazaré que, nesse caso, viajam caminhando dos interiores do Pará para a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, na capital do estado. Quando em grupo, possuem alguma estrutura de apoio e, em alguns casos, possuem um carro que transporta uma estrutura de cozinha e insumos. Entre os romeiros que caminham por dias, há relatos de que, durante as paradas, é sempre agradável e memorável o momento das refeições, pois nele conversam entre si, sobre sua fé e suas dificuldades, e assim, enquanto comem juntos, se animam e reforçam laços que duram além da romaria, pois, de acordo com Boutaud (2011, p. 1213) a comensalidade “é uma das formas mais reconhecidas da hospitalidade em qualquer época e em qualquer cultura”.

No entanto, há muitos romeiros que caminham sem recursos para se alimentar e portando apenas a roupa do corpo e dependendo totalmente da ajuda do anfitrião desconhecido. Na foto 45, a romeira Nilza Maria Pigatti Salvador, a mais antiga do grupo Zé Bode.



**Figura 45 - Romeira Nilza Maria Pigatti Salvador do grupo Zé Bode**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Segundo Bueno (2015), a hospitalidade pressupõe acolher e receber. Essa reação social sempre é assimétrica: um recebe, outro é recebido, mostrando a capacidade da hospitalidade de criar lugares que potencializam a socialização dos indivíduos. Gotman (1997) afirma que a hospitalidade é fundada sobre a noção de alteridade.

O sacrifício praticado na vida de seus parceiros de caminhada e no campo espiritual aproxima o romeiro da Mãe e o torna, de certa forma, sagrado; o sacrifício aparece como uma forma particular de dádiva (MAUSS; HUBERT, 2005). Encontram-se romeiros que não podem falar durante sua romaria, outros que não podem comer, ou que só podem beber água, ou ainda outros que correm e não podem parar. Em sua grande maioria, eles caminham com chinelos de borracha e meia. Greenia (2018 p. 9) explica a relação do romeiro com o sacrifício e as relações que se dão durante a jornada da romaria:

*While on their way, pilgrimage communities tend to be self-defining through their prolonged contact and shared exertions, open to be moved and instructed, but inevitably falling into step most closely with their companions of the road, catechized both vertically by revered masters and horizontally by their peers. Every age explains religion to itself in its own idiom, and the*

*language of pilgrimage has become a lingua franca among Christians and faith partners in many other traditions.*<sup>43</sup>

As relações que se estabelecem e se repetem anualmente entre a população que acolhe e os romeiros que são acolhidos são mediadas pelo sagrado. A viagem, a romaria, tem sentido e objetivo sagrados: o hóspede não vai passear em Belém; ele vai visitar a Casa da Mãe e caminha com tal sentido e objetivo. Encontrar a Mãe em suas orações e cânticos feitos junto com o grupo durante o caminho tem como principal objetivo fazer a entrega de seu sacrifício ao entrar na Basílica e encontrar Nossa Senhora de Nazaré. Segundo Greenia (2018), a viagem sagrada pode ser vista como uma sequência ritualizada de fuga da vida normal e da rede social, durante a qual há uma imersão em um estado alterado de “liminaridade” ou de limiar, passando o indivíduo a viver em uma espécie de comunidade única de estranhos que forma sua própria sociedade. O depoimento de um romeiro conta a escolha de sua promessa pela dificuldade do sacrifício.

*[...] aí eu vim com ele porque ele me falou que era bom, era puxado, então eu vi que era um bom modo de pagar uma promessa, que era bem puxado, alguns anos ele não conseguia terminar igual esse ano ele não conseguiu, aí é bem puxado, aí seria uma promessa bem paga, se eu viesse de lá. (Gustavo Gomes Prestes, 2017)*

O hóspede é desconhecido. Ninguém sabe quem vem exatamente, mas, de acordo com os anfitriões, a cada ano, aumenta o número de romeiros no trecho entre Castanhal e Belém. Alguns fazem a rota por anos consecutivos e, em determinadas ocasiões, há o reencontro entre hóspedes, romeiros, e anfitriões tradicionais, como Dona Lourdes, Senhor Valter, Gilda e Lucimar da Unidas pela Fé, que muitas vezes recebem velhos amigos caminantes. Nesses casos, o hóspede, apesar de não ter avisado, é conhecido e sempre existe a possibilidade de uma conversa entre hóspede e anfitrião e um momento para foto de recordação. Na tenda de apoio de Dona Lourdes, existem vários painéis de fotos de visitantes dos anos anteriores, impressos em formato de *banners*. Nesses encontros de conhecidos, muitas vezes existe um momento de

---

<sup>43</sup> Tradução livre: À sua maneira, as comunidades de peregrinação tendem a ser autodefinidoras através de seu prolongado contato e esforços compartilhados, abertos a serem movidos e instruídos, mas inevitavelmente se aproximando com seus companheiros da estrada, catequizados verticalmente por mestres reverenciados e horizontalmente por seus pares. Cada época explica a religião a si mesma em seu próprio idioma, e a linguagem da peregrinação se tornou uma língua franca entre os cristãos e parceiros de fé em muitas outras tradições.

oração, tornando a viagem sempre uma constante conexão com Nossa Senhora de Nazaré e com o sagrado.

O hóspede precisa de apoio para seguir o seu caminho até a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Muitos deixam regiões remotas do estado e iniciam sua romaria desprovidos de recursos para viagem, não podendo transportar seu alimento por causa das longas distancias e da conservação. A importância do apoio no caminho é assim retratada por um romeiro:

*Ah, a melhor coisa [...] é muito importante! Às vezes a gente tá lá sem forças, com sede, é [...] sem glicose no corpo, sem energia aí vai e aparece alguém com algum bolo, ou um suco bom [...] e tudo é de qualidade, com amor, eles sempre motivando a gente, é muito importante mesmo pra gente continuar - sem eles eu acho que muita gente, a grande maioria não terminaria [...] porque teria que levar na bagagem e isso pesa, é muito, influencia muita coisa o peso, também. (Gustavo Gomes Prestes, 2017)*

Esse depoimento reforça que a oferta de alimentos e outras ações de apoio ao romeiro está associada à possibilidade de concretização efetiva da rota pelo hóspede. Independentemente da classe social do romeiro, as práticas de hospitalidade no caminho são assim recebidas e sentidas pelos hóspedes como fundamentais para que milhares de romeiros cheguem à Basílica.

## 6.2 Lugares provisórios de hospitalidade

Quando em setembro de 2017 iniciou-se o treinamento para realizar a pesquisa de campo, não se imaginava que a inquietude e curiosidade de pesquisador levariam a observar práticas de hospitalidade no trajeto percorrido, pois, de acordo com Bauman, (2009), nos lugares se formam as experiências humanas e, segundo Baptista (2008), é necessário um lugar para que se manifestem os mecanismos da hospitalidade. Essas observações trariam as primeiras provocações de reflexão sobre a presença de lugares provisórios de hospitalidade no Caminho da Casa da Mãe.

Baptista (2002) compreende a hospitalidade como um modo privilegiado de relação com o outro, condição de “urbanidade e civilidade”, pois, segundo ela, à medida que as sociedades urbanas se desenvolvem e se complexificam, vão perdendo o sentido de vida em comunidade. Acolher alguém de forma hospitaleira significa “abrir o espaço sem reservas ou desconfiança”. Trata-se da articulação entre o conhecido e o desconhecido.

Os anfitriões apossam-se (por um tempo, horas ou dias) de um lugar público ou particular, normalmente inóspito, como os acostamentos ou canteiros de estradas, pátios de estacionamento de caminhões ou de postos de gasolina ou mesmo em portas de cemitérios, dentre inúmeras possibilidades presenciadas. De certa forma, tais lugares têm identidade, significado e sentido, de forma que o hóspede, de longe, os identifica como um lugar de hospitalidade montado para atendê-lo. Trata-se de um tipo de lugar provisório, ou melhor, de lugares provisórios de hospitalidade, cenários onde se dão a cena hospitaleira e a prática da hospitalidade, lugares pensados e criados para acontecer o encontro entre anfitriões e hóspedes.

Durante a pesquisa de campo, quando o autor percorreu o trajeto de 80 km em 24 horas observando um grupo de aproximadamente 1.200 romeiros que caminhavam juntos, surgiam esses lugares, fornecendo em sua maioria água, café e merendas; mas havia também outros lugares com ofertas diversas: sanduíches, sucos, mingaus, pão, bolos, sopas, refeições completas, picolés, refrescos industriais, iogurtes, frutas e até o cuidado de um anfitrião que, entre suas ofertas, dava a opção de o hóspede escolher uma canjica servida com ou sem canela.

Os espaços podem ser uma tenda, uma mesinha improvisada, um porta malas de carro aberto, uma tolha ou lençol estendidos no chão. Além disso, apresentam tempo previsto para começar e terminar, que pode durar uma, duas, três ou mais horas, um plantão de 24 horas, ou até dias, como apurado nas entrevistas com anfitriões. Tudo isso para atender o outro, o hóspede desconhecido, os devotos que seguem a pé para Belém nos dias que antecedem ao Círio de Nazaré.

Lugares para acolher são montados em ambientes diversos. Além dos já elencados como aparentemente mais inóspitos, tem-se outros anotados durante o trajeto, tais como: abrigos de ônibus, arraial de comunidades, entradas de sítios, capelas, janelas e portões abertos de casas que beiram a estrada, onde se colocavam à disposição dos romeiros as ofertas citadas. Com a oferta de abrigo e alimento de uma forma afetiva e humanitária, favorece-se o acolhimento (BAPTISTA, 2008). Tendo em conta o grande fluxo de romeiros, seria esperado que houvesse a oferta de serviços no trajeto e de espaços com oferta comercial de comida e bebida. No entanto, nos casos observados, toda oferta era gratuita, nada era cobrado. Havia sempre algum devoto ofertando alimentos e bebidas para ajudar o devoto-romeiro a cumprir sua missão de chegar à Casa da Mãe.

Percebe-se que muitos desses lugares inóspitos ou inicialmente não pensados para acolher pessoas transformam-se em lugares provisórios de hospitalidade, a partir do desejo pessoal e ação por parte do devoto-anfitrião, interferindo visualmente no espaço para indicar que está recebendo e oferecendo suas dádivas em formato de alimentos, cajados, espaços para

descanso, curativos, entretenimento e outras ofertas para atender o hóspede desconhecido, o devoto-romeiro. Assim, com suas interferências, o anfitrião ressignifica o lugar, transformando-o em lugar provisório de hospitalidade.

Ao refletir sobre o que se viu nas manifestações durante o caminho percorrido pelos romeiros, passou-se por aqueles lugares de hospitalidade e, com as informações coletadas em entrevistas, percebeu-se que tais lugares eram provisórios, aconteciam somente naquele período e dentro daquele contexto. Eles surgem pelo desejo e ação do devoto-anfitrião, cujos espaços passam por intervenções físicas também provisórias, onde se promove a distribuição de dádivas, recebendo, assim, um novo significado provisório.

Curiosamente, a Casa de Plácido também é um lugar provisório de acolhimento. Apesar de sua sede própria e de ter sido projetada para este fim, ela funciona somente no período das festividades: é montada para acolher dias antes do Círio de Nazaré e desmontada nos últimos dias da Quadra Nazarena, cedendo o espaço para realização do jantar dos coordenadores da festa, que acontece antes da queima de fogos que finaliza o período festivo. Durante o restante do ano, a casa é usada como depósito e para atividades pontuais da própria Pastoral da Acolhida e de outros segmentos da Basílica.

Normalmente tratam-se como lugares de hospitalidade os lugares permanentes, pensados ou planejados para tal finalidade, como a sala de visita e o quarto de hóspede de uma residência, que são lugares, marcados e com função hospitaleira. O mesmo pode ocorrer no espaço público, quando se oferece um equipamento para a comunidade e visitantes, ou no espaço comercial, quando se constrói um hotel ou um restaurante para atender à demanda de um público determinado. Até no espaço virtual se depara com espaços de hospitalidade permanente: o site da São Paulo Turismo, por exemplo, está no ar informando e convidando o hóspede para que tenha uma boa experiência em São Paulo.

Ao se pensar na classificação dos espaços propostos no início das reflexões sobre hospitalidade de Camargo (2004), percebe-se que o autor tratava principalmente de espaços permanentes. Cabe a este trabalho chamar a atenção para as possibilidades de estudo do lugar provisório de hospitalidade, onde muitas vezes o “não lugar” se transforma em lugar provisório e nele acontecem as práticas de hospitalidade.

### 6.3 Práticas de hospitalidade

Paralelamente às práticas devocionais, observam-se dimensões complexas de preparação e participação. Essas ações são mediadoras entre os anseios individuais e os coletivos, e elas suprem as necessidades simbólicas. Na festa coletiva repleta de significados e no contato compartilhado, percebe-se o valor da tradição do acolher, que se renova a cada edição, tornando-se lugar propício para prática da hospitalidade, como afirma Bueno (2006) em seu artigo Festa: o dom do espaço.

Receber bem, melhorar sempre a proposta de acolhimento e, se possível, ampliá-la na próxima edição do Círio de Nazaré foi o desejo mais citado pelos anfitriões que promovem o acolhimento dos romeiros. Percebe-se, nessa proposta, um sentimento de proteção do hóspede tal como apontado por Pitt-Riviers (2012). Muitas vezes, o anfitrião teve uma primeira ou muitas experiências de acolhimento em outros grupos e parte para sua ação individual, mas a regra é a mesma: receber bem e da melhor forma possível os hóspedes. Na figura 46, vê-se uma mesa de café da manhã preparada por um grupo de professores da cidade de Castanhal para os romeiros do grupo do Zé Bode.



**Figura 46 – Café da manhã oferecido a romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

Tais práticas são planejadas com antecedência, pois demandam encontros, cálculos, previsões, compras de insumos e outras ações que necessitam também de um planejamento financeiro para arrecadar os recursos necessários. Elas são financiadas de várias formas: recursos próprios do anfitrião, rateados pelos participantes do grupo ou angariados pelo grupo por meio de rifas, festas e outras campanhas.

*[...] eu também manifesto que não tem nada de promessa, é tudo espontâneo. Aí eu vou dar esse apoio lá, inclusive nós começamos com uma panela pequena, já estamos numa panela média, e a procura tá que eu acho que esse ano que vem já temos até uns amigos aí que vão pegar essa corda também pra [...] desenvolver mais, por eu faço só, não tem negócio de [...] esperar doação, porque não [...] a importância é tão pequena ....] Preparo o mingau e 12 litros de café preto. Que no primeiro ano eu [...] como a gente diz aqui na gíria “pequei coro”, né, porque sobrou café, que eu misturei café com leite, e os promesseiros gostam de café preto pra despertar o sono. Aí do segundo ano em diante eu já [...] aí a gente tira de letra, então quando foi na sexta-feira nós fomos distribuir café de novo, à noite, porque é [...] procissão não para! É vindo gente todo dia, de quarta-feira em diante, de quarta pra quinta em diante é vindo gente direto. (José Rodrigues de Lima, 2017)*

O local para realizar a prática geralmente parte da observação por parte do anfitrião no ano anterior, quando ele já escolhe o local de atuação, observa algumas características do romeiro que passa por aquele local, seu futuro hóspede, e preparara-se para recebê-lo de acordo com a situação prevista. Um bom exemplo são os anfitriões da Avenida Gentil Bittencourt, na entrada da cidade de Belém, que usam bandeja para se deslocar com sua oferta até o romeiro se ele estiver passando na outra calçada porque, naquele ponto do trajeto, o romeiro não tem mais energia para atravessar a avenida; assim foi encontrada a solução - as bandejas - para servir.

*[...] esse foi o segundo ano que a gente montou uma equipe de um grupo de amigos pra dar um suporte lá em São Brás, já bem, é próximo da chegada, mas tudo começou no passado, conversando com um amigo, que a gente queria fazer alguma coisa mas não sabia o que. Eu falei: bora fazer o acolhimento pras pessoas que vêm chegando, que sempre chega muita gente que precisa. Aí, a gente na terça-feira a gente começou a pedir nos grupos, de amigos, mantimentos pra fazer a ação na quinta. Na quinta a gente fez, acabou tudo. Eu falei: é, a gente não vai ter nada pro segundo dia. quando foi à tarde começou a aparecer doação e, o que a gente não tinha nada - já tinha a mesma quantidade do dia anterior, então já tinha muita coisa! Na primeira vez. Porque sempre são dois dias que a gente faz a ação, lá. De quinta pra sexta e de sexta pra sábado. No primeiro dia tinha umas 12 pessoas [...] no segundo a gente tinha uma média de 30. Aí esse ano a gente começou 15-20 dias antes a pedir nos grupos, doação, a gente montou um grupo de quem queria ajudar. E a gente conseguiu contar, no primeiro dia,*

*com 30 pessoas, no segundo dia a gente tava com uma média de 70 pessoas ajudando. (Maria Augusta de Jesus Lima, 2017)*

No depoimento acima, nota-se o uso da metáfora mediante os termos: “pegar esta corda” para indicar novos voluntários no próximo ano, “peguei coro”, para dizer que errou na estratégia de acolhimento, e “tira de letra”, para dizer que, a partir do conhecimento adquirido, é fácil acolher o romeiro.

Nos dias que sucedem o Círio de Nazaré, durante a Quadra Nazarena, o assunto que prevalece entre os anfitriões é a ação realizada e, concomitantemente, o planejamento para a próxima, geralmente com proposta de melhoria e ampliação da ação.

*O próximo Círio a gente já tá inventando, uma parte das pessoas que estavam lá comigo, no acolhimento, no Clube do Remo, de fazer um planejamento desde janeiro pra gente fazer uma caixinha pra ir guardado dinheiro com um valor simbólico pra na hora a gente tá melhorando o nosso suporte lá, tá com mais coisas. E aqui em casa também, aqui em casa a gente tá com um projeto de [...] fazer acolhimento de sábado pra domingo, que é o dia que a gente viu que tá chegando muita gente lá, e não tem suporte nenhum. Dar pras pessoas nem que seja um café na passagem deles. (Maria Augusta de Jesus Lima, 2017)*

A família Lima atua entre os seus ou com seus grupos, acolhendo, na madrugada da quinta-feira, a romaria do Zé Bode e, nas noites da quinta e da sexta-feira, com o grupo de amigos do Clube do Remo. Eles planejam abandonar o hábito de assistir anualmente à trasladação e avançar com as práticas de acolhimento para o sábado na Avenida Gentil Bittencourt, quando já não há acolhimento para os romeiros, pois os anfitriões estão participando da trasladação e das festividades em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré.

*Ah, a gente tá planejando entregar café, eu e o meu grupo e a minha família, pra essa galera que chega na [...] do sábado pro domingo, a gente vê muito gente chegando e praticamente não tem ninguém mais dando nenhum apoio, porque [...] muita gente já tá naquele [...] porque normalmente as coisas aqui terminam no sábado [...] de sexta pra sábado, as coisas. Então a nossa meta é, de sábado pra domingo tá tentando doar alguma coisa, café, lanche... e a minha meta pessoal é ajudar as pessoas no Círio, os promesseiros, quem tá precisando. (Leticia de Jesus Lima, 2017)*

Nesse planejamento, os anfitriões expressam o forte desejo de aumentar, de ampliar a ação: se o anfitrião distribuiu 10 litros de café, no ano seguinte, pretende distribuir 15; se não tem o recurso, ele vira um facilitador e busca os recursos entre os amigos. Tem-se, assim, a

quarta obrigação do sistema da dádiva: a dádiva entre estranhos. Dá-se aos deuses e aos que o representam sem esperar retribuição (GODELIER, 2001).

No grupo estudado, a manutenção das práticas de hospitalidade e distribuição de dádivas durante o fenômeno religioso e cultural retoma o sentimento de comunidade e minimiza os efeitos “selva” apontados por Baptista (2002), como uma metáfora para explicar a vida nas cidades que, muitas vezes, se resume a uma luta para sobreviver. E faz, como diz Baptista, o anfitrião embarcar na aventura da solidariedade.

#### **6.4 Romaria no turismo de fé religiosa**

No capítulo 2, tratou-se do turismo religioso, citando como referência o Caminho de Santiago de Compostela e apontou-se que parte do sucesso milenar desse caminho provavelmente se deva à hospitalidade. Uma das mais famosas rotas do Caminho de Santiago, o Caminho Francês, a mais praticada desde o século IX, estabelece-se e fortalece-se a partir do acolhimento ao longo do percurso compreendido entre a cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port<sup>44</sup> e a cidade de Santiago de Compostela. Assim, com o tempo e devido à presença dos mosteiros e suas práticas de acolhimento, os peregrinos dirigiam-se de várias partes da Europa até Saint-Jean-Pied-de-Port para, ali, iniciar sua entrada na Espanha e cumprir a última etapa de 800 km da peregrinação até Santiago de Compostela.

No caminho que surge entre Castanhal e Belém, observou-se que o movimento iniciado por Zé Bode e fortalecido pela parceria com o professor Nazareno até hoje mantém e amplia a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Conforme os relatos dos romeiros, esse caminho tornou-se referência mediante a propagação de suas edições, atraindo mais romeiros para a rota; e mais romeiros na rota atraem mais anfitriões. Entende-se, pelos relatos dos romeiros que já repetem sua jornada por alguns anos, que, quanto maior for a quantidade de anfitriões, maior será a quantidade de romeiros no ano seguinte, pois existe uma espécie de “telefone sem fio”: as notícias vão sendo levadas pelos romeiros quando eles retornam às suas cidades de origem e contam seus casos e “causos” durante a romaria. Eles são como heróis, respeitados pela forte fé, pela coragem, pela capacidade de conquista. Dessa forma, são ouvidos por seus concidadãos, e suas histórias vão espalhando a fama do acolhimento na rota entre Castanhal e Belém.

---

<sup>44</sup> Saint-Jean-Pied-de-Port é uma pequena cidade localizada no sudoeste da França, famosa por ser considerada o ponto de partida do Caminho Francês para Santiago de Compostela. Saint-Jean está ao pé dos Pirineus e, ao atravessá-los, o peregrino já encontra o primeiro mosteiro em Roncesvales – Espanha.

*Acho que já é tradição de Castanhal. É tradição, né? Tem um grupo lá que saiu mais de mil pessoas, esse ano agora, chegaram quarta feira. Aí [...] a gente vai [...] como eles têm essa tradição, aí os grupos todos de Salinas saem de Castanhal, pega o carro...Vai até Castanhal...e de Castanhal vem pra cá [...]. (Claudio de Barros, 2017)*

*Eu fiz [...] é, eu tenho um amigo da faculdade que mora em Castanhal, ele vai pra faculdade todo dia, lá na UFPA, vem de Castanhal pra cá, e ele me falou um dia que ele quase todo ano ele vinha de Castanhal pra cá, pra pagar promessa, essas coisas [...] aí com o passar do tempo a gente vai [...] vai precisando fazer algumas promessas, né [...] aí eu acabei fazendo duas promessas e eu vim pagar esse ano, com o Círio de Nazaré, junto com meu amigo também, que ele não conseguiu chegar mas eu [...] cheguei [...]. (Gustavo Gomes Prestes, 2017)*

O que se vê no trecho de 80 km compreendido entre as cidades de Castanhal e Belém é o surgimento natural de uma rota religiosa. Nos dias que antecedem o Círio de Nazaré, muitos grupos de várias regiões do Pará dirigem-se a Castanhal e ali iniciam suas romarias, por saberem que no trecho entre essa cidade e a basílica de Nazaré, nesses dias, existe acolhimento promovido pela população residente às margens ou próxima à estrada e também pela população da cidade de Belém

*Antes de Castanhal não temos ajuda nenhuma, é, a gente se mantém desse dinheiro que a gente recolhe dos bingos e das cotas que a gente paga...em Castanhal, por exemplo, que é nosso primeiro apoio – inclusive esse ano nós tivemos três bênçãos [...] que é o apoio de Castanhal..., o apoio de Santa Izabel [...] e o apoio de Marituba...Então esse ano nós tivemos, os nossos três apoios [...]. (Helena Carvalho, 2017)*

Também sabem da existência do grupo mais tradicional que percorre o Caminho, popularmente chamado de grupo do Zé Bode, cujo nome oficial é Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. O grupo foi o incentivador das práticas de acolhimento que, hoje em dia, estão cada vez mais presentes no percurso e atraem outros grupos.

*Eu tava vindo a trabalho e vi um grupo vindo de Salinas. Vi na camisa: Salinas. Aí curiosamente eu parei e perguntei: quando vocês saíram de Salinas? A moça parou e me respondeu: não, nós saímos de Castanhal mesmo, vamos pra Belém, vamos pra Basílica agora. (Antônio Johnata S. de Azevedo, 2017)*

Os grupos que surgem se espelham também no grupo Zé Bode. A primeira prioridade é identificar o grupo como inspirador. Assim, tem-se grupos completamente uniformizados com camisetas de uma mesma cor, onde é comum ver-se, imediata e destacadamente, na frente da

camiseta, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e da bandeira do Pará, assim como, já na parte posterior da camiseta, comumente se nota a identificação da cidade e dos comerciantes apoiadores do grupo.

Conforme os grupos vão aumentando o número de participantes, aumenta também a possibilidade de incrementar a estrutura, com o rateio dos custos com mais gente. Dessa forma, os grupos buscam primeiro um carro de apoio, que transporta a bagagem e insumos, antecipando-se para armar o próximo ponto de apoio. O segundo desejo é ter um carro com a berlinda para ser seguido pelos romeiros. Na figura 47, abaixo, veem-se dois carros com berlinda parados no acostamento enquanto os romeiros almoçam.



**Figura 47 – Carro da Berlinda de grupos de romeiros**

Foto: Ricardo Frugoli (2017)

Os romeiros - individuais ou em grupos organizados - que, inspirados pelo romeiro Zé Bode e outros pioneiros, praticam, nos dias que antecedem o Círio de Nazaré, a romaria entre Castanhal-Belém, enquadram-se em todos os itens apontados por Greenia (2018) em seu artigo *What is Pilgrimage*, referentes às sete principais características da peregrinação mais percebidas e ressaltadas pelos acadêmicos. O quadro 7 relaciona tais características ao comportamento o grupo de romeiros de Nossa Senhora de Nazaré em foco.

**Quadro 7 – Principais características da peregrinação e comportamento dos romeiros de Nossa Senhora de Nazaré**

<b>Principais características dos peregrinos (GREENIA, 2018)</b>	<b>Comportamento dos romeiros de Nossa Senhora de Nazaré</b>
Celebrar uma localização física como um local de acesso simbólico ou real a poderes além do reino humano.	Caminham em direção ao Santuário de Nossa Senhora Nazaré na cidade de Belém para acessar a imagem milagrosa.
Deslocam-se do local habitual, das rotinas diárias e da posição social para empreender uma viagem à liminaridade, onde os papéis sociais e as restrições são eliminados ou transcendidos.	Deslocam-se de suas cidades de origem para Belém, iniciando ou não a caminhada em Castanhal.
Apresentam comportamentos ritualizados e não utilitários no curso de sua viagem ou enquanto saboreiam o objetivo da jornada; desconfortos e provações não são apenas tolerados, mas podem ser bem-vindos e abraçados como componentes essenciais da busca.	Rezam o terço, cantam louvores enquanto caminham os 80 km e, em sua grande maioria, vão calçados com chinelos de borracha e com meias simples que causam calos, bolhas e ferimentos.
Estão presentes em um local que outros designaram como significativo por razões não materiais: estar lá é transformador e enriquecedor, e conecta alguém a valores além do alcance normal do indivíduo.	Vão ao Santuário Nossa Senhora de Nazaré, fazem sua entrega, a entrega de seu sacrifício à Santa e saem se sentindo abençoados por ela.
Aceitam que há um impreciso mas presumível “valor transacional” para a jornada, que um grande esforço pode ter um grande retorno em termos de cura, expiação de culpa ou pecado, indução de um favor divino especial como fertilidade ou uma colheita abundante, proteção contra o perigo, a salvação ou simplesmente a iluminação.	Caminham em direção à Mãe para agradecer por dádivas recebidas ou simplesmente para agradecer. É comum encontrar promesseiros com casos de curas de familiares propondo-se a sacrifícios maiores.
Veem a experiência de peregrinação de antemão como capaz de criar uma memória duradoura.	Vivenciam as experiências espirituais que causam uma renovação e purificação e deixam uma marca na história de vida do romeiro.

Fonte: elaboração própria (2019)

As principais características apontadas por Greenia (2018) nos seus estudos são semelhantes ao comportamento praticado pelo grupo estudado. Os romeiros também celebram uma localização e se destinam a ela, deixando seu local de origem, percorrendo longas distâncias, praticando rituais que transformam a jornada para o indivíduo e para o grupo inesquecíveis, memoráveis.

Apesar do grande número de romeiros na rota descrita, ainda não há, por parte do poder público, o seu reconhecimento e, assim, também não há nenhum movimento ou iniciativa governamental para criar infraestrutura para ela. A falta de infraestrutura para atender os romeiros gera um grave problema ambiental causado pelo descarte aleatório e em grandes proporções de embalagens plásticas de inúmeros tipos e tamanhos, ao longo de todo o caminho.

Acredita-se que possibilitar uma estrutura para coleta seletiva de resíduos e realizar um trabalho de educação ambiental junto ao romeiro, além de também propor uma destinação para o material coletado, mediante parcerias com cooperativas de catadores, por exemplo, minimizaria os impactos negativos da rota. O intenso fluxo pontual e anual de romeiros do Círio de Nazaré precisa ser administrado de forma mais sustentável, em especial no trecho Castanhal-Belém, a fim de beneficiar todos os envolvidos e consolidar essa rota religiosa com um melhor aproveitamento turístico. Na figura 48, veem-se resíduos deixados pelos romeiros à beira da estrada.



**Figura 48 – Sujeira deixada pelos romeiros na BR 316**

Foto: Ricardo Frugoli (2017).

De acordo com Bueno (2015), as relações sociais constituem-se e fortalecem-se por meio de uma forma particular e essencial de interação e torna-se mediadora entre os anseios da

comunidade. Promover ações a favor das questões ambientais, associadas às práticas de acolhimento, pode possibilitar o fortalecimento da rota e a possibilidade de transformá-la em um atrativo regional e em um produto importante do turismo religioso brasileiro e internacional. Com isso, as cidades situadas no decorrer do caminho poderiam se organizar e oferecer um acolhimento melhor aos romeiros, criando pontos de apoio com água e banheiro. Há ainda a possibilidade de associar a essa rota patrimônios culturais de realce nas cidades que a compõem, de forma a consolidá-la como rota permanente e não sazonal.

As relações que se estabelecem entre a população que acolhe e os romeiros que são acolhidos ultrapassam a comunicação interpessoal, pois são mediados pelo sagrado, e não pelos indivíduos; são irmanados na fé, no fato de serem todos filhos de Nossa Senhora de Nazaré. E, conforme Baptista (2008), falar de lugares de acolhimento significa dizer lugares abertos ao outro. Nesse caso, a hospitalidade encontra-se revestida de uma função acolhedora propícia às condições relacionais fundamentadas no espírito da dádiva e da solidariedade.

## CONCLUSÕES

Esta tese investigou a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré como um evento religioso de expressão que faz parte do Círio de Nazaré. O foco de análise centrou-se nas ações de acolhimento como uma dimensão da hospitalidade ofertada aos romeiros em diversos lugares planejados ou não no percurso de Castanhal a Belém. Tal posicionamento ampliou as possibilidades narrativas e interpretativas acerca da hospitalidade em manifestações religiosas e ponderou sobre a ligação simbólica entre o sagrado e o profano. Outrossim, revelou que as relações interpessoais instauradas nas vivências do percurso estudado representam, além das devoções e gratidão à santa, valores de solidariedade e de sociabilidade.

O estudo do método etnográfico levou a sua compreensão teórica, cujo domínio proporcionou a sua aplicação na pesquisa de campo, em um processo de avanços e retrocessos, de descobertas e ajustes encadeados do início ao final do trabalho. Um exercício que se mostrou adequado à problemática, pois permitiu ao pesquisador inserir-se no grupo estudado e, de dentro, ultrapassar fronteiras imateriais e ficar perto; e de perto, entender o sentido e a importância do fenômeno para o grupo estudado. Somente por meio da imersão profunda proposta pela etnografia - e no caso do grupo estudado, caminhando, sofrendo fisicamente, rezando e cantando com os romeiros -, foi possível entender as complexas relações de hospitalidade que se dão pelo caminho mediante a distribuição de dádivas.

Entretanto, foi apenas a partir da descrição detalhada da aplicação do método na pesquisa e da definição dos procedimentos de coleta e análise dos dados que se percebeu toda a complexidade de uma pesquisa etnográfica: um verdadeiro desafio acadêmico. Tal desafio foi vencido com a definição de quatro categorias de análise da hospitalidade – figuras, lugares, práticas e romaria – alinhadas à proposta da pesquisa. Obviamente, há outras categorias de análise, como os rituais ou a comensalidade, que não foram priorizados, mas, ao mesmo tempo, não foram desconsiderados, pois se inserem nos lugares e nas práticas de hospitalidade.

Quanto à fundamentação teórica, optou-se por abordar o turismo religioso, ao lado da hospitalidade e do acolhimento, propiciando maior amplitude dos aspectos inerentes às manifestações religiosas como peregrinações e romarias e aos participantes, em um *continuum* de aproximação ao sagrado pelos peregrinos e ao profano pelos turistas. Embora a literatura indique os peregrinos como o termo para nomear esses viajantes motivados pela fé, adotou-se a denominação de romeiro para indicar os participantes da romaria estudada, uma vez que eles se intitulam como tal e não se reconhecem como peregrinos. Também se questionou a adequação do termo turismo religioso, por considerar que os fluxos de viajantes motivados pela

fé têm uma representatividade, volume e particularidades que deveriam configurar um segmento mais acertadamente chamado de *turismo de fé religiosa*.

Em complementação, estudar o Caminho de Santiago de Compostela possibilitou perceber a presença das práticas de hospitalidade, as quais colaboram para consolidação e sucesso desse caminho milenar. Da mesma forma, constatou-se que a rota Castanhal-Belém, em uma trajetória de cerca de quarenta anos de existência, percorrida por milhares de romeiros que aumenta a cada ano, também conta com a sustentação das práticas de hospitalidade por parte de anfitriões desconhecidos no acolhimento a hóspedes também desconhecidos.

Detalhar a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré, desde sua origem com a promessa de um devoto à santa até 2017, foi possível graças à observação participante proposta pela etnografia, a partir da qual o pesquisador pôde coletar dados e documentos entre os participantes e, assim, entender e descrever a história do grupo e de seus principais protagonistas – Zé Bode, quem a originou, e Nazareno Abraçado, quem a organiza até os dias atuais. Ao mesmo tempo, verificou-se como a estrutura foi sendo criada, ampliada e modificada para acolher os romeiros que percorrem o caminho para participarem das festividades da Santa, com adaptações desse acolhimento a situações muito variadas.

Uma característica muito importante da festa, seja religiosa, folclórica ou de qualquer outra modalidade, é a suspensão da temporalidade ordinária e a instauração de um tempo especial acrescido do sagrado nas comemorações do Círio de Nazaré. Entre os habitantes da cidade de Belém instala-se um tempo suspenso, percebido nas formas de convivência entre os próprios moradores, muito receptivos e abertos ao outro, e nas práticas de hospitalidade que se manifestam para acolher o hóspede desconhecido, o romeiro. A temporalidade do sagrado e a celebração da Santa - que de certa forma dá identidade ao grupo -, implicam a transformação e o reavivamento tanto da solidariedade quanto da coesão dos participantes dessa ação que evidencia o estreitamento de suas relações.

Tem-se, de um lado, a “aventura da solidariedade”, vivida pelos anfitriões que se desdobram em criatividade para acolher, e, de outro, as experiências dos romeiros nessas relações com seus anfitriões, os quais se beneficiam das práticas de hospitalidade e têm seus efeitos “selva” vividos na romaria, minimizados com a distribuição de dádivas, tanto na estrada quanto dentro da cidade de Belém.

Percebeu-se que os romeiros são diferentemente motivados, mas todos se deslocam movidos pela fé e são amparados e auxiliados por devotos ou não devotos, os anfitriões, que buscam minimizar as dificuldades destes, oferecendo abrigo, fazendo curativos e distribuindo água e alimento entre outras ações. Com isso, há o encontro com uma multiplicidade de

motivações, de novas ou renovadas formas de acolher, evidenciando que a hospitalidade e o acolhimento se integram de forma harmônica e favorecem condições relacionais diversas. Durante o deslocamento dos romeiros que participam do Círio de Nazaré, depara-se com a emergência de lugares e de formas espontâneas de acolhimento, configurando particularidades da hospitalidade nesse tipo de turismo religioso.

A cidade, por estar recebendo, torna-se uma casa aberta ao hóspede durante o período da Quadra Nazarena, mas não é uma casa comum: Belém se torna a Casa da Mãe, uma grande casa que acolhe e, no pensar do romeiro, é a habitação da Mãe de Jesus, o filho de Deus. Ela também é mãe não só do romeiro como de todo o povo paraense, do pobre e do rico, e isso dá uma identidade sagrada a esse devoto.

No período, os filhos de perto, que moram na cidade, recebem os filhos de longe, do interior: acolhem e cedem lugar. Essa regra não está escrita, mas é fortemente presenciada face às práticas de hospitalidade que se manifestam, oferecidas espontaneamente pelo anfitrião - o morador de Belém - ao romeiro, seja ele quem for. Durante o período do Círio de Nazaré, os moradores da capital alternam regularmente seus papéis: ora são anfitriões que recebem os romeiros, ora são hóspedes de outros moradores ao participarem das festividades. Registra-se ainda que os moradores não católicos da cidade de Belém podem não compartilhar da mesma forma de fé, mas não ficam completamente distantes das práticas de hospitalidade: existem os que se dedicam ao voluntariado para acolher romeiros no período principal do Círio e outros que, no mesmo período, prestam serviços diversos, participando também do receber coletivo.

O último lugar de acolhimento tratado nesta pesquisa é a Casa de Plácido, que recebe milhares de romeiros durante o Círio de Nazaré e onde as práticas de hospitalidade medeiam as relações entre anfitriões e hóspedes em todos os seus tempos, ou seja, na recepção, na acomodação (hospedagem), na alimentação e no entretenimento. Anota-se que neste momento foi impossível separar o grupo de romeiros em foco dos demais romeiros atendidos nessa casa, o que não comprometeu a pesquisa, pois as ações de acolhimento são para todos que ali atravessam a soleira da sua porta e se tornam seus hóspedes.

A discussão dos resultados é tratada na integração e interdependência entre o turismo de fé religiosa, a hospitalidade e o acolhimento na Romaria de Nossa Senhora de Nazaré. Há uma trama complexa tecida pelas relações interpessoais entre anfitriões e hóspedes, duas figuras que atuam na cena hospitaleira. Pela dimensão do sagrado, ocorrem as práticas de hospitalidade pelas quais circulam as dádivas, e dessa forma, tal rota de turismo de fé religiosa se mantém viva e se intensifica.

Para o romeiro, a caminhada tem sentido e objetivo sagrados: ele deixou sua casa e família e se encontra em romaria. Ainda assim, em meio às dificuldades, facilmente identifica os lugares preparados para ajudá-lo e a hospitalidade montada para atendê-lo. Ano após a ano, lugares inóspitos e não planejados para receber pessoas transformam-se em lugares provisórios de hospitalidade.

Como já dito, em geral, lugares de hospitalidade são planejados e demandam previsões e preparações para tal fim. O caminho entre Castanhal e Belém até hoje se mantém, e as práticas de hospitalidade iniciadas para atender ao grupo do Zé Bode se ampliam. Os romeiros são como heróis, respeitados por sua fé e coragem, e são ouvidos pelos seus concidadãos. Junto com suas histórias, a fama do acolhimento e da hospitalidade no caminho também ficam conhecidas e famosas.

O encontro entre hóspedes e anfitriões que promovem, por meio das práticas de hospitalidade, uma verdadeira “chuva de dádivas” sobre os romeiros que, com fé, caminham à Casa da Mãe, transforma o percurso entre Castanhal e Belém em uma rota religiosa sazonal, com grande potencial de ampliação do período que se manifesta e do número crescente de participantes.

Os resultados alcançados nesta pesquisa atingiram plenamente os objetivos propostos, ou seja, descreveu-se a Romaria de Nossa Senhora de Nazaré como uma fenômeno que estimula outras romarias que se dirigem a Belém no período do Círio, identificaram-se diversos tipos de devotos e não devotos caracterizados como romeiros e anfitriões, analisou-se a emergência dos lugares de hospitalidade em todo o percurso de Castanhal a Belém e discutiram-se as ações de acolhimento nesses lugares que configuram particularidades da hospitalidade. Diante disso, afirma-se que as práticas da hospitalidade e do acolhimento na Romaria ocorrem em lugares provisórios de hospitalidade durante todo o seu trajeto, nos quais as relações interpessoais entre hóspedes e anfitriões se pautam pela circulação da dádiva na dimensão do sagrado.

Há que se destacar ainda a relevância desta pesquisa no âmbito metodológico, político e social. Efetivamente há uma contribuição ao método etnográfico, quanto às etapas, procedimentos e estratégias para coleta e tratamentos dos dados, como um modelo a ser aplicado em pesquisas sobre a hospitalidade em movimentos de peregrinação religiosa, não se restringindo a manifestações católicas. E há também a oferta de contributos relevantes para a definição de políticas públicas, ações da igreja e organização das comunidades em relação a questões de segurança, infraestrutura, sustentabilidade e responsabilidade social.

Novas perspectivas de estudo se descortinam no encerramento desta tese, de forma a instigar o avanço dos estudos de hospitalidade no turismo de fé religiosa, seja ela católica ou

não. O aprofundamento sobre os lugares provisórios de hospitalidade é uma possibilidade que pode oferecer conhecimentos relevantes tanto no curso da cena hospitaleira, quanto na atuação dos seus protagonistas. Trabalhar para minimizar os impactos ao meio ambiente físico ou formatar uma rota turística permanente podem conformar projetos de ação. No entanto, o que fica para o autor é o sentimento de ser ora um romeiro, ora um voluntário solidário, na alternância de ser hóspede e ser anfitrião em uma experiência compartilhada com outros sujeitos em comunhão caminhando para a Casa da Mãe, que lhe abraça e lhe abençoa pelo seu sacrifício de fé.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. É dia de festa: reflexões sobre os movimentos de transformação do Círio de Nazaré e sua relação com o espaço da cidade de Belém/PA. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 12, n. 24, jul./dez. 2013

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. Revisitando o círio de nazaré a partir da lente sociológica de Eidorfe Moreira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 10, n. 3, p. 591-604, set./dez. 2015.

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar num país “que não é sério”. 1998. Dissertação (Doutorado) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, São Paulo, 1998.

AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da festa à brasileira**. Disponível em: <[http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/rita\\_amaral.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/rita_amaral.htm)>. Acesso em: 05 de outubro de 2010.

ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Festa e turismo religioso: a procissão em louvor ao Nosso senhor dos passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe - Brasil). **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, 2011, p. 96-113.

ARAGÃO, Ivan; MACEDO, Janete Ruiz de. Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares** – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 2012.

AULET, Silvia; HAKOBYAN, Karine. Turismo religioso y espacios sagrados: una propuesta para los santuarios de Catalunya. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 1, n. 1, 2011, p.63–82.

AVENA, Biagio M. **Turismo, educação e acolhimento**: um novo olhar. São Paulo: Roca, 2006.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e Eleição Intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista de Hospitalidade**. São Paulo, Anhembi Morumbi, ano V, n. 2, dezembro 2008.

\_\_\_\_\_. Lugares de Hospitalidade. In: Dias, C. M. de M. (Ed), **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_. Para uma geografia da proximidade humana. **Revista de Hospitalidade**. São Paulo, Anhembi Morumbi, ano II, n. 2, 2005.

BARATA, Paulo André; BARATA, Ruy. Esse Rio é minha rua. In: BÉLEM, Fafá de. O Canto das Águas. Direção artística: Tom Capone. Salvador :WR, 2002. Faixa 12, CD.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade, a busca para uma segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.

BINET-MONTANDON, Christiane. Acolhida: uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

BOUTAUD, Jean Jacques. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Orientações básicas. Brasília: MT, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**. 3.ed. Orientações básicas. Brasília: MT, 2010.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. O Acolhimento Cristão nas Obras de Misericórdia Corporais: a salvação das almas nas ordens terceiras carmelitas das Minas Gerais no século XVIII. In: VARGAS, Heliana Comin Vargas; PAIVA, Ricardo Alexandre (org.). **Turismo, Arquitetura e Cidade**. Barueri: Manole, 2016.

BUENO, Marielys Siqueira. Acolhimento em ambientes turísticos e não turísticos. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, 2015. (Comunicação oral).

\_\_\_\_\_. Festa: o dom do espaço. **Revista de Hospitalidade**. São Paulo, Anhembi Morumbi, ano III, n. 2, p. 91-103, 2. Semestre 2006.

\_\_\_\_\_. Lazer, Festa e Festejar. **Cultur** - Revista de Cultura e Turismo. Ano 02, n. 02., jul/2008

BUENO, Marielys Siqueira; FRUGOLI, Ricardo; FERREIRA, Zenir Aparecida Dalla Costa de Melo. Festa, Cultura e Turismo: relações possíveis. In: XII SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2015, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: AMPTUR, 2015. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/7.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

\_\_\_\_\_. Os domínios da hospitalidade. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p. 7-28, 2003.

\_\_\_\_\_. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, p. 42- 69, 2015.

\_\_\_\_\_. **Projeto Conscientização para o Acolhimento**. Documento não publicado. São Paulo, 2008.

CASTRO, Maria Laura Viveiros. Os sentidos no Espetáculo. **Revista de Antropologia**, v. 42, n. 1, 2002, p. 37 – 78.

CATEDRAL de Santiago, Oficina de Acogida al peregrino. [ on line] Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

CATEDRAL de Santiago, Oficina de Acogida al peregrino. [ on line] Disponível em: <<https://oficinadelperegrino.com>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CHIZOTTI, Antonio. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Volume 16. No. 02. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo; PEREIRA, Raquel Fontes do Amaral; SILVA, Yolanda Flores. O Lazer no Turismo Religioso: uma análise dos discursos no Turismo. **Passos: Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural**, Espanha, Vol. 10 N 5 Pag. 595-603, 2012. Disponível em: [http://www.pasosonline.org/Publicados/10512/PS0512\\_14.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/10512/PS0512_14.pdf). Acesso em 10.09.18.

CIPRIANI, Roberto. Experimentos com histórias de vida. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (Org.). **Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais: Itália/Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

COLLINS-KREIER, Noga Pilgrimage-Tourism: Common Themes in Different Religious, **International Journal of Religious Tourism nad Pilgrimage**: Vol. 6: Iss. 1, article 3, 2018.

CORRADI, Ana Laura. Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Anuário de Comunicação Regional**, Unesco/Umesp, São Paulo, v. 1, n. 1, 1997.

CORUMBÁ, Leon Brasil. **Mapa do trajeto percorrido pela BR pelos romeiros do Zé Bode**. Belém do Pará: Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia, set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mapa do trajeto final percorrido pelos romeiros do Zé Bode**. Belém do Pará: Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico, Mineração e Energia, set. 2018.

COX, Harvey. **A Festa dos Foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, RJ, 1981.

GIL, Carmen Gil de Arriba. Turismo religioso y el valor sagrado de los lugares: simbología identitaria y patrimonialización del monasterio de santo Toribio de Liébana (Cantabria). **Cuadernos de Turismo**, n. 18, p. 77-102, 2006.

DE OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. **Turismo religioso: uma breve apresentação**. Cidade: Editora, 2008.

DERRIDA, Jacques. **De L'Hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

DIAS, Isabel Nunes. **Turismo cultural e religioso no distrito de Coimbra: mosteiros e conventos: viagem entre o sagrado e profano**. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer, Patrimônio e Desenvolvimento) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra.

DIAS, Ricardo. **Fé**. Direção Ricardo Dias. Produção. Cinematografica Superfilmes, 1999.DVD

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Escritório Regional do Pará. **Perfil dos Romeiros na Romaria Fluvial**, Coletiva de Imprensa, Círio de Nazaré, 2017. Pesquisa encomendada pela SETUR, PA – Secretaria de Turismo do Pará, 2017.

DIEESE, PA – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Escritório Regional do Pará. **Turistas no Círio de Nazaré**, Coletiva de Imprensa, Círio de Nazaré, 2017. Pesquisa encomendada pela SETUR, PA – Secretaria de Turismo do Pará, 2017.

DOMÍNGUEZ, María del Mar Rodríguez; ALON, Mercedes Vila. Religious tourism in Galicia: the case o fel Camino de Santiago. In: ÁLVAREZ-GARCÍA, José; RANA, María del Cruz del Río; GÓMEZ-ULLATE, Martín. **Handbook of research on socio-economic impacts of religious tourism and pilgrimage**. Hershey: IGI Global, 2019, p. 86-103.

FERNÁNDEZ ESTÉVEZ, Xerardo. Santiago de Compostela, conservación y transformación. **Arbor**, CLXX, 671-672, p. 473-488, nov./dec. 2001. Disponível em: <<http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/941/948>>. Acesso em: 19 aug. 2018.

FREY, Nancy Louise. **Pilgrim stories: on and off the road to Santiago**. California: University of California Press, 1998.

FRUGOLI, R. (2014). **“Passa lá em casa”** – almoço do Círio de Nazaré – o banquete amazônico. (Dissertação de mestrado). Universidade Anhembi Morumbi, Brasil.

FRUGOLI, Ricardo; REJOWSKI, Mirian. Festas Populares no Turismo Cultural: Sistematização das Pesquisas Acadêmicas sobre o Círio de Nazaré, Belém, Brasil. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, n. 27/28, p. 1195 – 1204, 2017.

GASTAL, Susana. Turista Cidadão: **Uma contribuição ao Estudo da Cidadania no Brasil**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Disponível em : <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153045190808854777108231357126206582002.pdf>> Acesso em 23/05/18

GASTAL, Susana; MARTINS, Cristiane. Hospitalidade e festa do Espírito Santo: Contributos da caridade, misericórdia e comensalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 15=, n. 01 p. 141 – 160, jan-jul de 2018.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. Etnografia & Teoria Antropológica **Revista de Ciências Sociais**, n 44, Janeiro/Junho de 2016, p. 47 – 261.

GONZÁLEZ BONOME, M. La protección jurídica del Camino de Santiago en las distintas comunidades autónomas - O Camiño Portugués. **III Aulas no Camiño**. Coruña: Servicio de publicacións da Universidade da Coruña, 1999.

GOTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. **Revue Communications**, no. 65, No. Special: Hospitalité. P. 59-68, Paris: Editions Du Seuil, 1997.

GOTMAN, Anne. O Turismo e a encenação da hospitalidade. In: BUENO, Maria Lucia; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima (org.). **Cultura e consumo**. Estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: SENAC, 2008.

GOTMAN, Anne. Uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

GRASSI, Marie-Claire. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC, 2011.

GRECIA, George D. What is Pilgrimage?. **International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage**. V.6: Iss. 2, Article 3, 2018.

GURGEL, Geraldo. Destinos do Brasil são tema do Congresso Internacional de Turismo e Peregrinação. **Agência de Notícias do Brasil**, 22 nov. 2017, Ministério do Turismo. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/component/content/article.html?id=8314>> Acesso em 19 fev. 2019.

**Handbook of research on socio-economic impacts of religious tourism and pilgrimage**. Hershey: IGI Global, 2019, p. 375-395.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo Demográfico Brasileiro**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>. Acesso em 16 jan. 2019.

IPHAN, Ministério da Cultura. **Círio de Nazaré**. Belém, 2004

LEÃO, beto. **A festa do Círio - Homenagem aos romeiros**. Gravação Independente. Castanhal, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982

LÓPEZ Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, n. 1, p. 45-50. 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002, pp. 11 – 29.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINS, Paulo Henrique (org.). Prefácio. **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002

MARTINS, Paulo Henrique. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Martins, Paulo Henrique; CAMPOS, Roberta Bivar. **A Polifonia do Dom**. Universidade Estadual de Pernambuco, 2006.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-graduandos em Ciências Sociais da PUC, São Paulo, 2010.

MAUÉS, Heraldo. “Feliz Círio!” – Relatos, interpretações e memórias afetivas de um casal de antropólogos. In: FIGUEIREDO, Sílvia Lima (Org.). **Círio de Nazaré, festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U., 1974.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. **Introducción a la Etnografía**. Madrid: Istmo, 1974.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MELO, Padre Fábio de. **Eu sou de lá**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/pe-fabio-de-melo/eu-sou-de-la>>. Acesso em: 13 set. 2018.

MILLÁN, G., Morales, E. y Pérez, L. (2010). "Turismo religioso: Estudio del camino de Santiago". **Gestión Turística**, no. 13, pp 09-37.

MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade** – Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011.

NETO, Vicente. Santuário católico no Brasil recebe mais turistas que Torre Eiffel. **Portal Brasil**. Ministério do Turismo, Embratur. Brasília, 29 maio 2015. Disponível em: [http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/artigos/arquivos/Santuario\\_catolico\\_no\\_Brasil\\_recebe\\_mais\\_turistas\\_que\\_Torre\\_Eiffel.html](http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/artigos/arquivos/Santuario_catolico_no_Brasil_recebe_mais_turistas_que_Torre_Eiffel.html)> Acesso em 16 set. 2018.

NIKODIMOV, Marie-Gaïlle. Observar, Compreender, Participar. In: MONTADON, Alain. **O Livro da Hospitalidade** – Acolhida do Estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac, 2011.

OBEYESEKERE, Gananath. British cannibals: Contemplation of an event in the death and resurrection of James Cook, explorer. In: BIBEAU /CORIN. **Beyond Textuality** – Asceticism and Violence in Anthropological Interpretation. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.

OHEN, Erick (1992): "Pilgrimage centers: concentric and excentric". **Annals of Tourism Research**, 19(1), pp. 33-50.

OTERO, Eugenio Mariñas. El Camino de Santiago em el Arte y em la Cultura Europea. **TourSpain**, 1990. Disponível em <http://estadisticas.tourspain.es/img-iet/Revistas/RET-106-1990-pag29-42-55162.pdf>. Acesso em 16 set. 2018.

PAES, Dira. Sensações na procissão do Círio de Nazaré. In: FIGUEIREDO, Sílvia Lima (Org.). **Círio de Nazaré, festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.

PARÁ (Estado). Lei nº 4.371, de 15 de dezembro de 1971. Proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará e dá outras providências. Belém, 15 dez. 1971.

PARELLADA, J. E. El turismo religioso. Sus perfiles. **Jornadas de Delegados de Pastoral de Turismo**, Ávila: Conferencia Episcopal Española, 2009.

PEREGRINOS de todos os tempos. Revista Veja, São Paulo, out. 2008, p. 87-88. Suplemento.

PERROT, Danielle. Dádiva – Hospitalidade e reciprocidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade**– Acolhida do Estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: SENAC, 2011.

PITT-RIVIERS, J. (2012). The Law of Hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2, pp. 501- 517.

PROCISSÃO número 225 do Círio de Nazaré leva 2 milhões às ruas de Belém. Portal G1 – PA. 8 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2017/noticia/procissao-numero-225-do-cirio-de-nazare-leva-2-milhoes-de-pessoas-as-ruas-de-belem.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. In: VON SIMSON, Olga de Moraes. **Experimentos com História de Vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

RAFFESTIN, Claude. Reinventar a hospitalidade. Tradução: Profa. Marielys S. Bueno. **Communications**, n. 65, Paris. Editions Du Seuil, 1997.

RAJ, Razak; GRIFFIN, Kevin. Religious tourism and pilgrimage mangement. **International perspective**. 2 ed. Boston: Cabi, 2015.

**Revue Communications**, no. 65, No. Special: Hospitalité. Paris: Editions Du Seuil, 1997.

RIBEIRO, Cristiane Menezes. Turismo religioso: fé, consumo e mercado. **Revista Facitec**, v. 5, n. 1, p. 1-37, ago./dec., 2010. Disponível em: <http://periodicosbh.estacio.br/index.php/e-revistafacitec/article/view/4819/2232>. Acesso em: 10/08/18

RINSCHÉDE, Gisbert. Forms of religious tourism. **Annals of tourism Research**, v. 19, n. 1, p. 51-67, 1992.

RODRIGUES, Jeferson Ferreira. “**Alarga o espaço da tua tenda**”: uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. Importância das peregrinações para o turismo mundial. **Revista Turismo em Análise**, Brasil, v. 11, n. 2, p. 38-44, nov. 2000. ISSN 1984-4867. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/rta/article/view/63516/66259>>. Acesso em: 24 July 2017.

SÃO PIO X, Catecismo Maior. Igreja católica. Permanência. Niterói, 2009.

SARÉ, Angélica. A corda dos promesseiros do Círio de Nazaré. In: FIGUEIREDO, Sílvia Lima (Org.). **Círio de Nazaré, festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.

SCHÉRER, René. Cosmopolitisme et Hospitalité. **Revue Communications**, no. 65, No. Special: Hospitalité. P. 59-68, Paris: Editions Du Seuil, 1997.

SHARPLEY, Richard; SUNDARAM, Priya. Tourism: a sacred journey? The case os ashram tourism, India. **International Journal Tourism Research**, v. 7, n. 3, May/june 2005, p. 161-171.

SILVA, Maria Fátima; BORGES, Isabel Martins. Religious tourism and pilgrimages in the Central Portuguese Way to Santiago and the issue of accessibility. In: ÁLVAREZ-GARCÍA, José; RANA, María del Cruz del Río; GÓMEZ-ULLATE, Martín.

SMITH, Valene. Introduction: the quest in guest. **Annals of Tourism Research**, v. 19, n. 1, 1992, p. 1-17.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 20, p. 249-261, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a12.pdf>>. Acesso em 24/05/18.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 105-124, 2008

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. Ecologia, Nova Era e Peregrinação: uma etnografia de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre: UFRGS, Núcleo de Estudos da Religião, n. 17, p. 97-120, jan./jun. 2010.

TORRE, Maria Genoveva Millán Vásquez de la; FERNÁNDEZ, Emilio Morales; NARANJO, Leonor Maria Pérez Turismo Religioso: estudio del camino de Santiago. **Gestión Turística**, n. 13, 2010. ISSN 0717-1811. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3744671>>. Acessado em: 15 set. 2018.

TRESSERRAS, Jordi. El Camino de Santiago: la gestión sostenible un itinerario cultural transnacional, Jornadas sobre Patrimonio. In: **Jornada sobre la gestión sostenible del patrimonio: los itinerarios culturales y la formación de Europa**, VII. Fundación Abertis, 2007. Disponível em: <[http://www.fundacioabertis.org/rcs\\_jor/pdf\\_tresserras.pdf](http://www.fundacioabertis.org/rcs_jor/pdf_tresserras.pdf)>. Acesso em 10 set. 2018.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. A viagem como experiência significativa. In: GAETA, Cecília; PANOSSO NETO, Alexandre (orgs.). **Turismo de Experiência**. São paulo: Senac, 2010. p. 21-41.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Espaço sagrado, tempo absoluto. **Revista Turismo em Análise**, Brasil, v. 7, n. 1, p. 107-114, may 1996. ISSN 1984-4867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63272>>. Acesso em: 24 July 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v7i1p107-114>.

UNWTO - Organización Mundial del Turismo. El turismo puede proteger y promover el patrimonio religioso. **Press Release**, PR n.14.083, 10 Dic. 2014. Disponível em: <<http://media.unwto.org/es/press-release/2014-12-11/el-turismo-puede-proteger-y-promover-el-patrimonio-religioso>> Acesso em:.....

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. **Horizonte**, Belo Horizonte, p. 31-48, mai. 2009. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/501/526>>. Acesso em: 21 Ago. 2017.

VIEIRA, Almir Martins. Questões hermenêuticas em estudos organizacionais: um olhar sobre a fenomenologia e sobre a etnografia. In.: Encontro da ANPAD, 33, São Paulo, 2009.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE COLETA DE DADOS

### **Dados Objetivos (valido para todos OS DEVOTOS)**

Nome

Sexo

Idade

Origem

Religião

Função

### **Organização do grupo de peregrinos Castanhal/Belem:**

Como surgiu

Qual o tamanho?

Quem organiza? (muda o organizador ou é sempre o mesmo?)

Quanto tempo antes inicia a preparação?

Existe estrutura de apoio?

Quem apoia com a estrutura da peregrinação?

Que tipos de apoios recebe?

Como é a participação da igreja nesta peregrinação?

Como acontece esta peregrinação? Existem paradas? Como são recebidos nas paradas?

Significado desta movimento para o organizador.

Motivação principal de organizar este movimento.

Todos chegam?

Como acontece o apoio aos que se machucam ou que percebem não ter condições de chegar

### **Entrevista com organizador**

Como surgiu ? Que ano foi a primeira? O Zé Bode foi sozinho a primeira vez?

Quando você começa na romaria é como Romeiro?

Quando você inicia a organizar ?

Quais foram as mudanças mais significativas ao longo dos anos?

Você acredita que este grupo organizado tenha motivado ou atraído outras pessoas a praticar esta mesma rota?

Quantas pessoas motivadas pela Romaria Castanhal você acredita que chegam de outros municípios para Romaria de Castanhal? Quais seriam os principais municípios?

Coletei relatos de outros grupos que não caminham junto com a romaria de Castanhal mas que tem como inicio da caminhada Castanhal. Você tinha esta informação? Sabe me indicar as motivações de outros grupos usarem esta origem?

Quais os números aproximados deste ano?

Com relação aos serviços oferecidos quais são os carros e quantos voluntários totais?

O que pode ser melhorado na estrutura?

Ouvi reclamações de falta de apoio por não ter um carro no final ? Como solucionar?

Quantas caixas de agua? Quais as outras quantidades desta romaria?

Apoio e acolhimento: Como é a transição entre apoiar o Zé Bode e o Nazareno e passar a atender um grande grupo?

O que motivou e como o resultado disto?

Quantidades de alimento?

Qual a importância dos acolhimentos voluntários do caminho?

Significado desta movimento para o organizador.

Motivação principal de organizar este movimento.

**Entrevista com os romeiros**

Qual o significado da romaria para você?

Motivação principal de sua romaria?

Como acontece a preparação para peregrinação? (alimentação, recursos, preparação física)

Por que a saída de Castanhal? O que você acha da Casa de Plácido?

Quanto tempo permanece na casa de Plácido?

Quais atividades importantes acontecem durante o seu Círio?

Se você permanece em Belém onde fica hospedado?

Como finaliza o seu Círio? Fica muitos dias em Belém?

Existe já o planejamento para o próximo Círio?

**Casa de Plácido****Organização**

Quando surgiu a casa de Plácido?

Qual o alcance nos atendimentos?

(Quantas pessoas atende media por dia? Muda o fluxo de atendimento durante os 15 dias?  
Quantidade de atendimento dos últimos anos)

Quem organiza?

Quanto tempo antes inicia a preparação?

Qual o período que a casa fica aberta?

Quem ajuda com insumos?

Acontecem os convênios com instituições?

Quantos voluntários trabalham na casa? Como se conseguem voluntários?

Qual a motivação destes voluntários?

Qual o organograma da Casa de Plácido

Existe participação da igreja ou da irmandade?

Existe apoio das instituições públicas e privadas?

Que apoios recebe?

Qual o máximo de peregrinos a casa pode receber ao mesmo tempo?

Qual o significado deste espaço para o organizador?

Qual a motivação principal de organizar este espaço?

### **Anfitrião**

Por que é voluntário?

Qual a função no espaço?

Quantas vezes já participou?

Sempre na mesma função?

Qual a motivação para participar? (fé / promessa / Solidariedade)

Quanto tempo se dedica a casa durante a quadra nazarena?

O que mais te marcou em seu trabalho? ( fato que queira relatar)

Pensa em repetir a participação novamente outros anos?

### **Hóspede**

Origem

Distância (km / horas /dias)

Significado da peregrinação para o sujeito da pesquisa

Motivação principal ( Promessa / Fé / Auxilio ao promesseiro / Companhia ao promesseiro)

Como acontece a preparação para peregrinação? (alimentação, recursos, preparação física)

O que acha da casa de Plácido?

O que acha mais importante na casa de Plácido?

Quais serviços usufruiu? (água, lava pés, entretenimento, alimentação, espaço de descanso, Massagem, ambulatório)

Vai permanecer na cidade?

Quanto tempo?

Onde vai se hospedar?

Pensa em voltar no próximo ano?

### **Entrevista com Secretário de Estado**

Qual a importância do Círio de Nazaré que acontece na cidade de Belém para o turismo do Estado do Pará?

Qual o número de leitos a disposição na cidade de Belém?

Onde e como estão hospedados estes milhares de fiéis que a hotelaria não comporta?

Onde se alimentam estes fiéis que a hotelaria não comportou?

Como são medidos os turistas nesta ocasião?

Os peregrinos que chegam a pé são de alguma forma contabilizados?

Existem números oficiais de quantos chegam a pé na cidade de Belém na ocasião do Círio? Este peregrino é considerado turista religioso?

Os turistas que frequentam o Círio são todos classificados como “turista religioso”?

Como ficam os que não tem motivação religiosa? Os que vem a Belém para assistir à procissão por questões estéticas?

A Secretaria de Turismo apoia o Círio? Como?

A procissão fluvial, hoje parte importante da programação do Círio, foi proposta pela antiga PARATUR. Qual era a ideia? Como avalia o resultado desta proposta.

## APÊNDICE B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Jose Nazareno A H portador do RG 23315413

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e videos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Castanho, 03 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Informante / Pesquisado

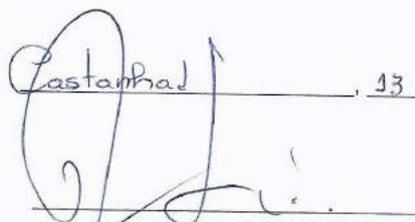
Jose Nazareno A. Grangos Henrique

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu M.º do Socorro M. Rodrigues portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Castanhal, 13 de outubro de 2017

  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

M.º do Socorro M. Rodrigues  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Nilza Maria Pigatti Salmer portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Castanheira, 13 de outubro de 2017



Prof. Me. Ricardo Frugoli

Nilza M. P. Salvador  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Benedito Arcelino A. SILVA portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

 \_\_\_\_\_, 13 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Benedito A. A. da Silva

Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Gildária Nascimento Aguiar portador do RG 6096319, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Bulem, 04 de outubro de 2017

\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

  
Informante/Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Jos. Adelino de Lima portador do RG M 72175, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Blair, 12 de outubro de 2017

  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

1- Eu Maria Augusta de Jesus Lima portador do RG 5289622, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Beliem, 12 de outubro de 2017

Ricardo Frugoli  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

2- Maria Augusta de Jesus Lima  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Letícia de Jesus Lima portador do RG 5289621, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Belisário, 12 de outubro de 2017 Letícia de Jesus Lima  
[Assinatura]  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

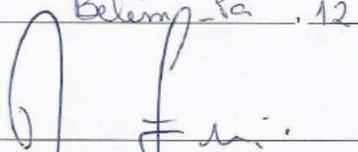
Letícia de Jesus Lima  
Informante / Pesquisado

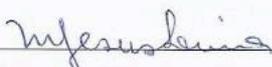
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu MARIA MIRACY DE JESUS LIMA portador do RG 3016237 PC-R, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Belém-PA, 12 de outubro de 2017

  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

  
Informante / Pesquisado

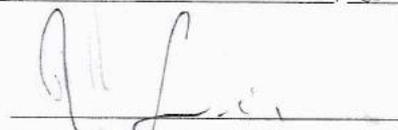
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

1 - Ana Cláudia Cunha Costa - 58.53151  
 2 - Arthur Braga Siqueira da Costa - 4892184

Eu, Vanusa Braga Feres Rodrigues, portador do RG 2667068, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Bilam, 10 de outubro de 2017

  
 Prof. Me. Ricardo Frugoli

3 Vanusa Rodrigues  
 Informante / Pesquisado

1 Ana Cláudia Cunha Costa

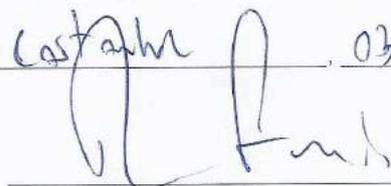
2 Arthur Braga Costa

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Higashawa Kuczyński portador do RG 1762470, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Costa, 03 de outubro de 2017



Prof. Me. Ricardo Frugoli

Higashawa Kuczyński  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Antonio Jonathan Souza de Azevedo portador do RG 5997232, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

[Assinatura], 27 de outubro de 2017

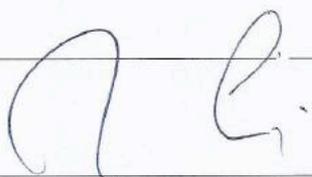
[Assinatura]  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

[Assinatura]  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Geórgina R. Pereira portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli



Informante / Pesquisado

Frugoli @  
Verdes

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Gustavo Gomes Pentes portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Belém, 06 de outubro de 2017

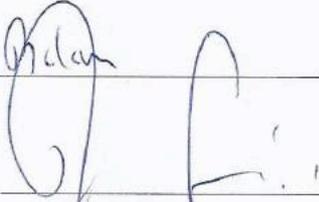
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Ricardo Frugoli

Gustavo Pentes  
Informante / Pesquisado

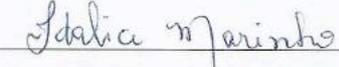
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Idalice Marinho portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

, 06 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Cláudio Barros da Fonseca portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

BAF \_\_\_\_\_, 04 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Cláudio Barros da F.  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu MARIA REGINA ARLINDA VENTURA portador do RG 1724325, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Belaçu, 10 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Maria Regina  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu MARIA REGINA ARLINDA VENTURA portador do RG 1724325, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Belaçu, 10 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Maria Regina  
Informante / Pesquisado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu Antonio Humberto Nasuendo Silva (SALES) portador do RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Antonio Humberto Nasuendo Silva (SALES) . 11 de outubro de 2017

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Prof. Me. Ricardo Frugoli

Antonio Humberto Nasuendo Silva (SALES)

Informante / Pesquisado

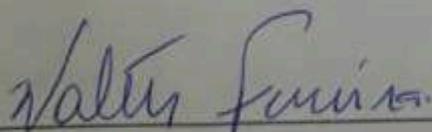
### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, VALTER FERREIRA portador do RG 26899043, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador Prof. Me. Ricardo Frugoli, em pesquisa de doutorado com seu projeto de pesquisa sobre "Peregrinação e Hospitalidade" a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, documentários, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Santa Izabel do Pará, 04 de outubro de 2017.

\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Ricardo Frugoli



\_\_\_\_\_  
Informante / Pesquisado